

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
Escola Nacional de Ciências Estatísticas

Textos para discussão
Escola Nacional de Ciências Estatísticas
Número 28

REINTEGRAÇÃO? TRABALHADORES QUE RETORNARAM AO BRASIL APÓS TRABALHAREM NO JAPÃO (QUESTIONÁRIO C)

Kaizô Iwakami Beltrão†

Sonoe Sugahara‡

Rio de Janeiro

2009

† kaizo.beltrao@ibge.gov.br

‡ sonoe.pinheiro@ibge.gov.br

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Av. Franklin Roosevelt, 166 - Centro - 20021-120 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

Textos para discussão. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ISSN 1677-7093

Divulga estudos e outros trabalhos técnicos desenvolvidos pelo IBGE ou em conjunto com outras instituições, bem como resultantes de consultorias técnicas e traduções consideradas relevantes para disseminação pelo Instituto. A série está subdividida por unidade organizacional e os textos são de responsabilidade de cada área específica.

ISBN 978-85-240-4096-2

© IBGE. 2009

Impressão

Gráfica Digital/Centro de Documentação e Disseminação de Informações – CDDI/IBGE, em 2009.

Capa

Gerência de Criação/CDDI

Beltrão, Kaizô I. (Kaizô Iwakami)

Reintegração? Trabalhadores que retornaram ao Brasil após trabalharem no Japão : (questionário c) / Kaizô Iwakami
Beltrão, Sonoe Sugahara. - Rio de Janeiro : Escola Nacional de Ciências Estatística, 2009.
88 p. – (Textos para discussão. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ISSN 1677-7093 ; n. 28)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-240-4096-2

1. Trabalhadores estrangeiros brasileiros – Japão. 2. Brasileiros – Japão – Identidade. 3. Japoneses – Brasil – Identidade étnica. 4. Imigrantes – Japão. 5. Imigrantes – Brasil. 6. Migração. I. Sugahara, Sonoe. I. IBGE. III. Escola Nacional de Ciências Estatística (Brasil). IV. Série.

Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais CDU 331.024:314.742(81:520)

RJ/IBGE/2009-20

ECO

SUMÁRIO

I - Introdução	7
II – Um breve perfil dos <i>dekasseguis</i> segundo os dados do Censo IBGE 2000 ...	10
II.1 – População <i>Dekassegui</i> e <i>nikkey</i> não <i>dekassegui</i>	14
II.2 – Atividade econômica	18
II.3 – Renda domiciliar.....	21
II.4 – Composição familiar	23
III – Um breve perfil dos <i>dekasseguis</i> segundo os dados da pesquisa ABD.....	25
III. 1 – Características pessoais	25
III. 2 – A vida no Japão.....	33
III. 3 – A readaptação ao Brasil	50
III. 4 – Capacitação	54
IV - Comentários	62
Bibliografia.....	65
ANEXO A - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no Brasil, UFs e municípios selecionados e cotas amostrais	66
ANEXO B – Questionário C.....	76
ANEXO C - Distribuição da cidade de residência no Brasil antes da ida ao Japão e após o retorno segundo sexo - <i>dekasseguis</i> retornados	85

RESUMO

Este texto apresenta os resultados de um dos componentes de um projeto empreendido pela ABD (Associação Brasileira de *Dekasseguis*) sobre os *dekasseguis* em janeiro e fevereiro de 2004, particularmente sobre os dados do questionário aplicado aos *dekasseguis* retornados (Questionário C). Dados do Censo brasileiro de 2000 foram utilizados como contraponto. A população de *dekasseguis* (Censo 2000) é altamente concentrada nas idades produtivas entre os indivíduos nascidos no Brasil e muito mais espalhada entre os nascidos no Japão, inclusive com uma proporção grande de idosos. A notar, a população de crianças que declaram ter nascido no Japão. Na população da amostra, pode-se observar também a concentração da atividade econômica no setor terciário (serviços) e a predominância de empregadores/empresários. A distribuição de renda domiciliar dos *dekasseguis* é diferenciada entre os urbanos e rurais: os da população urbana têm uma distribuição um pouco pior do que os não migrantes e os rurais têm uma distribuição de renda bem superior aos não *dekasseguis* na mesma situação de domicílio. Cabe observar que esta é uma visão parcial, dado que foram considerados apenas os *dekasseguis* retornados (21% dos registros de brasileiros residentes no Japão têm status de permanente). Quanto às fontes de renda da população *nikkey*, entre as famílias *dekasseguis* urbanas e rurais é maior a importância da renda de aluguel, de doações de não moradores e de outras fontes, indicando possivelmente formas alternativas de investimento e da continuidade de remessas do Japão. A proporção de aposentadorias e pensões é menor nestes grupos, reflexo da distribuição etária mais jovem. A grande maioria dos respondentes do Questionário C entrou no Japão com visto de turista, tanto os homens como as mulheres, mas quando da saída do Japão, já tinha visto de permanência temporária. Esta mudança parece indicar um grupo de transição que se beneficiou da alteração da legislação japonesa de migração enquanto estava no Japão, caracterizando os respondentes do questionário C da pesquisa como participantes da segunda fase da temporalização proposta por Naoto (2004), com um possível vazamento para a terceira fase. Consistente com as teorias de migração, a grande maioria alegou razões econômicas para a ida. Semelhante ao ocorrido entre os japoneses quando da sua migração para o Brasil cem anos atrás, poucos declararam a intenção de fixar-se na terra estrangeira. Poucos declararam pensar em acumular experiência em alguma área de trabalho no Japão, já que trabalharam em áreas não relacionadas tanto com o trabalho anterior no Brasil quanto com o trabalho após a volta. Cerca de 15% dos entrevistados declararam ter aprendido algo válido para a sua utilização na sua vida

profissional no Brasil: disciplina /organização /responsabilidade, que permeiam a cultura japonesa em geral, não só a ética do trabalho. A grande maioria dos entrevistados declarou precisar de algum tipo de apoio após a volta (readaptação no país, arrumar trabalho, capacitação profissional, gestão empresarial). Estas declarações reforçam a idéia de um conflito de identidade bem como uma não pertinência a nenhum dos dois países, já que os respondentes declararam também problemas de adaptação no Japão e colocaram em dúvida a possibilidade de reintegração no Brasil.

Palavras chaves: *dekassegui*, remessas internacionais, migração laboral Brasil Japão, retorno de migrantes, reintegração

ABSTRACT

This paper presents the results of part of a project undertaken in January and February 2004 by ABD (Brazilian Association of Dekasseguis) on Brazilian *dekasseguis*, particularly related to the data of the questionnaire applied to returned *dekasseguis* (Questionnaire C). Brazilian 2000 Census data are used as contra point. The *Dekassegui* population (Brazilian 2000 Census) is highly concentrated in the productive age range among those born in Brazil and more widespread among those born in Japan, there included an important elderly contingent. It is worth noting the large amount of children born in Japan. In the sample population, it is noticeable the high concentration on the tertiary sector with predominance of employers / entrepreneurs. *Dekassegui* household income distribution is highly differentiated between urban and rural dwellers: the urban ones present a slightly worse distribution than their non-migrant counterparts, the opposite being the case among rural dwellers. It is worth noting that this is a partial view since 21% percent of the Brazilians registered in Japan have a permanent status. Comparing income sources, urban and rural *dekasseguis* rely more on rents, donations and other non-work sources, possibly pointing at alternative investment modes and persistence of remittances from Japan. The proportion of pensioners is smaller, consistent with a younger age distribution. The majority of male and female respondents entered Japan under a tourist visa but upon return they had already a temporary residence visa. This change indicates that they constitute a transition group that benefited from the change in the Japanese Migration Legislation while still in Japan. This fact places these respondents in Naoto's (2004) second phase with some leakage to the third phase. Consistent with migration theory, the majority alleged economic reasons for their movement. Similar to what happened 100 years ago to Japanese migrants to Brazil, very few declared the intention to settle in a foreign land. Very few respondents considered the possibility of accumulating work experience in Japan since the job they held presented no links either to their previous job in Brazil or the new ones after their return. Around 15% of the interviewees declared that they had learned something important for their professional life in Brazil, discipline, organization and responsibility, values permeating the Japanese culture in general, not just work ethics. The great majority declared the need of some support upon return (re-adaptation to the country, landing a job, professional training, entrepreneurship). These assertions re-enforce the idea of an identity conflict, as well as a sense of not belonging to either of the two countries, since respondents declared also having had adaptation problems in Japan and shed doubts about re-integration in Brazil.

Key words: *dekassegui*, international remittances, labor migration Brazil Japan, return migrants, reintegration

I - INTRODUÇÃO

Este texto apresenta os resultados de um dos componentes de um projeto empreendido pela ABD (Associação Brasileira de *Dekasseguis*¹) sobre os *dekasseguis* brasileiros. O projeto incluiu a aplicação de questionários a três grupos: (i) *dekasseguis* que haviam retornado ao Brasil (questionário C); (ii) *dekasseguis* que se encontravam no Japão em janeiro de 2004 (questionário B) e (iii) potenciais *dekasseguis*, ou seja, brasileiros que tinham planos no curto prazo de irem trabalhar no Japão (questionário A); bem como um levantamento -documental (ver www.abd.net.org.br para descrição do projeto na íntegra).

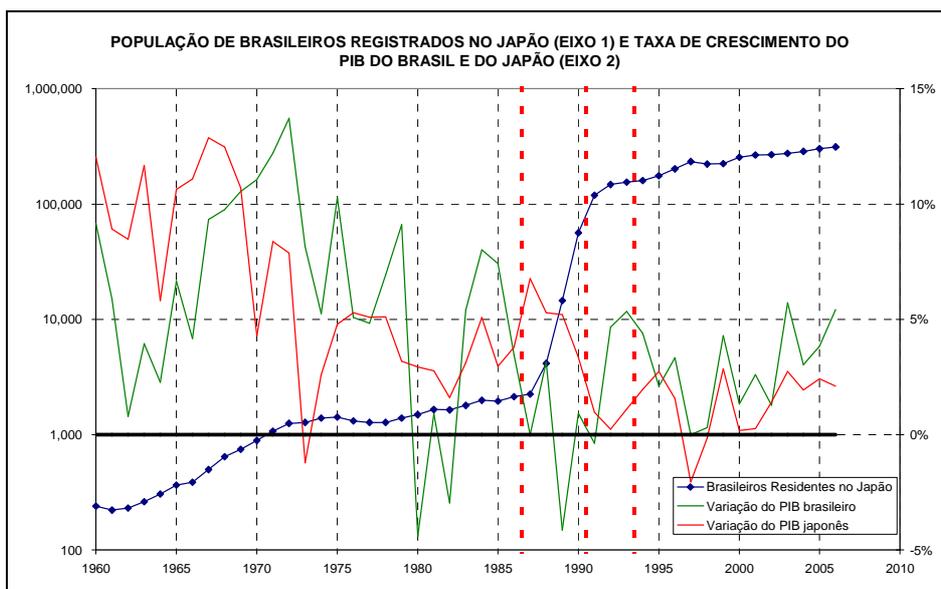
Naoto (2004) classifica a migração dos *dekasseguis* brasileiros para o Japão em quatro períodos: (i) invisível (início da década de 80); (ii) comodificação (segunda metade da década de 80); (iii) migração dos *sanseys*¹ (início da década de 90); e (iv) recessão e transformação do mercado de trabalho (após 1993). No primeiro período, segundo Naoto, a migração invisível foi realizada por *isseys*, fluentes na língua e também possivelmente na escrita. Os dados de brasileiros registrados no Japão (que não incluem nem os *isseys*, nem os *nisseys* com nacionalidade japonesa) apontam porém para um crescimento sustentado desde 1978 (ver Gráfico 1), precedido de um quinquênio de estagnação. Possivelmente parte deste contingente de brasileiros seria formado por cônjuges ou filhos dos *isseys* retornados. O período de comodificação, segundo Naoto principia com a abertura de agências de recrutamento de *nikkeys* no Brasil. O autor argumenta que em 1985 houve uma guinada qualitativa no processo migratório com o primeiro anúncio em um jornal brasileiro de oportunidades de trabalho no Japão – transformando o processo migratório em uma commodity, disponível no mercado e independente de um “capital social” ou econômico do postulante. A comodificação prescinde de redes sociais ligando as regiões receptoras e de origem. Além disso, com as agências de recrutamento, os *nikkeys* iam para o Japão já com um emprego – migração contratada, por oposição a migração especulativa (Molho, 1986) e com a possibilidade de ter a passagem financiada pelas agências, bem como ter acesso à moradia da agência ou da empreiteira. Nesta segunda fase, antes da promulgação da nova lei de controle migratório em 1990, as entradas dos *nikkeys* no Japão ocorriam pelo que Naoto (2004) chama de porta lateral e concedia-se aos *nikkeys*, vistos como filhos de cidadãos japoneses. Somente em 1990, a legislação formaliza este tipo de migração temporária e concede também o acesso aos vistos renováveis de longa permanência e ao mercado de trabalho para *sanseys* e cônjuges de *nisseys* e *sanseys*, desta vez pela porta principal. Segue-se a esta mudança

1 Ver Beltrão e Sugahara 2009^a, para uma definição do termo *dekassegui*.

2 Segundo o distanciamento geracional com o Japão, os *nikkeys* são desagregados no estrangeiro, em: *Isseys* que são cidadãos japoneses nascidos no Japão; *Nisseys* que são filhos de cidadãos japoneses, porém nascidos no estrangeiro e não registrados como japoneses; *Sanseys* que são netos de cidadãos japoneses; *Yonseys* que são bisnetos de cidadãos japoneses; etc. Estes termos são combinações dos cardinais japoneses (um, *ichi* [一]; dois, *ni* [二]; três, *san* [三]; quatro, *yon* [四]) com um termo, *sei* 世 que pode significar geração, época, etc. Ver Hoshi, 1969.

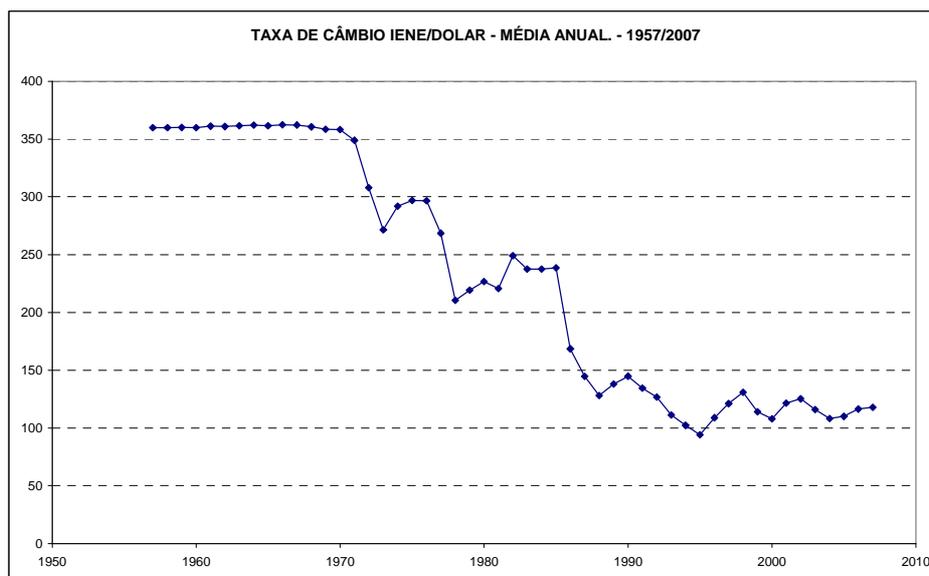
um grande fluxo de *nikkeys* brasileiros. Um outro fator que colaborou para impulsionar o fluxo de brasileiros para o Japão foi a grande valorização do iene frente ao dólar no período pós-acordo do Plaza: queda do dólar quase que monotônica de 1985 a 1995, seguida de uma certa estabilidade com algumas oscilações até o presente (ver Gráfico 2). Os entrevistados do questionário C (*dekasseguis* retornados) desta pesquisa e a população de migrantes retornados do Censo brasileiro de 2000 se inseririam no segundo período de Naoto, com um possível vazamento para o terceiro período.

Gráfico 1 - População de Brasileiros Registrados no Japão (Eixo 1) e Taxa de Crescimento do PIB do Brasil e do Japão (Eixo 2)



Fonte: Bureau de Censos, Ministério do Interior e Comunicações, Japão.

Gráfico 2 – Taxa de câmbio \ (iene) versus \$ (dólar)



Fonte: <http://stats.oecd.org/index.aspx?querryid=169>

Utilizou-se como guia para o desenho das quotas amostrais para a pesquisa sobre os trabalhadores que retornaram ao Brasil após trabalharem no Japão, os dados obtidos através do Censo de 2000 sobre brasileiros, residentes no Brasil na data do Censo, e que declararam estar no Japão cinco anos, antes, isto é, em 1995². É claro que não se pode supor que na sua totalidade fossem todos *dekasseguis* retornados, mas na ausência de informações mais específicas, esta foi a informação utilizada. A população com o último movimento migratório com origem no Japão é maior, mas inclui uma proporção muito maior de crianças e, por isso, optou-se pela utilização da informação de data fixa para os pesos. Esta informação do último movimento foi, porém, utilizado para a definição de *dekassegui*.

A idéia primeira era de concentrar a amostra nas UFs com um maior número de *dekasseguis*. Minas Gerais apesar do grande número declarado, não foi incluída na amostra por não se identificar colônias expressivas de população de origem nipônica, acreditar-se que estariam dispersos e que, portanto, seriam de mais difícil acesso. Pará, por outro lado, com número menor do que Minas Gerais ou Rio tinha uma colônia reconhecida e foi incluída na amostra. Para facilitar a coleta e, dadas as restrições dos entrevistadores, trabalhou-se também com cidades pólo nas UFs escolhidas, tentando distribuir espacialmente a amostra. No estado de São Paulo foram escolhidas: Região Metropolitana de São Paulo, Sorocaba, São José dos Campos, Araçatuba e Campinas. No Paraná, foram escolhidas a Região Metropolitana de Curitiba, Maringá e Londrina; no Pará, a Região Metropolitana de Belém e no Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

Uma outra variável levantada e que se pensou de antemão teria um impacto no comportamento dos migrantes de data fixa ou não, seria a escolaridade. Na seção II são apresentados gráficos das distribuições por sexo, idade e anos de estudo da população migrante. Observa-se que os migrantes apresentam uma escolaridade tipicamente menor para as idades mais jovens e, por outro lado, apresentam proporcionalmente menos indivíduos nos escalões educacionais mais baixos nos grupos etários em idade ativa e mesmo de idosos.

No Anexo A encontram-se as distribuições por sexo, grupo etário e escolaridade da população migrante que norteou a definição das quotas para a amostragem, bem como essas últimas e uma breve descrição do processo de seleção. A distribuição para o Brasil serviu como base para uma pós-estratificação, onde se definiram os pesos de cada indivíduo na amostra. A amostra foi expandida para reproduzir a distribuição de sexo/idade/escolaridade com uma defasagem de 10 anos. Os dados dos questionários foram digitados utilizando-se o pacote CSPRO³. Para as tabulações utilizou-se o mesmo pacote. O método utilizado foi o de bola-de-neve com quotas de características (nível educacional, sexo e grupo etário). As sementes foram obtidas das associações *nikkeys* locais. De um conjunto inicial de 10 nomes, 3 foram sorteados e entrevistados. Cada pessoa entrevistada indicava o nome de mais 3 pessoas. Os nomes eram comparados com a base de indivíduos já entrevistados. Nomes já constantes da base eram eliminados. Sempre que possível era sorteado um dentre os três nomes fornecidos. No final do processo, por causa das quotas a serem preenchidas, este procedimento ficou mais difícil e escolhia-se o indivíduo que preenchesse as características desejadas. No total foram entrevistados 400 pessoas no Paraná (150 na região metropolitana de

² Neste texto refere-se aos residentes no Brasil em 2000 que declararam estar residindo no Japão 5 anos antes com este termo, "migrantes de data fixa".

³ O programa é de domínio público e pode ser baixado no site <http://www.census.gov/ipc/www/cspro/index.html>

Curitiba, 100 em Maringá e 150 em Londrina), 720 em São Paulo (400 na região metropolitana de São Paulo e 80 em cada uma das cidades: São José dos Campos, Araçatuba, Sorocaba e Campinas), 100 na região metropolitana de Belém do Pará e 100 em Campo Grande no Mato Grosso do Sul.

Este texto se divide em 4 seções, sendo esta primeira, a introdução. Os dados obtidos a partir do Censo 2000 e do questionário C são analisados respectivamente, na segunda e terceira seções. A quarta e última seção apresenta os comentários finais. Inclui além do anexo A acima mencionado, mais dois: o anexo B com a íntegra do Questionário C e o anexo C com a distribuição da residência antes e depois da viagem ao Japão.

II – Um breve perfil dos *dekasseguis* segundo os dados do Censo IBGE 2000

Será descrito em linhas gerais nesta seção um perfil dos *dekasseguis* segundo dados do Censo 2000 e, na próxima seção, um perfil dos mesmos, segundo os dados obtidos na pesquisa sobre os indivíduos da amostra que retornaram ao país, após trabalharem no Japão, visando uma comparação entre os dois.

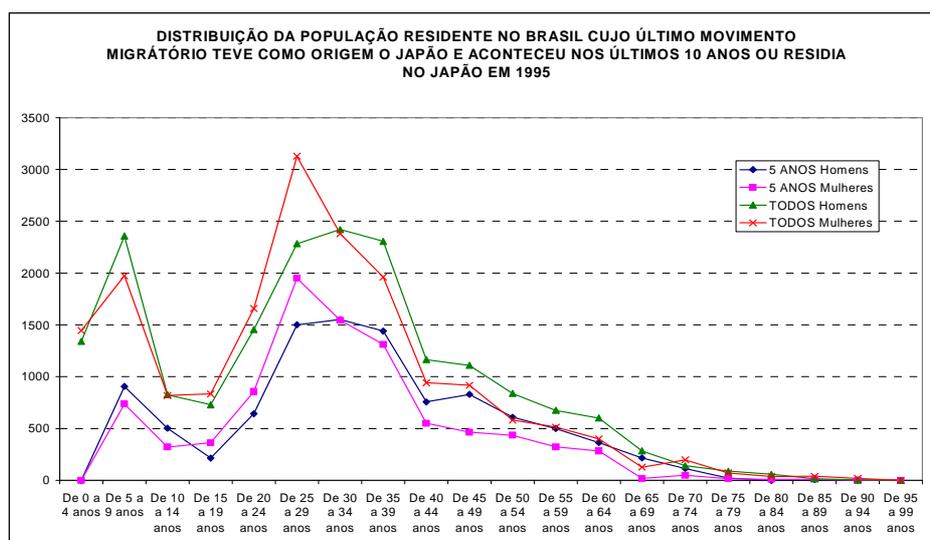
No Censo Brasileiro de 2000, cerca de 20 mil brasileiros, residentes em 31 de julho no Brasil, declararam ter estado no Japão cinco anos, antes, isto é, em 1995 (ver Tabela 1). O Gráfico 3 apresenta a distribuição etária da população masculina e feminina residente no Brasil em 2000 e cujo último movimento migratório teve como origem o Japão, nos últimos 10 anos ou residia no Japão em 1995.

Tabela 1 – População Residente em 2000 por UF de residência, que declararam residência no Japão em 31 de julho de 1995 segundo sexo

UF	Homens	Mulheres	Total
Amazonas	84	74	158
Bahia	54	40	94
Ceará	35	17	52
Distrito Federal	142	88	230
Espírito Santo	18	35	53
Goias	103	163	266
Mato Grosso	120	120	240
Mato Grosso do Sul	355	355	710
Minas Gerais	404	327	731
Pará	199	177	376
Paraíba	8	11	19
Paraná	2.596	2.414	5.010
Pernambuco	18	18	36
Piauí	11	0	11
Rio de Janeiro	259	256	515
Rio Grande do Sul	132	0	132
Rondônia	59	50	109
Roraima	39	13	52
Santa Catarina	126	109	235
São Paulo	5.534	5.005	10.539
Tocantins	5	5	10
Brasil	10.301	9.277	19.578

Fonte: IBGE, Censo 2000.

Gráfico 3 - Distribuição da população residente no Brasil em 2000 cujo último movimento migratório teve como origem o Japão e aconteceu nos últimos 10 anos ou residia no Japão em 1995.



Fonte: IBGE, Censo 2000.

Como já comentado, a outra variável levantada e que se pensou de antemão teria um impacto no comportamento dos migrantes seria a escolaridade. O Gráfico 4 mostra a distribuição da população migrante por grupo etário, sexo e escolaridade. Nota-se a semelhança no tocante à pouca presença de crianças e adolescentes, como na população de brasileiros no Japão. Comparando-se o Gráfico 5 que mostra a distribuição da escolaridade para cada grupo etário de migrantes de retorno do Japão com o Gráfico 6 que mostra esta distribuição para a população amarela como um todo notam-se diferenças marcantes: por um lado os migrantes apresentam uma escolaridade tipicamente menor para as idades mais jovens e por outro apresentam proporcionalmente menos indivíduos nos escalões educacionais mais baixos nos grupos etários em idade ativa e mesmo de idosos.

Gráfico 4 - Distribuição por sexo, idade e anos de estudo da população residente no Brasil em 2000 e que tinham estado no Japão em 1995

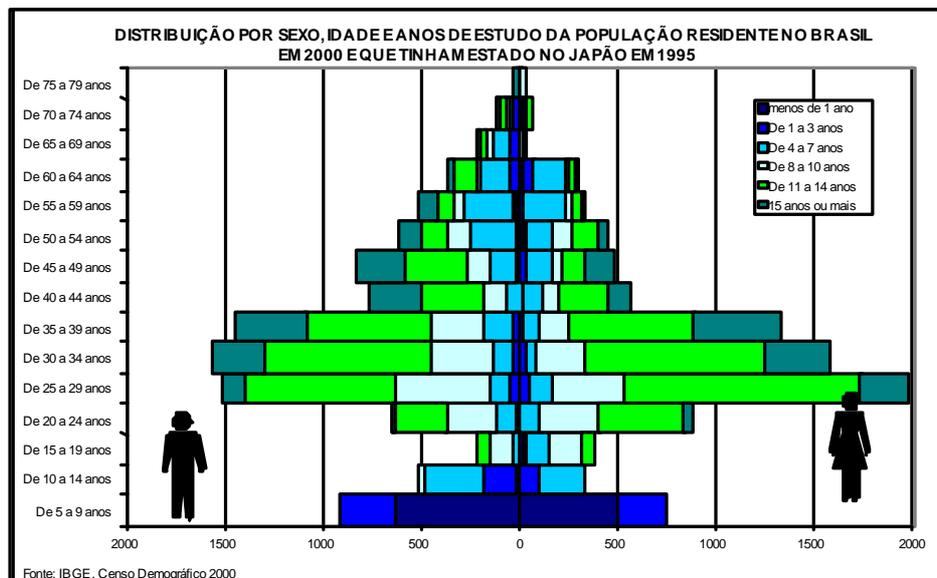


Gráfico 5 - Distribuição por sexo, idade e anos de estudo da população residente no Brasil em 2000 e que tinham estado no Japão em 1995

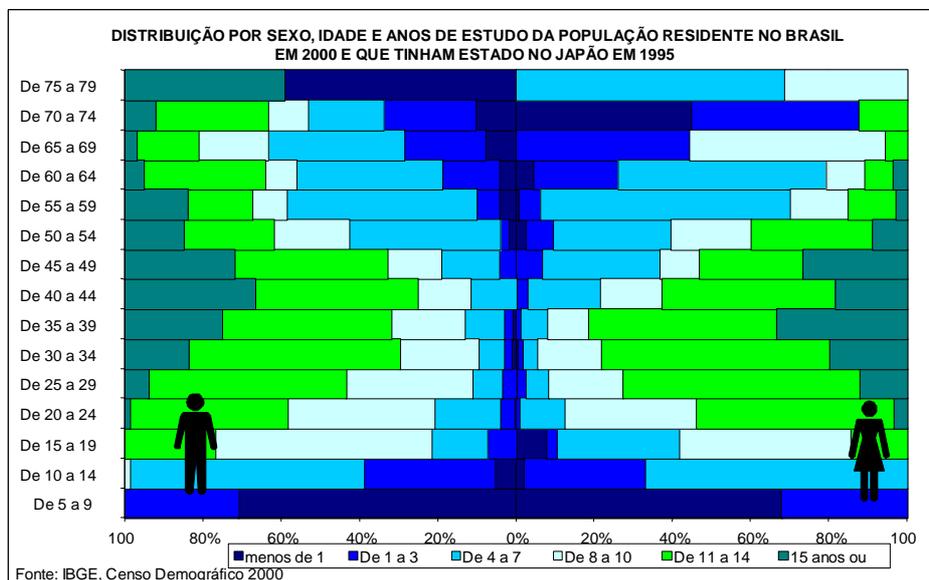
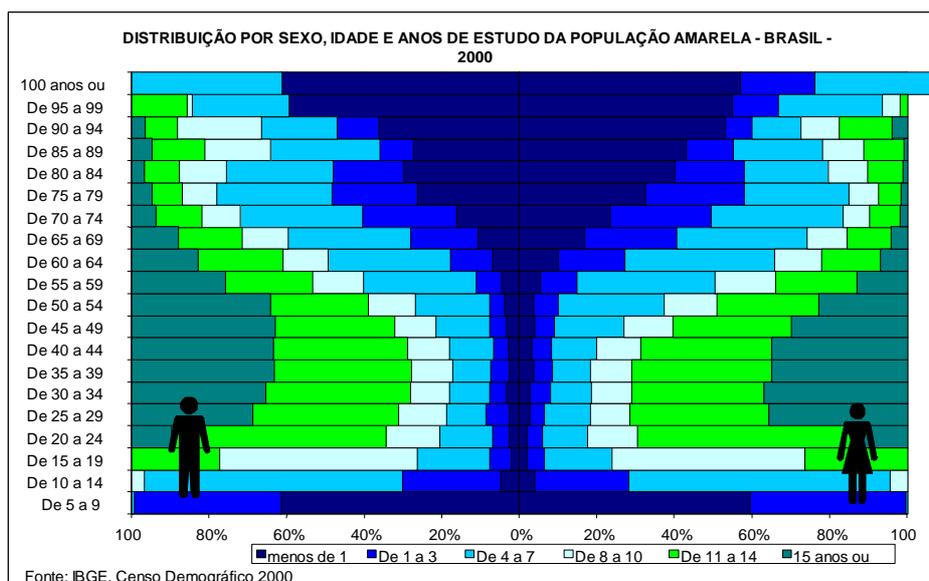


Gráfico 6- Distribuição por sexo, idade e anos de estudo da população amarela residente no Brasil em 2000



II.1 – População *Dekassegui* e *nikkey* não *dekassegui*

Para se definir a população *nikkey* em 2000, utilizando os dados do Censo 2000 considerou-se como *nikkey*⁴ todo o indivíduo em domicílios⁵ onde pelo menos uma das três condições a seguir fosse satisfeita:

- (i) Pelo menos um indivíduo nascido no Japão;
- (ii) Pelo menos um indivíduo que se declara amarelo, excetuando-se as famílias com pelo menos um indivíduo nascido na China, Taiwan ou Coreia (Norte e Sul) ou cujo país de residência anterior ou residência em 31/07/1995 fosse um destes países;
- (iii) Pelo menos um indivíduo cujo país de residência anterior (na década) ou residência em 31/07/1995 fosse o Japão.

Para se definir a população *Dekassegui* (retornado) em 2000, utilizando os dados do Censo 2000 considerou-se como *dekassegui*⁶ todos os indivíduos em domicílios *nikkeys* satisfazendo esta terceira condição, ou seja, onde existia pelo menos um indivíduo cujo país de residência anterior (nos últimos 10 anos) ou residência em 31/07/1995 fosse o Japão. Estes critérios são uma proxy para os conceitos em estudo, pois é possível, por um lado, serem contabilizados japoneses vindo trabalhar ou estudar temporariamente no Brasil que estariam incluídos indevidamente nos dois grupos (o de *nikkeys* e o de *dekasseguis*), ou de *dekasseguis* que fizeram um segundo movimento migratório após a volta ao Brasil e não seriam considerados como tal.

Constatou-se, utilizando-se estes critérios um total de 372 mil domicílios com pelo menos um *nikkey* (ver Tabela 2). Observa-se que cerca de 11% destes domicílios são rurais e que em 7% dos domicílios *nikkeys* encontra-se pelo menos um *Dekassegui* retornado. Os domicílios com *dekasseguis* são preferencialmente urbanos: 94% dos domicílios com *Dekassegui* retornados são urbanos, contra os 89% urbanos entre os que não incluem indivíduos deste grupo.

Tabela 2 – Distribuição dos domicílios *nikkeys* pela condição de haver pelo menos um *Dekassegui* retornado segundo a situação de domicílio

	População			Distribuição na linha	
	Urbano	Rural	Total	Urbano	Rural
Sem <i>dekasseguis</i>	309,335	38,440	347,775	89%	11%
Com <i>dekassegui</i>	23,284	1,509	24,793	94%	6%
Total	332,619	39,949	372,568	89%	11%

Fonte: IBGE, Censo 2000.

⁴Neste texto considera-se a comunidade *nikkey lato sensu*, incluindo japoneses, descendentes e cônjuges (não necessariamente também descendentes).

⁵Excluindo-se os indivíduos não amarelos cuja relação com o responsável pelo domicílio fosse agregado, pensionista, empregado doméstico e parente do(s) empregado(s) doméstico(s).

⁶Nesta definição de *Dekassegui* inclui-se não só o *Dekassegui* retornado, mas também os membros da sua família imediata (*dekasseguis* ou não) vivendo no mesmo domicílio.

Observa-se nos domicílios *nikkeys* um total de 1,4 milhão de indivíduos (ver Tabela 3), a maioria urbano (87%). A distribuição dos indivíduos quase espelha a distribuição dos domicílios: mais *dekasseguis* urbanos e 7% de indivíduos em domicílios de *dekasseguis*. A diferença maior está relacionada com o tamanho dos domicílios: os domicílios rurais sem *dekasseguis* são aparentemente maiores do que os demais, o oposto ocorrendo no meio urbano.

Tabela 3 – Distribuição dos indivíduos nos domicílios *nikkeys* pela condição de haver pelo menos um *Dekassegui* retornado segundo a situação de domicílio

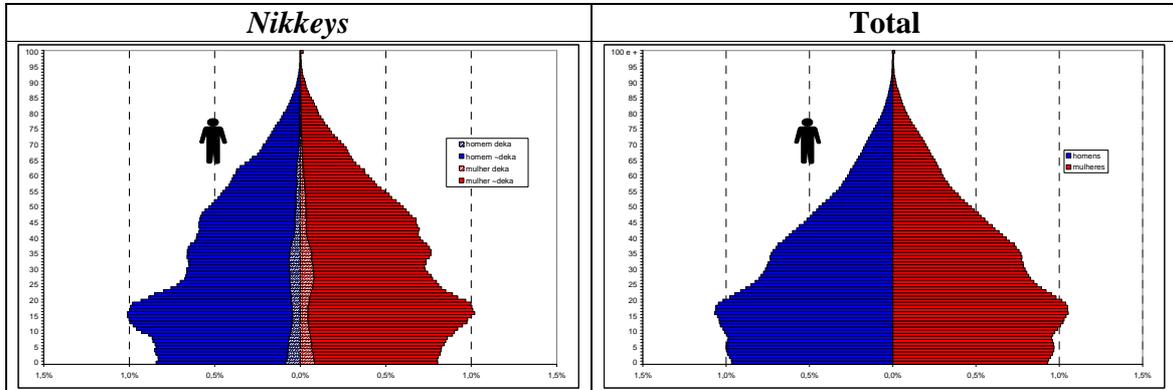
	População			Distribuição na linha	
	Urbano	Rural	Total	Urbano	Rural
Sem <i>dekasseguis</i>	1,108,325	178,704	1,287,029	86%	14%
Com <i>dekassegui</i>	85,893	5,892	91,785	94%	6%
Total	1,194,218	184,596	1,378,814	87%	13%

Fonte: IBGE, Censo 2000.

O Gráfico 7 apresenta a pirâmide etária da população *nikkey* no Brasil segundo o status migratório (*dekasseguis* retornados e não *dekasseguis*) e da população residente no Brasil para se cotejar a distribuição. A população de *dekasseguis* retornados é pequena (6,7%) vis-à-vis a população total de *nikkeys* e constitui cerca de metade a um terço da população de *dekasseguis* brasileiros no Japão na mesma época dependendo da estimativa que se considera⁷. É importante notar a forma da pirâmide populacional dos *nikkeys* com coortes de nascidos decrescentes de 18 anos para baixo, indicando uma fecundidade baixa e em queda. Na população como um todo nota-se algo semelhante, porém, com menor intensidade. A se considerar a distribuição etária, pode-se dizer que a fecundidade é aparentemente mais alta entre os *dekasseguis*, já que a base da pirâmide mostra uma abertura para este grupo. No outro extremo, o pico da pirâmide mostra uma população longeva, com uma fração importante de idosos: 11,3% acima de 60 anos, 4,9% acima de 70 e 1,5% acima de 80. Os números correspondentes para a população como um todo são menores, respectivamente, 8,6%, 3,7% e 1,1%. Cabe observar que entre os *nikkeys* nota-se uma concavidade correspondente às idades 20 a 45 anos, concavidade esta mais proeminente entre os homens. Uma explicação para esta característica pode ser a presença dos *dekasseguis* brasileiros no Japão. Na população como um todo, nota-se também uma concavidade, porém bem menos pronunciada, com uma explicação semelhante: emigração de brasileiros em busca de trabalho no exterior.

⁷ Em 2005, segundo dados do Ministério da Justiça do Japão, aproximadamente 302 mil brasileiros viviam no Japão. Os dados do Censo japonês de 2000 indicam, porém, um valor inferior a 214 mil.

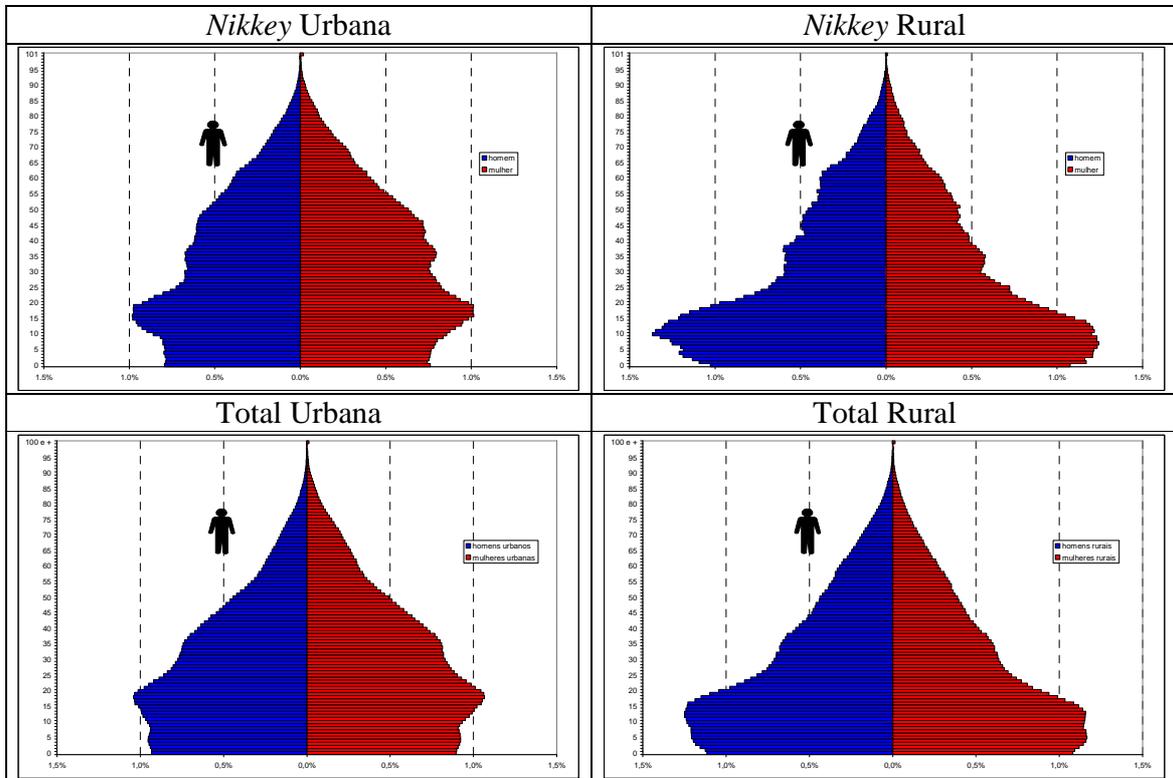
Gráfico 7 – Distribuição dos indivíduos nos domicílios *nikkeys* por sexo e idade segundo a condição de haver pelo menos um *Dekassegui* retornado e da população total – 2000



Fonte: IBGE, Censo 2000.

O Gráfico 8 com a desagregação urbano/rural mostra que a queda da fecundidade foi anterior na zona urbana, mas a longevidade parece não depender da situação do domicílio. A proporção de indivíduos com mais de 80 anos entre os *nikkeys* urbanos e rurais é a mesma, 2,4%.

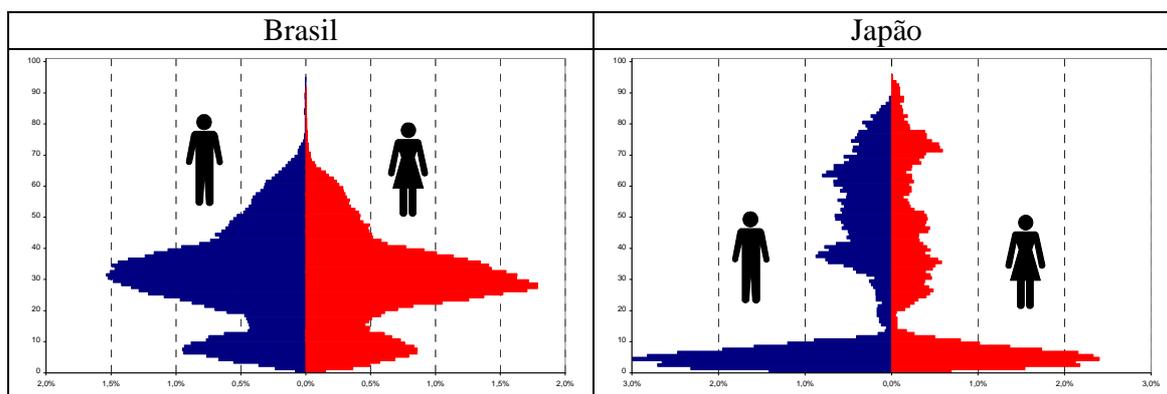
Gráfico 8 - Distribuição etária dos *nikkeys* e da população total segundo situação do domicílio - 2000



Fonte: IBGE, Censo 2000.

A população de *dekasseguis* é altamente concentrada nas idades produtivas entre os indivíduos nascidos no Brasil e muito mais espalhada entre os nascidos no Japão (ver Gráfico 9). A notar a população de crianças que declaram ter nascido no Japão. Destas, cerca de metade se declara como estrangeira e a outra metade como brasileiro naturalizado, mas segundo a lei japonesa se são filhos de *dekasseguis* não são considerados japoneses a não ser que pelo menos um dos progenitores o seja. Esse fato pode sugerir um problema de informação. Entre os nascidos no Japão, a proporção de indivíduos com idade acima de 60 anos é também um ponto notável.

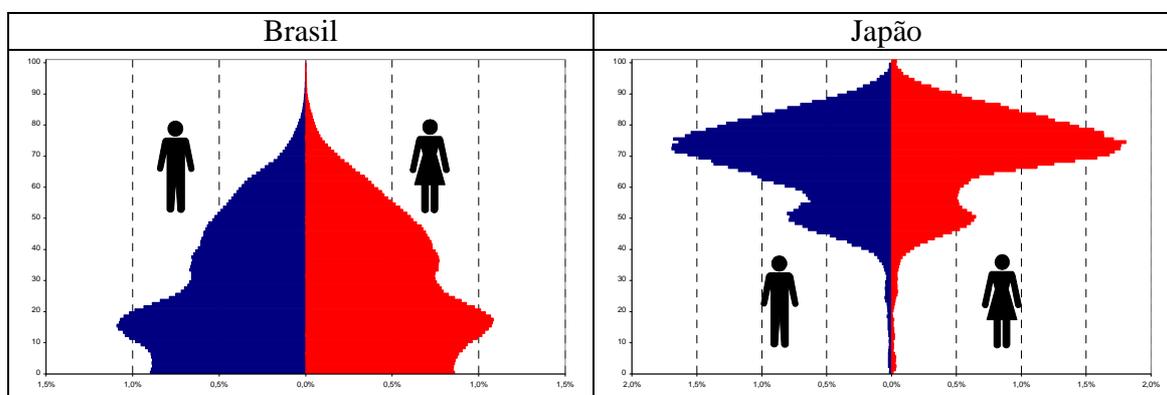
Gráfico 9 - Distribuição etária dos *dekasseguis* segundo lugar de nascimento - 2000



Fonte: IBGE, Censo 2000.

A população de *nikkeys* não *dekasseguis*, como esperado, é bem diferenciada quando se considera o lugar de nascimento: os nascidos no Japão constituem uma população bem mais velha do que os nascidos no Brasil. Fica patente também entre os japoneses que apesar da razão de sexo ser maior que a unidade (indicando mais homens nestes grupos e confirmando a migração referencialmente masculina que ocorreu no passado) abaixo de 70 anos (ver Gráfico 11), são as mulheres que estão em maioria nas idades mais avançadas.

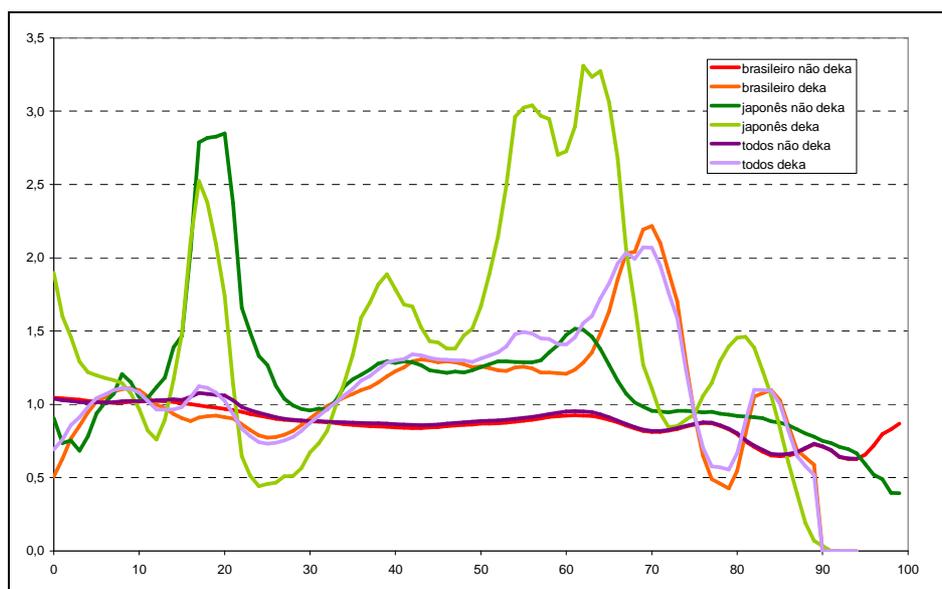
Gráfico 10 - Distribuição etária dos *nikkeys* não *dekasseguis* segundo lugar de nascimento - 2000



Fonte: IBGE, Censo 2000.

O Gráfico 11 apresenta a razão de sexo de diferentes grupos *nikkeys* em 2000. Em linhas gerais pode-se afirmar que os grupos migrantes são preferencialmente masculinos nas idades produtivas (30 e 70 anos): *dekasseguis* brasileiros ou japoneses e os migrantes originais (japoneses *dekasseguis* e não *dekasseguis*). Esta situação se reverte após o período laboral também pela mortalidade diferenciada: mais mulheres do que homens acima de 70 anos. Complementarmente, no grupo de não migrantes, *nikkeys* brasileiros não *dekasseguis* existe uma maior proporção de mulheres em todas as idades acima de 20 anos.

Gráfico 11 – Razão de sexo de diferentes grupos *nikkeys* - 2000

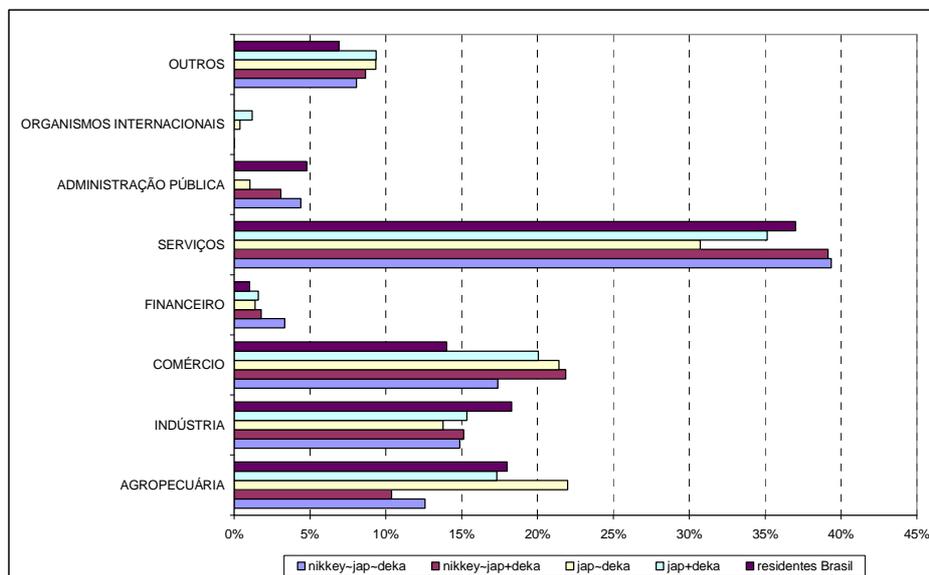


Fonte: IBGE, Censo 2000.

II.2 – Atividade econômica

O Gráfico 12 apresenta a distribuição dos ramos de atividade da população *nikkey* (desagregada por lugar de nascimento e situação de migração) economicamente ativa e empregada em 2000, bem como a mesma informação para os residentes no Brasil. O ramo modal é o de serviços para todos os grupos considerados: em torno de 40% para os brasileiros *dekasseguis* e não, bem como para os japoneses *dekasseguis*; e 33% para os japoneses não *dekasseguis*. Os residentes no Brasil apresentam uma situação intermediária entre os *nikkeys* não japoneses e os japoneses. Agricultura, Indústria e Comércio aparecem como os três grupos principais depois de Serviços, ainda que com uma ordenação interna diferente para cada um dos grupos. O comércio aparece como a segunda opção para os brasileiros *dekasseguis* e não, ainda que mais importante entre os primeiros. Entre os nascidos no Japão, o segundo lugar é a Agricultura para os não *dekasseguis*, e a Indústria para os *dekasseguis*. Os residentes apresentam a menor participação nos setores de comércio e financeiro e maior na indústria e na administração pública quando comparado com os grupos *nikkeys*.

Gráfico 12 – Distribuição do ramo de atividade para os residentes no Brasil e os diferentes grupos de *nikkeys* - 2000



Fonte: IBGE, Censo 2000.

A Tabela 5 apresenta a distribuição entre as ocupações exercidas pelos *nikkey dekasseguis* e não *dekassegui*. (em vermelho, valores máximos nas linhas com diferença de pelo menos 20% entre *dekasseguis* e não *dekasseguis*) e a população ocupada no Brasil. Confirmando a impressão de que estes *dekasseguis* são principalmente indivíduos levantando capital para viabilizar negócios próprios ou familiares, observa-se que a representatividade de Empregadores e de Comerciantes por conta própria é bem superior entre os *dekasseguis* que entre os demais *nikkeys*. Na coluna com as informações dos residentes, os valores grafados em verde são os que apresentam valores mais divergentes com respeito aos *nikkeys*: ocupações técnicas, científicas, artísticas e assemelhadas, ocupações administrativas exceto empregadores, empregadores, e comerciantes por conta própria apresentam uma menor participação da população residente como um todo enquanto a situação é inversa para as ocupações das indústrias de transformação e construção civil, ocupações da agropecuária e da produção extrativa vegetal e animal, ocupações domésticas remuneradas, e ocupações da defesa nacional e segurança pública.

Tabela 4 – Distribuição (%) de grande grupo de ocupações entre residentes no Brasil e os *nikkeys dekasseguis* e não *dekasseguis* – 2000

GRANDE GRUPO DE OCUPAÇÕES	Nikkeys		Ocup
	Não Deka	Deka	
OCUPAÇÕES TÉCNICAS, CIENTÍFICAS, ARTÍSTICAS E ASSEMELHADAS	19,5	14,9	10,1
OCUPAÇÕES ADMINISTRATIVAS EXCETO EMPREGADORES	14,2	12,7	9,5
OCUPAÇÕES DAS INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO CIVIL	13,0	12,9	18,5
OCUPAÇÕES DA AGROPECUARIA E DA PRODUÇÃO EXTRATIVA VEGETAL E ANIMAL	11,1	8,4	16,9
OCUPAÇÕES DO COMÉRCIO E ATIVIDADES AUXILIARES	10,7	13,1	9,7
OUTRAS OCUPAÇÕES E OCUPAÇÕES MAL DEFINIDAS	8,2	9,1	9,3
OCUPAÇÕES DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS EXCETO DOMÉSTICAS	6,2	7,4	8,0
EMPREGADORES	6,1	8,6	2,0
OCUPAÇÕES DOMÉSTICAS REMUNERADAS	3,7	3,4	7,6
OCUPAÇÕES DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES	3,3	4,3	4,7
COMERCIANTES POR CONTA PRÓPRIA	3,1	4,2	2,0
OCUPAÇÕES DA DEFESA NACIONAL E SEGURANÇA PÚBLICA	1,0	1,0	1,7

Fonte: IBGE, Censo 2000.

A Tabela 5 apresenta a posição na ocupação entre os *nikkeys* segundo a condição de migração e situação do domicílio, bem como para a população ocupada como um todo. Nota-se que entre os *dekasseguis* a proporção de empregadores e trabalhadores por conta própria é bem superior à encontrada entre os não *dekasseguis* tanto no meio urbano quanto no meio rural. Em contraposição, os empregados com carteira assinada e os funcionários públicos são mais frequentes entre os não migrantes. O interessante é que mesmo com esta distribuição, a proporção de contribuintes para instituto de previdência oficial é bem semelhante entre os dois grupos (ver Tabela 6) e bem maior do que entre os residentes como um todo.

Tabela 5 – Distribuição (%) da posição na ocupação entre os residentes no Brasil e os *nikkeys dekasseguis* e não *dekasseguis* segundo a situação de domicílio- 2000

	Urbano		Rural		Nikkey		Ocup
	Não Deka	Deka	Não Deka	Deka	Não Deka	Deka	
Trabalhador doméstico com carteira de trabalho assinada	1,00	0,60	0,70	0,70	1,00	0,60	2,27
Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada	2,70	0,50	3,20	1,60	2,80	0,60	5,37
Funcionários Públicos	5,80	3,50	2,10	0,30	5,40	3,30	5,63
Empregado com carteira de trabalho assinada	36,90	27,10	12,20	12,20	34,00	25,90	34,19
Empregado sem carteira de trabalho assinada	15,20	17,70	17,50	10,10	15,50	17,10	18,68
Empregador	9,10	15,00	4,20	13,50	8,50	14,80	2,89
Conta-própria	25,80	31,20	33,50	45,80	26,80	32,30	23,46
Aprendiz ou estagiário sem remuneração	0,80	1,10	0,30	0,00	0,80	1,00	0,44
Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	2,20	3,10	13,80	13,10	3,60	3,80	3,97
Trabalhador na produção para o próprio consumo	0,40	0,30	12,30	2,60	1,80	0,50	3,10

Fonte: IBGE, Censo 2000.

Tabela 6 – Distribuição de contribuição para instituto de previdência oficial entre os residentes no Brasil e entre os *nikkeys* - 2000

	Não <i>Dekassegui</i>	<i>Dekassegui</i>	Residentes
Sim	38,5%	35,7%	19,4%
Não	61,5%	64,3%	80,6%

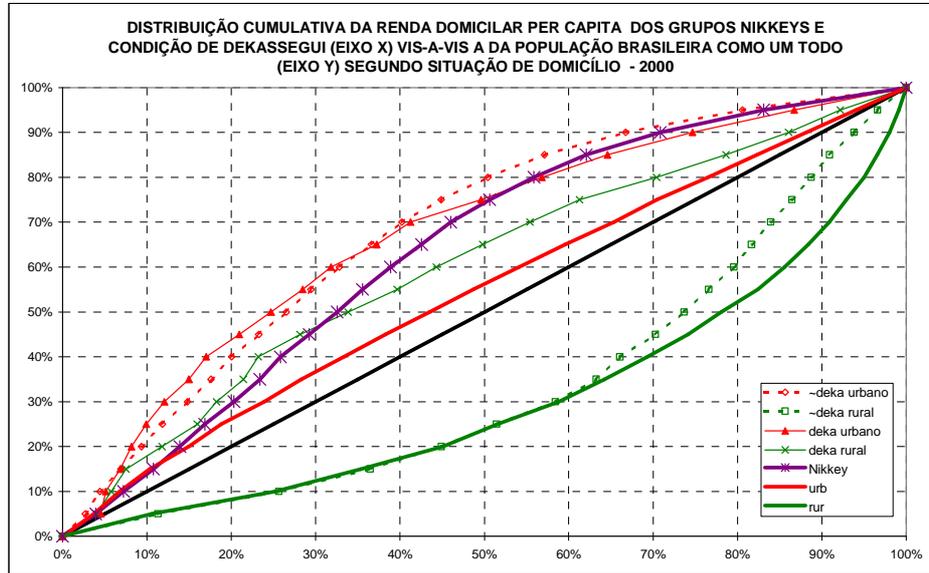
Fonte: IBGE, Censo 2000.

II.3 – Renda domiciliar

O Gráfico 13 apresenta a renda domiciliar acumulada dos *nikkeys* desagregados por situação de domicílio e condição de migração vis-a-vis a distribuição da população brasileira como um todo. Neste gráfico o eixo das ordenadas apresenta a percentagem acumulada da população brasileira segundo vintis de renda domiciliar per capita. O eixo das abscissas representa a percentagem acumulada dos diferentes grupos nos mesmos vintis de renda. Por exemplo, 36,4% da população de *nikkeys* rurais que não são *dekasseguis* retornados (linha verde pontilhada) estão entre os 15% mais pobre da população, valor semelhante aos 35,3% da população rural (linha verde em negrito). A situação é bem mais favorável entre os urbanos, com respectivamente 6,9 e 6,8% da população não *Dekassegui* (linha vermelha pontilhada) e *dekasseguis* urbanos (linha vermelha fina) entre os 15% mais pobres da população brasileira. Entre a população urbana como um todo, este número é 10,3% (linha vermelha em negrito). Para os grupos com rendas mais baixas, o ordenamento é, grosso modo partindo da pior situação: população rural e de não dekas rurais (quase empatados); população brasileira como um todo (linha preta de 45 graus); população urbana; a população *nikkey*, os *dekasseguis* retornados rurais; os não dekas urbanos; e na situação mais privilegiada a população de *dekasseguis* retornados urbanos. No outro extremo da distribuição de renda (grupos mais afluentes) o ordenamento é ligeiramente diferente: os *dekasseguis* ficam posicionados entre a população urbana e a população *nikkey* como um todo.

A distribuição e, possivelmente, a motivação para a migração dos *nikkeys* para o Japão, parece ser diferente entre os urbanos e rurais: na população urbana os *dekasseguis* têm uma distribuição de renda um pouco pior do que os não migrantes pelo menos quando se consideram as faixas mais altas de renda. Por outro lado, os *dekasseguis* rurais tem uma distribuição de renda bem superior aos não *dekasseguis* na mesma situação de domicílio, ainda que estes últimos apresentem uma distribuição melhor do que a distribuição da população rural no país. Cabe observar que esta é uma visão parcial, dado que foram considerados apenas os *dekasseguis* retornados. Entre os *dekasseguis* brasileiros que se encontram no Japão, deve existir também uma diferenciação econômica, dado que 21% dos registros de brasileiros residentes no Japão têm status de permanente.

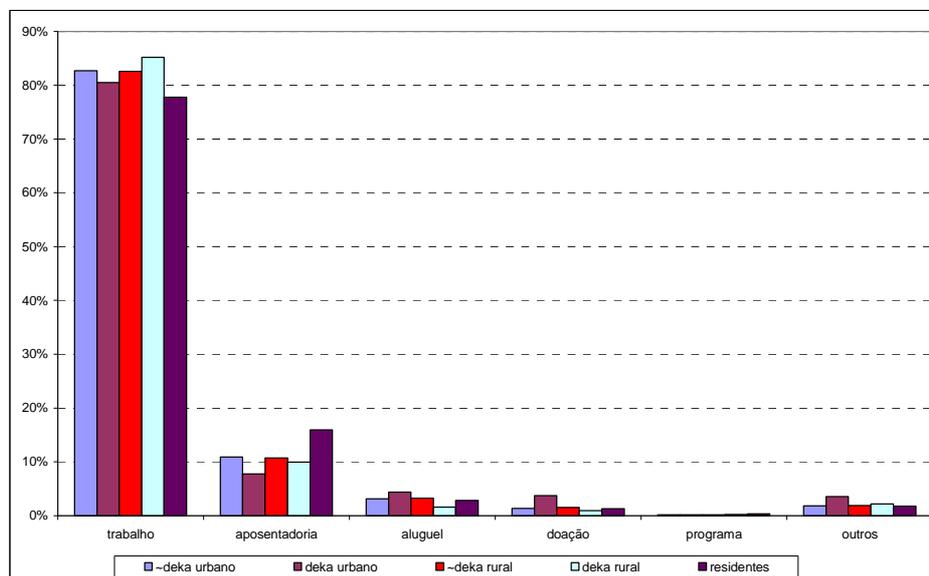
Gráfico 13 – Distribuição cumulativa da renda domicilar per capita dos grupos *nikkeys* segundo situação de domicílio e condição de *Dekassegui* vis-a-vis a população brasileira como um todo - 2000



Fonte: IBGE, Censo 2000.

Considerando-se as fontes da renda domiciliar (ver Gráfico 14), nota-se que entre as famílias *dekasseguis* urbanas e rurais é maior a importância da renda de aluguel, de doações de não moradores e de outras fontes, indicando possivelmente formas alternativas de investimento e da continuidade de remessas do Japão. A proporção de aposentadorias e pensões é menor nestes grupos, reflexo da distribuição etária mais jovem. Em todas as famílias, é o rendimento do trabalho a principal fonte de renda. A notar a maior importância de renda de aposentadoria e pensões entre os residentes e para compensar a menor importância da renda de trabalho. Este resultado é notável pois a população *nikkey* é mais velha e esperar-se-ia uma maior proporção de renda derivada de aposentadoria e pensões. A razão é principalmente ligada a maior participação no mercado de trabalho entre os idosos *nikkeys* do que entre os residentes como um todo.

Gráfico 14 – Composição da renda domiciliar segundo diferentes fontes segundo situação do domicílio e o fato de ter um membro (*Dekassegui* ou não).



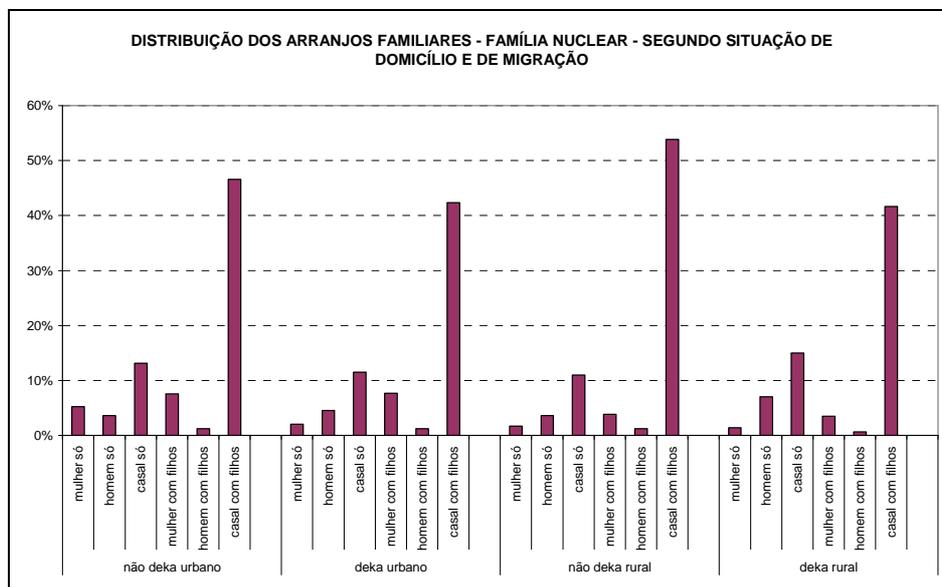
Fonte: IBGE, Censo 2000.

II.4 – Composição familiar

O Gráfico 15 e o Gráfico 16 apresentam a distribuição dos arranjos familiares⁸ dos *nikkeys* segundo situação de domicílio e status migratório, respectivamente para as famílias nucleares e para as famílias extensas. Note no Gráfico 16 as legendas referentes à complexidade da família. Para todos os grupos, os casais com filhos constituem os arranjos dominantes em quase metade dos domicílios, sendo mais prevalente, porém, entre os não *dekasseguis*. Os indivíduos sozinhos (homens e mulheres) são menos de 10% em todos os grupos, variando de 5,3 para os não *dekasseguis* rurais e 8,9% entre os seus contrapartes urbanos. As famílias de *dekasseguis* são usualmente mais complexas do que as demais: pelo menos 30% das famílias formam arranjos extensos nas famílias *dekasseguis*, por oposição a 25% nas outras famílias rurais e 23% nas urbanas. Entre as famílias extensas, o arranjo prevalente é de casal com filhos, com pais, netos, outros parentes e demais arranjos (em torno de 3% de cada tipo). Os *dekasseguis* rurais parecem pertencer a famílias mais complexas do que as demais. Em linha gerais as populações rurais apresentam famílias mais numerosas, e entre estas (ver Gráfico 17), as famílias rurais de não *dekasseguis* são bem mais numerosas do que as demais.

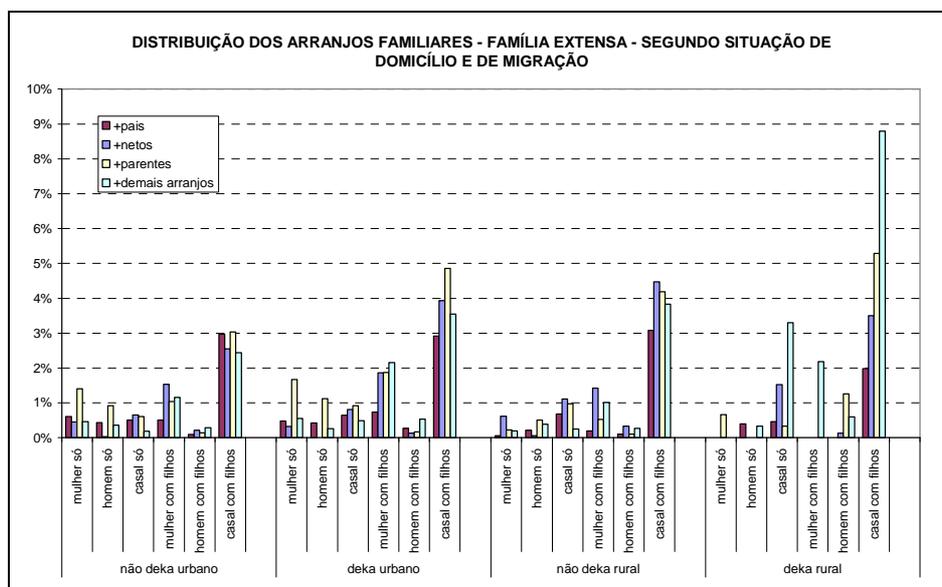
⁸ Não utilizamos a definição de família do IBGE que desagrega por demasiado as unidades domiciliares, às vezes artificialmente. Por exemplo, uma filha com um filho num domicílio é considerada (junto com o filho) como pertence a uma outra família. Neste texto vamos utilizar o termo família para se referir ao domicílio como um todo. No que diz respeito à renda e a outras características foram retirados, agregados, pensionistas, domésticos e seus parentes.

Gráfico 15 – Distribuição dos Arranjos Familiares dos *nikkeys* segundo situação de domicílio e status migratório – Famílias nucleares - 2000



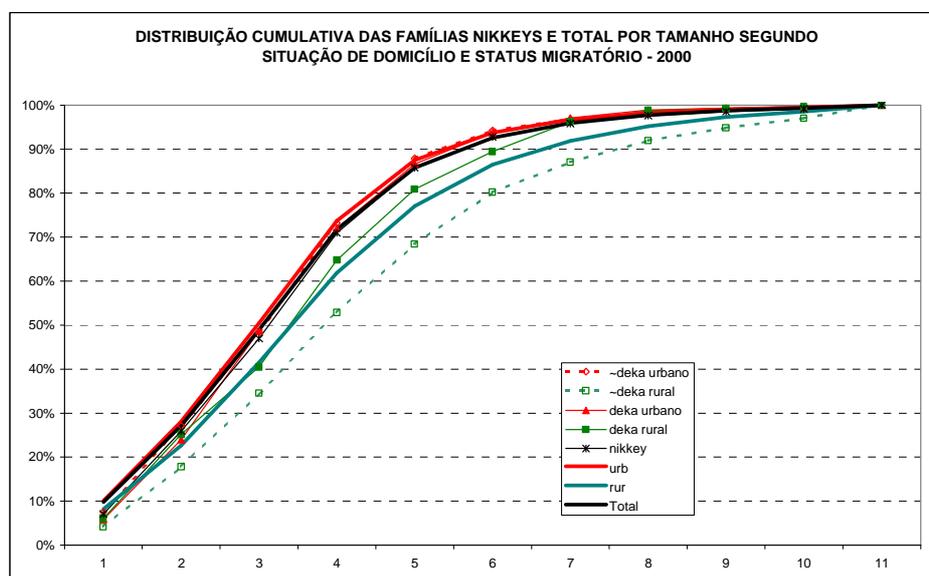
Fonte: IBGE, Censo 2000.

Gráfico 16– Distribuição dos Arranjos Familiares dos *nikkeys* segundo situação de domicílio e status migratório – Famílias extensas - 2000



Fonte: IBGE, Censo 2000.

Gráfico 17 – Distribuição cumulativa das famílias *nikkeys* por tamanho segundo situação de domicílio e status migratório - 2000



Fonte: IBGE, Censo 2000.

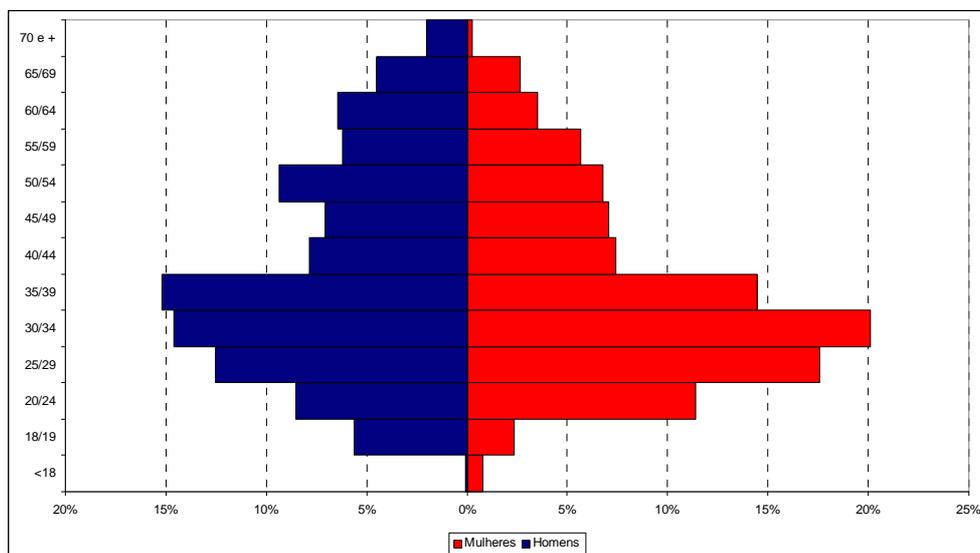
III – Um breve perfil dos *dekasseguis* segundo os dados da pesquisa ABD

No que se segue serão apresentados em tabelas e gráficos os resultados obtidos a partir dos dados extraídos do questionário aplicado aos trabalhadores que já haviam trabalhado no Japão e se encontravam no Brasil em janeiro de 2004 (Questionário C), conforme mencionado na introdução. Esta seção será dividida em tópicos, seguindo o mesmo procedimento adotado no questionário C: 1) características pessoais; 2) vida no Japão; 3) a readaptação ao Brasil; e 4) capacitação.

III. 1 – Características pessoais

O perfil dos indivíduos da amostra que retornaram ao país, após trabalharem no Japão será descrito nesta seção em linhas gerais. O contingente de homens e mulheres é bastante próximo: 51,1% são homens e 48,9% são mulheres. Como pode ser observado no Gráfico 18 com a pirâmide etária, trata-se de um contingente bastante jovem (56,5% dos homens e 66,7% das mulheres têm menos de 40 anos). Por outro lado, o contingente de idosos (acima de 60 anos) é relativamente pequeno: 12,9% dos homens e 6,1% das mulheres.

Gráfico 18 – Distribuição por sexo e grupo etário da população dos *dekasseguis* retornados que participaram da pesquisa – Questionário C



Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

A grande maioria é casada (60,4% dos homens e 55,4% das mulheres), seguido dos solteiros, como pode ser visto na Tabela 7. Divorciados, vivem juntos e viúvos constituem 11,3% dos homens e 16,7% das mulheres. A maior proporção de mulheres não unidas ocorre possivelmente pela menor probabilidade de um re-casamento entre as mulheres, de uma maior proporção de homens casados que vão sozinhos trabalhar no Japão e de uma maior mortalidade masculina.

Tabela 7 – Distribuição do estado civil segundo sexo dos *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Solteiro	27,6%	26,6%
Divorciado	5,9%	9,0%
Casado	60,4%	55,4%
Vive junto	4,5%	3,2%
Viúvo	0,9%	4,5%
Outro	0,2%	0,0%
Sem resposta	0,4%	1,2%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Quando se considera a escolaridade, verifica-se que a grande maioria tem ensino fundamental/médio. Juntos, constituem 79% dos homens e 81% das mulheres, como mostra a Tabela 10.

Tabela 8 – Distribuição da escolaridade segundo sexo dos *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres	Homens (inverso cumulativo)	Mulheres (inverso cumulativo)
Menos de 7 anos	5,3%	4,5%	100,0%	100,0%
Ensino fundamental	43,5%	28,4%	94,7%	95,6%
Ensino médio	35,5%	52,6%	41,3%	67,2%
Ensino superior	15,2%	13,3%	15,8%	14,6%
Especialização/extensão	0,5%	1,1%	0,6%	1,3%
Mestrado/doutorado	0,1%	0,2%	0,1%	0,2%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Em termos de descendência a grande maioria é descendente de japoneses por parte de pai e mãe ou por parte de um deles: 80,5% dos homens e 90% das mulheres, como mostra a Tabela 9.

Tabela 9 – Distribuição da descendência segundo sexo dos *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Descendente por parte de pai e mãe	72,2%	74,2%
Descendente por parte de um dos pais	16,3%	15,8%
Não descendente	10,0%	9,5%
Sem resposta	1,5%	0,5%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

A grande maioria tem descendência japonesa relativamente próxima: 86% dos homens e 88,7% das mulheres têm a geração mais próxima como sendo até a dos avós, como pode ser visto na Tabela 10.

Tabela 10 – Distribuição da geração segundo sexo dos *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Sou japonês	6,6%	5,8%
A de meus pais	42,4%	38,7%
A de meus avós	37,0%	44,2%
Anterior a de meus avós	0,5%	1,6%
Não descendente	7,9%	7,3%
Não respondeu	5,7%	2,4%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Quando se considera a descendência do cônjuge, observa-se que 70,8% dos homens e 74,5% das mulheres têm cônjuge *nikkey*.

A proporção de indivíduos com domínio do idioma japonês é relativamente pequena: apenas 18,6% dos homens e 16,1% das mulheres declaram falar bem o japonês. Quando se considera também o grupo dos que declaram falar de forma regular,

verifica-se um contingente bem maior: metade dos homens (51%) e das mulheres (50,5%), como mostra a Tabela 11.

A proporção de indivíduos que declaram entender bem o japonês é um pouco maior (21,7% dos homens e 20,6% das mulheres). Considerando-se também o grupo dos que declaram um entendimento regular da língua, chega-se a 60% dos homens e 63% das mulheres, como pode ser observado na Tabela 11.

Em termos de leitura, a proporção dos que declaram ler bem é bastante menor: 6% dos homens e 3,9% das mulheres. Mesmo considerando-se os que declaram ler de forma regular, observa-se um contingente de apenas 19,2% dos homens e 22,1% das mulheres, como mostra a Tabela 11. Obviamente a linguagem escrita é uma grande barreira para integração numa sociedade e deve impedir também a aquisição de capital cultural pelas vias usuais, ou seja, via cursos específicos ou leitura de material didático japonês (inclusive manuais de instrução).

Em termos de escrita, a proporção dos que declaram escrever bem é ainda menor: 4,6% dos homens e 3,1% das mulheres, como mostra Tabela 11. Mesmo considerando-se os que declaram escrever de forma regular, a proporção é de apenas 16,2% dos homens e 19,6% das mulheres. A ordenação do conhecimento do japonês segue a ordenação esperada: entendimento, fala, leitura e escrita.

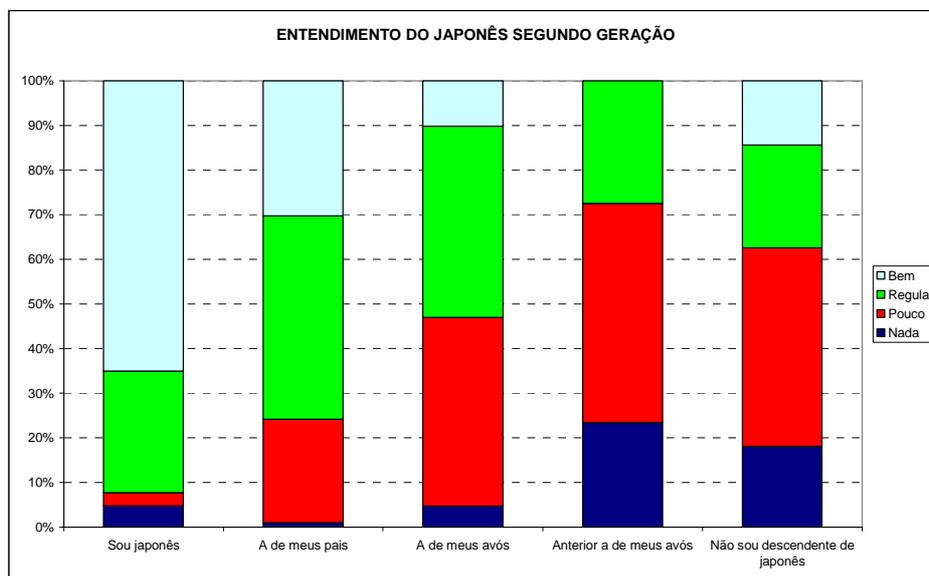
Tabela 11 – Distribuição do conhecimento de japonês (fala, entende, lê ou escreve) segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens				Mulheres			
	Fala	Entende	Lê	Escreve	Fala	Entende	Lê	Escreve
Nada	6,3%	4,4%	27,5%	34,8%	6,9%	4,1%	25,1%	29,6%
Pouco	38,8%	32,5%	46,0%	41,8%	41,2%	31,3%	49,6%	47,6%
Regular	32,4%	38,3%	13,2%	11,6%	34,4%	42,4%	18,2%	16,5%
Bem	18,6%	21,7%	6,0%	4,6%	16,1%	20,6%	3,9%	3,1%
Não respondeu	3,9%	3,0%	7,2%	7,4%	1,4%	1,6%	3,1%	3,3%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

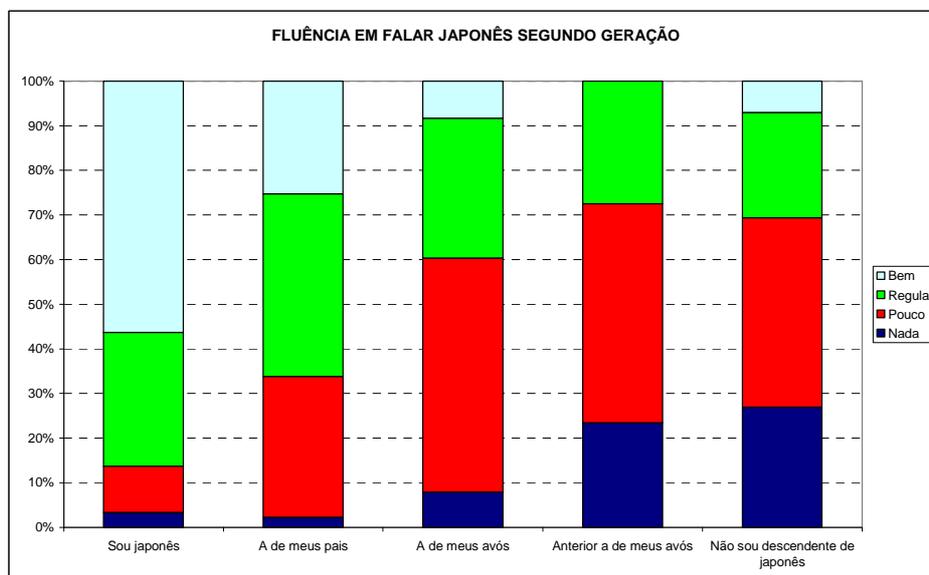
Seria de esperar que indivíduos com ancestrais japoneses vindo do Japão em épocas mais próximas estivessem mais bem preparados para lidar com a língua japonesa. O mesmo deveria acontecer para os indivíduos com maior escolaridade. Os Gráfico 19 a Gráfico 22 confirmam a primeira asserção. A exceção notável é a proporção de *isseys* que declaram não ler nem escrever japonês (ainda que declararem falar e entender), provavelmente tendo vindo pequenos para o Brasil, ainda que a proporção conjunta das respostas “nada” e “pouco” estejam consistentes com a tendência.

Gráfico 19 – Distribuição do conhecimento da língua japonesa segundo geração dos *dekasseguis* retornados - entendimento



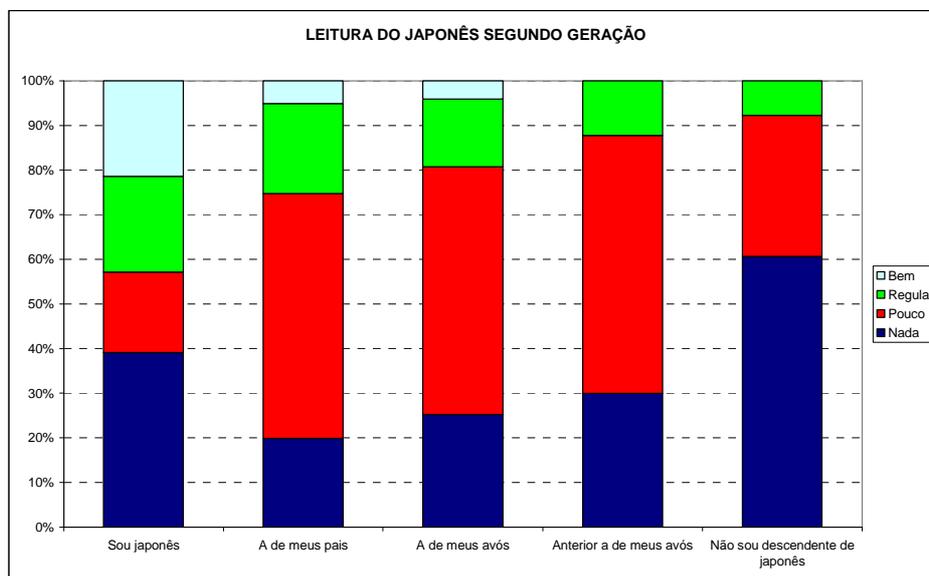
Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Gráfico 20 – Distribuição do conhecimento da língua japonesa segundo geração dos *dekasseguis* retornados - fala



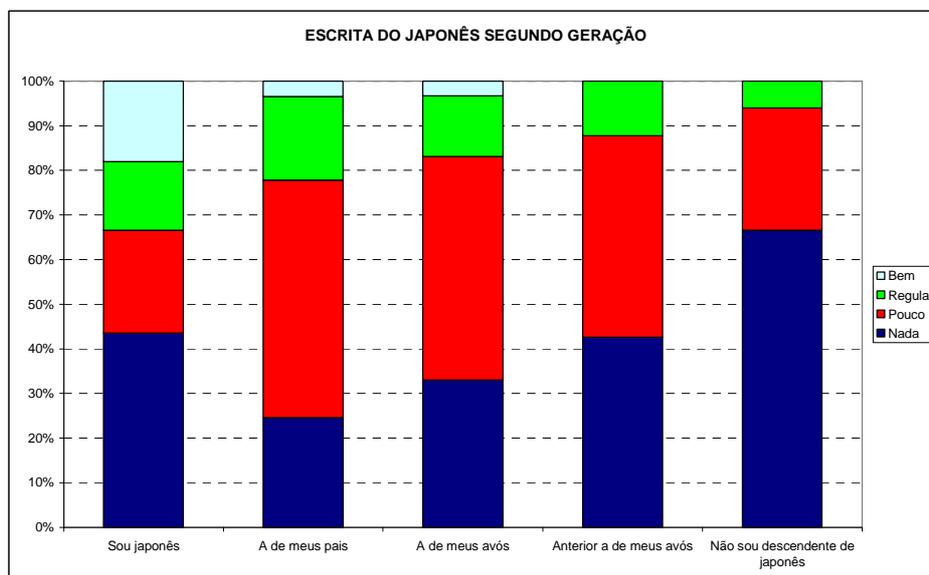
Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Gráfico 21 – Distribuição do conhecimento da língua japonesa segundo geração dos *dekasseguis* retornados - leitura



Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

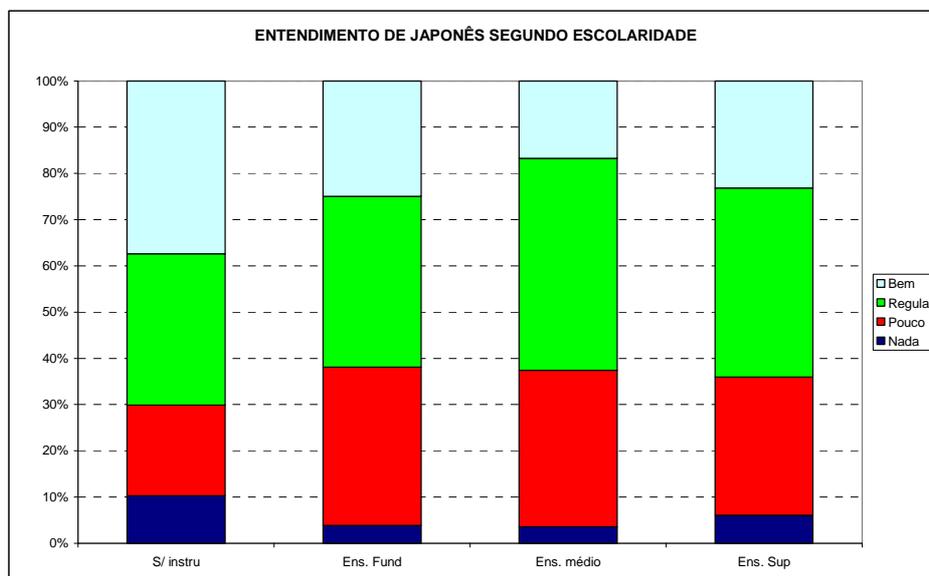
Gráfico 22 – Distribuição do conhecimento da língua japonesa segundo geração dos *dekasseguis* retornados - escrita



Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

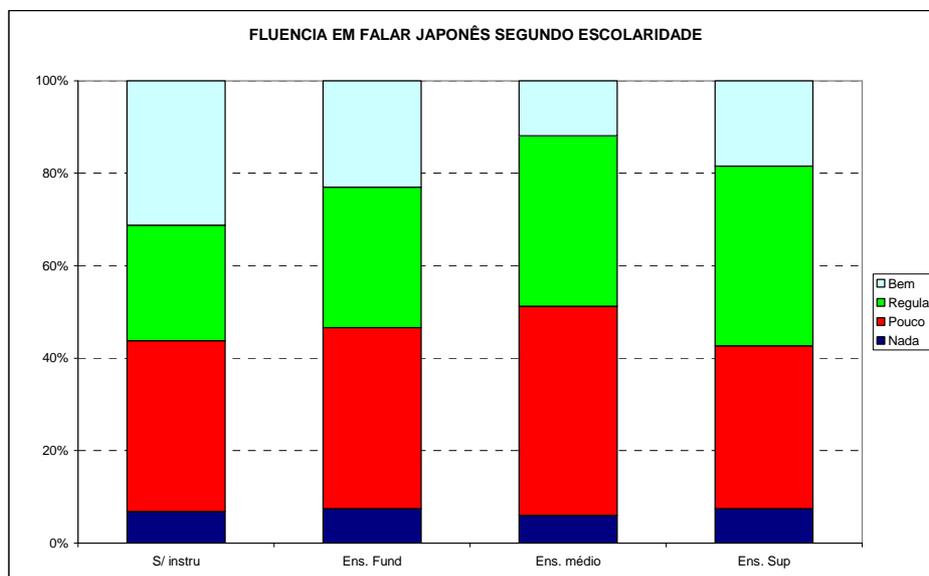
Contrariando as expectativas, com respeito à correlação entre a escolaridade e a fluência no japonês, os resultados não apresentam nem um comportamento homogeneamente monotônico nem a mesma direção para todos os quesitos pesquisados (ver Gráfico 23 a Gráfico 26): por um lado, para leitura e escrita, a fluência aumenta com a escolaridade, e por outro, para entendimento e fala, existe uma correlação negativa. A notar, a situação dos *dekasseguis* retornados com curso superior cujo entendimento e fluência na fala em japonês apresenta uma situação intermediária entre aqueles com até o ensino médio e até o ensino fundamental. O grupo sem instrução (na verdade menos de 4 anos de estudo) apresenta um comportamento discrepante entre a fala/entendimento e a escrita/leitura. Poderiam ser indivíduos da zona rural ainda trabalhando a terra em um sistema de economia familiar ou em colônias, onde se privilegiaria a linguagem falada (em japonês) sobre a escrita.

Gráfico 23 - Distribuição do conhecimento da língua japonesa segundo escolaridade dos *dekasseguis* retornados - entendimento



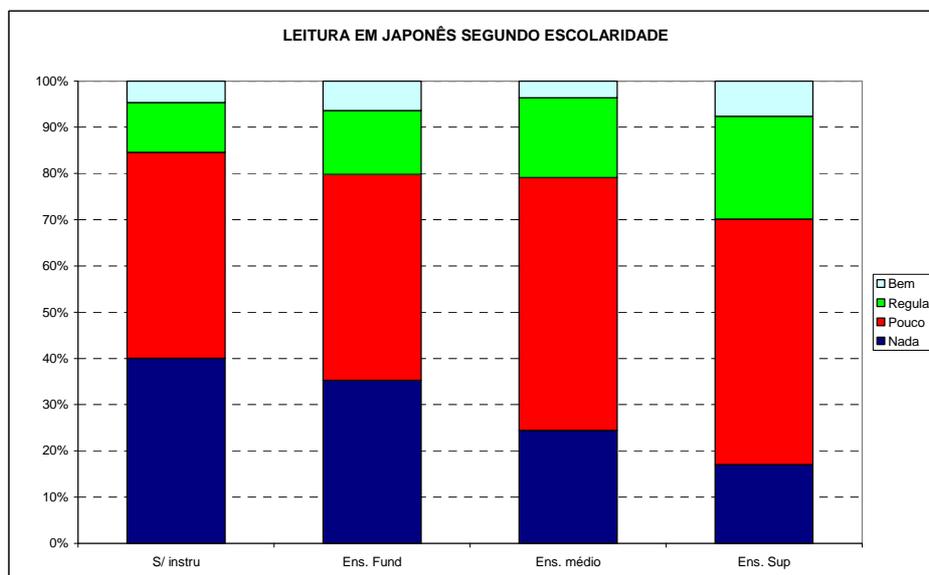
Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Gráfico 24 - Distribuição do conhecimento da língua japonesa segundo escolaridade dos *dekasseguis* retornados - fala



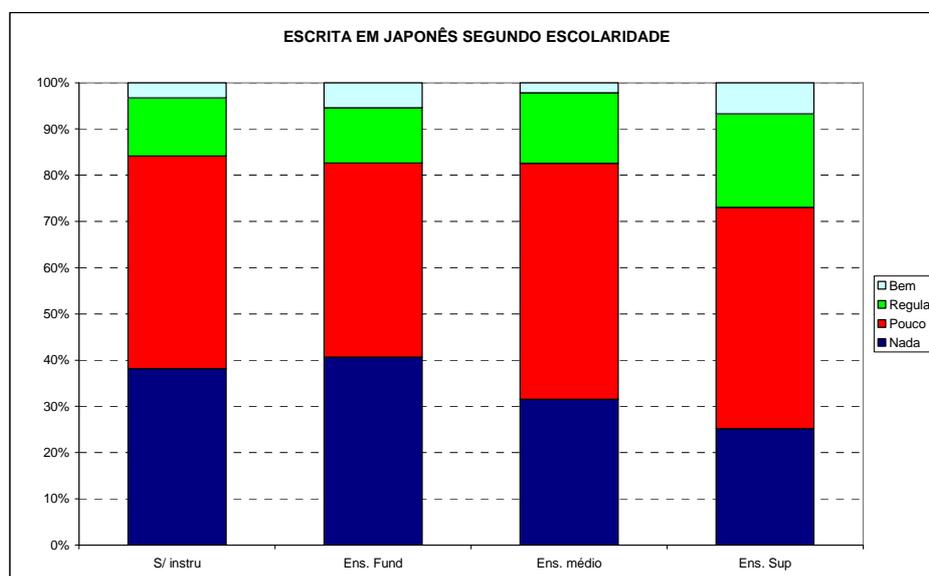
Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Gráfico 25 - Distribuição do conhecimento da língua japonesa segundo escolaridade dos *dekasseguis* retornados- leitura



Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Gráfico 26 - Distribuição do conhecimento da língua japonesa segundo escolaridade dos *dekasseguis* retornados– escrita



Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

III. 2 – A vida no Japão

A maioria dos *dekasseguis* retornados foi acompanhada ao Japão: com cônjuge/companheiro(a), com cônjuge e filhos, com os pais, irmãos, amigos e outros, totalizando 62,6% entre os homens e 79,0% entre as mulheres. Entre os homens, o comportamento modal é ir sozinho (37,2%), enquanto que entre as mulheres, é ir acompanhada com esposo/companheiro (26%), como mostra a Tabela 12. Em linhas gerais pode-se dizer que mulheres viajam com um suporte/estrutura familiar, ao passo que os homens têm uma maior tendência à migração individual.

Tabela 12 – Distribuição da “companhia para o Japão” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Sozinho	37,2%	21,0%
Com cônjuge /companheiro(a)	21,8%	26,0%
Com cônjuge e filhos	15,9%	16,8%
Com os pais	12,1%	12,3%
Com irmãos	8,0%	14,1%
Amigos	0,8%	1,8%
Outros	4,0%	8,0%
Não respondeu	0,0%	0,1%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

A maioria (47,6% dos homens e 55% das mulheres) foi ao Japão só uma vez, como mostra a Tabela 13. Parece que ou a migração para o Japão foi maior no passado entre os homens e agora está sendo realizado também por mulheres, ou existe uma maior proporção de reiterados retornos entre os homens.

Tabela 13 – Distribuição do “número de vezes que foi para o Japão” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
1	47,6%	55,0%
2	30,3%	26,8%
3	14,7%	13,2%
4	5,0%	3,8%
5	1,5%	0,5%
6	0,4%	0,1%
7 ou +	0,5%	0,6%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Uma permanência longa no Japão não é muito freqüente: 10,7% dos homens e 7,6% das mulheres permanecem além de 10 anos, como mostra a Tabela 14. A maioria permanece até 5 anos: 58,7% dos homens e 63,8% das mulheres. O intervalo mediano de permanência é maior entre os homens (consistente com o fato de que estes teriam ido mais vezes). Deve haver um viés de dados censurados, pois os que já retornaram devem, em média, ter ficado menos tempo do que os que ainda não voltaram⁹.

Tabela 14 – Distribuição do “tempo de permanência no Japão em anos” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
0	8,5%	9,9%
1	7,9%	10,1%
2	10,9%	12,9%
3	12,8%	12,7%
4	8,9%	10,8%
5	9,7%	7,4%
6	8,0%	7,0%
7	5,0%	7,7%
8	10,1%	7,3%
9	5,5%	3,7%
10	1,6%	2,9%
+ de 10	10,7%	7,6%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

⁹ Dados do Censo Japonês de 2005, quando comparados com os de 2000, apontam para uma tendência à existência de um contingente de brasileiros envelhecendo no Japão. Esta impressão é reforçada pelo aumento da proporção de brasileiros com residência permanente no Japão.

A maioria não respondeu à pergunta de porque voltou ao Japão, parte devido ao fato de que foram somente uma vez. Entre os que responderam, as respostas mais frequentes foram poupar e “outros”, tanto entre os homens, como entre as mulheres (Tabela 15). Para as mulheres acompanhar a família é a terceira razão mais importante.

Tabela 15 – Distribuição da “razão da volta ao Japão” segundo sexo - *dekassegui* retornados

	Homens	Mulheres
Desemprego	4,5%	3,2%
Insatisfação com renda	4,9%	3,9%
Poupar	15,5%	13,1%
Acompanhar família	0,7%	6,6%
Conhecer o Japão	0,7%	0,3%
Fixar-se no Japão	0,0%	0,1%
Pagar dívidas	2,6%	1,2%
Outros	19,0%	10,3%
Não respondeu	52,1%	61,3%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Tanto entre os homens como entre as mulheres, a maioria encontrou trabalho através de agências de turismo/agenciadoras/empreiteiras confirmando o caráter de commodity da migração *dekassegui*. A segunda opção mais freqüente foi com amigos/parentes (ver Tabela 16). Todas as demais opções, com exceção de “outro”, reforçam o caráter de commodity.

Tabela 16 – Distribuição de “como encontrou trabalho” segundo sexo - *dekassegui* retornados

	Homens	Mulheres
Agências de turismo/agenciadoras/empreiteiras	54,0%	54,5%
Amigos/parentes	33,4%	35,2%
Convite da empresa	3,3%	1,5%
Centro de Informações e Apoio ao Trabalhador no Exterior	0,7%	0,0%
Jornais	2,5%	1,6%
Organizações Religiosas	0,0%	0,3%
Outro	6,0%	6,8%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

A proporção de indivíduos que ficaram desempregados por algum período no Japão é relativamente pequena: 22,9% dos homens e 17,7% das mulheres, mas preocupante, considerando-se que foram para o Japão exatamente com o fim de trabalhar. As taxas brutas de desemprego aberto em 1995 entre os brasileiros residentes no Japão eram de 2,3%, segundo o Censo japonês. Em 2005 estas taxas já alcançavam valores da ordem de 4,1%.

Entre os que ficaram desempregados, o tempo de desemprego não foi tão curto, como mostra a Tabela 17: 75,5% dos homens e 67,9% das mulheres ficaram desempregados até 3 meses no máximo. O tempo médio de desemprego entre os

homens foi de 3,2 meses e entre a mulheres, mais do que o dobro: 7,3 meses. Em particular, é alto o número de mulheres que declarou ter ficado mais de 6 meses desempregada.

Tabela 17 – Distribuição do “tempo em que esteve desempregado no Japão” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
1	25,3%	27,0%
2	22,3%	33,0%
3	27,9%	7,9%
4	7,8%	7,2%
5	3,5%	2,9%
6	6,9%	3,7%
+ 6 meses	6,4%	18,3%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

O imóvel em que residiram foi, na maioria dos casos, das empreiteiras, tanto entre os homens como entre as mulheres (Tabela 18). Os dados do Censo japonês de 2000 e Beltrão e Sugahara (2006, 2009b) apresentam uma distribuição de tipo de moradia para os *dekasseguis* brasileiros no passado recente, menos concentrado em empreiteiras e firmas e com uma maior proporção de aluguéis de particulares (um pouco mais de 50%). Isto possivelmente seria um indicador de uma maior maturidade no processo migratório, com um enfraquecimento do poder discricionário das empreiteiras, mais graus de liberdade nas decisões dos *dekasseguis*.

Tabela 18 – Distribuição do “tipo de imóvel em que residia” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Próprio	0,4%	0,0%
Alugado	27,4%	27,1%
Empreiteira	52,0%	53,1%
Firma	17,3%	17,8%
Outro	2,8%	2,0%
Não respondeu	0,2%	0,0%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Entre os homens, o grupo modal teve a passagem de ida para o Japão custeado pelas empreiteiras/agenciadoras, enquanto que entre as mulheres, foi próprio/família. Como é amplamente conhecida, a opção de custeio, empreiteiras/agenciadoras, tem implicações sérias sobre os rendimentos que o *Dekassegui* auferir no Japão, já que os valores cobrados pelas empreiteiras/agenciadoras para as passagens são em muito, maiores do que os preços de mercado. As opções empreiteira/agenciadora e a firma para a qual trabalhou responderam por 59,9% das passagens dos homens e 54,3% das passagens das mulheres (ver Tabela 19), reforçando o caráter de commodity da migração *Dekassegui* passada.

Tabela 19 – Distribuição de “quem custeou a passagem de ida ao Japão” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
A firma para a qual trabalhou	13,2%	11,7%
Empreiteira/agenciadora	46,7%	42,6%
Próprio/família	39,0%	43,3%
Outro	0,7%	2,1%
Não respondeu	0,5%	0,2%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Quanto ao visto de entrada no Japão, a grande maioria entrou com visto de turista, tanto entre os homens como entre as mulheres (Tabela 20). Por outro lado, quando da saída do Japão, a grande maioria já tinha visto de permanência temporária, tanto entre os homens como entre as mulheres. Esta mudança parece indicar um grupo de transição que se beneficiou da nova legislação japonesa de migração (1990) enquanto estava no Japão, caracterizado entre a segunda e a terceira fase de Naoto (2004).

Tabela 20 – Distribuição do “tipo de visto na entrada e na saída no Japão” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Na entrada		Na saída	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Turista	49,7%	49,9%	4,8%	2,8%
Permanência temporária	41,8%	44,2%	80,2%	85,3%
Permanência permanente	8,5%	5,9%	15,0%	12,0%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Quanto ao objetivo da ida, os entrevistados tinham acesso a uma lista com a possibilidade de concordar ou discordar com a razão listada. Semelhante ao ocorrido entre os Japoneses quando da sua migração para o Brasil quase cem anos atrás, poucos declararam a intenção de fixar-se na terra estrangeira, apenas 1,1% dos homens e 0,5% das mulheres. Esta é, no entanto, uma amostra viesada com respeito a este quesito específico, dado que é constituída de *dekasseguis* retornados. Conforme já mencionado, a proporção de brasileiros residentes no Japão com visto permanente tem aumentado tanto em número absoluto com na proporção do total de residentes.

Quanto às opções da lista de objetivos para a ida ao Japão (ver Tabela 21), uma das razões apontadas para a migração foi fugir do desemprego: em torno de 26% dos homens e 16,9% das mulheres entrevistados declararam ser esta uma das razões para a migração, proporção maior entre os homens do que entre as mulheres. A opção “insatisfação com renda/salário” apresentou uma maior incidência de escolha, tanto entre os homens quanto entre as mulheres, ainda que maior entre os homens. A opção mais escolhida foi “a busca de melhoria de vida”, de alguma forma traduzindo uma busca difusa por uma melhor situação, já que as opções mais objetivas como “poupar para abrir negócios” foram menos freqüentes. Reforçando a idéia da transiência da migração, poucos optaram por declarar ter a intenção de abrir negócio no Japão. Como esperado, e consistente com as informações sobre estrutura familiar dos migrantes, entre as mulheres é maior a proporção de indivíduos que declaram ir ao Japão acompanhando familiares. Depois da opção difusa por uma melhora de vida, entre os homens, a opção de poupar

para abrir negócio no Brasil é a mais escolhida. Um pouco mais de 10% dos entrevistados declarou a opção de poupar para ajudas nos negócios da família. Poucos declaram pensar em acumular experiência em alguma área de trabalho, o que é uma situação realista já que a maioria dos *dekasseguis* trabalha em áreas não relacionadas com o trabalho anterior no Brasil e tampouco relacionadas com o trabalho posterior quando da volta. Além disso, lembra-se que no imaginário coletivo japonês o trabalho de *dekasseguis* no Japão é caracterizado pelos 3 *kis kitanai* (汚い – sujo), *kitsui* (きつい – pesado) e *kiken* (危険 - perigoso). A situação é bem pesada, já que “Os brasileiros incluem ainda outras duas características [a este tipo de trabalho]: exigente [*kibishii* - 厳しい] e detestável [*kirai* - 嫌い]” (ROSSINI, 2004).

Cerca de 20% declaram a opção de migrar para sustentar a família. Entre os homens que declaram esta opção, 40% viajaram sozinhos (sinalizando provavelmente que as famílias ficaram no Brasil) e 43% com esposa/companheira e esposa/companheira/filhos. Já entre as mulheres, 23% viajaram sozinhas e 65% com esposo/companheiro e esposo/companheiro/filhos.

Uma proporção razoável, maior entre as mulheres foi motivada à migração para conhecer o país. Parte da cultura japonesa foi transmitida dentro das famílias via uma oralidade dos mais velhos, migrantes vindo do Japão. A oralidade deve ter criado uma expectativa no imaginário dos ouvintes de um Japão que de alguma forma não podia ser balizado pelas notícias de jornal, requerendo uma confrontação direta com a realidade do país para uma reavaliação dos conceitos/imagens apreendidos e não confirmados. Um pouco mais de 10% declaram a opção de conseguir recursos para pagar estudo e um pouco menos “para pagar dívida”. Os indivíduos que não conseguiram encontrar na lista oferecida a sua motivação para a ida ao Japão foram, em número reduzido, menor ainda foi a proporção de indivíduos que declaram não saber o objetivo da ida (menos de 0,5%). A maioria das razões escolhidas é econômica de curto prazo, confirmando as hipóteses de ainda que motivações ligadas ao capital humano estejam também entre as escolhidas. Algumas motivações como “Busca de oportunidade de melhoria” e “Conseguir recursos para pagar os estudos” podem ser entendidas como simultaneamente econômicas e de capital humano.

Tabela 21 – Distribuição do “objetivo da ida” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres	Motivo
Fugir do desemprego	26,0%	16,9%	E
Insatisfação com renda/salário	35,7%	29,1%	E
Busca de oportunidade de melhoria	61,7%	58,6%	E & C
Poupar dinheiro para investir no Japão	1,5%	1,9%	E
Acompanhar familiares	11,8%	21,4%	
Poupar para abrir negócio no Brasil	41,0%	27,3%	E
Poupar para ajudar nos negócios da família	13,2%	11,7%	E
Acumular experiência numa área de trabalho	6,9%	6,4%	C
Sustentar a família	20,3%	17,9%	E
Conhecer o Japão	35,6%	41,4%	
Conseguir recursos para pagar os estudos	14,4%	13,0%	E & C
Conseguir recursos para pagar dívida	10,7%	12,6%	E
Outros objetivos	3,40%	2,90%	
Não sabe	0,30%	0,40%	

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Nota: E se refere a motivações de natureza econômica e C de capital humano.

Dos entrevistados a grande maioria declarou que os seus objetivos foram alcançados, mesmo que parcialmente (vide Tabela 22).

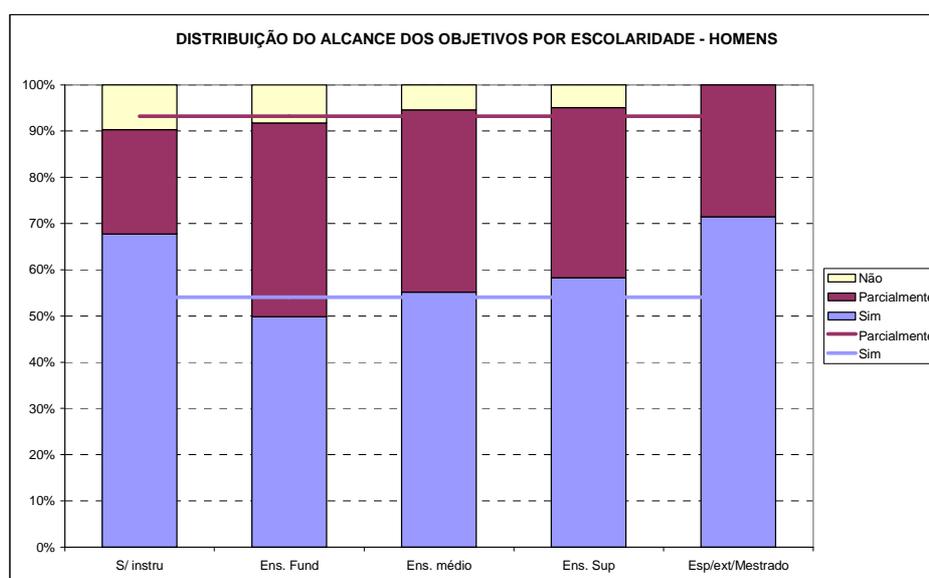
Tabela 22 – Distribuição do alcance dos objetivos (“acha que seus objetivos foram alcançados?”) segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Sim	54,1%	45,0%
Não	6,8%	8,3%
Parcialmente	39,2%	46,7%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

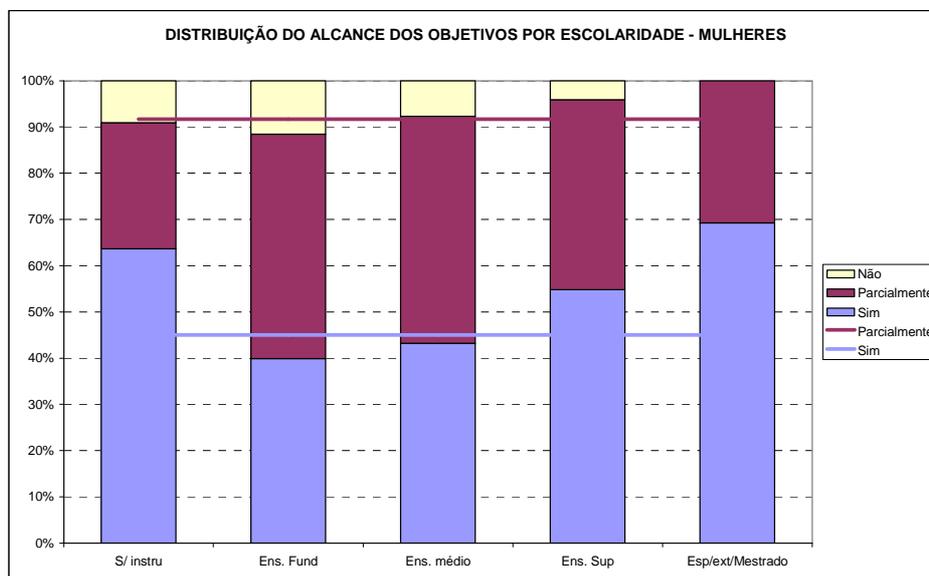
Como esperado, quanto maior a escolaridade dos indivíduos, maior a probabilidade de ter alcançado os objetivos, como se pode depreender dos gráficos que se seguem (Gráfico 27 e Gráfico 28). A exceção é constituída por aqueles indivíduos com menos do que o ensino fundamental completo (s/ instrução), tanto para os homens como para as mulheres, que aparecem com um alto grau de satisfação.

Gráfico 27 – Distribuição do alcance dos objetivos segundo escolaridade - *dekasseguis* homens retornados



Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Gráfico 28 – Distribuição do alcance dos objetivos segundo escolaridade - *dekasseguis* mulheres retornadas



Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

É muito grande a proporção de pais que declaram que seus filhos não freqüentaram escola de nenhum tipo, 30% (ver Tabela 23). Parte pode ser explicada pela tenra idade destes filhos e parte pela percepção de transitoriedade no território japonês por parte dos pais aliado ao alto custo das escolas brasileiras no Japão.

Tabela 23 – Distribuição do “tipo de escola que os filhos freqüentaram” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Escola japonesa	57,2%	59,4%
Escola brasileira	9,2%	10,6%
Ensino supletivo à distância	0,7%	0,5%
Não freqüentaram a escola	32,8%	29,6%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Entre os problemas encontrados pelas crianças na escola, comunicação e maus tratos foram as duas razões mais alegadas em primeira instância (ver Tabela 27). Um pouco mais de 10% dos entrevistados alegaram uma razão complementar que incluía além das duas já listadas, a não adaptação ao sistema.

Tabela 24 – Distribuição das “dificuldades na escola que os filhos freqüentaram” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Resposta 1		Resposta 2	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Não tiveram dificuldades	43,8%	45,5%	1,6%	0,5%
Maus tratos	14,3%	12,7%	2,9%	2,3%
Comunicação	15,6%	16,2%	2,5%	7,6%
Não adaptação	1,5%	4,0%	4,6%	2,7%
Discriminação	0,4%	4,5%	0,0%	3,3%
Não freqüentava	7,8%	11,5%		
Outro 1	0,0%	3,1%		
Outro 2	1,2%	0,0%		
Não respondeu	15,5%	2,4%	88,4%	83,6%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Quase $\frac{3}{4}$ dos entrevistados declararam ter se adaptado à vida no Japão. Quase 20% declararam que tinham se adaptado mais ou menos e uma minoria que não havia se adaptado (ver Tabela 25).

Tabela 25 – Distribuição da “adaptação à vida no Japão” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Sim, se adaptaram	72,2%	74,8%
Não se adaptaram	2,3%	1,3%
Mais ou menos	18,3%	19,9%
Alguns membros se adaptaram	7,1%	4,0%
Não respondeu	0,1%	0,0%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

A dificuldade mais recorrente nas respostas dos entrevistados foi “saudades do Brasil”, seguida de perto por problemas com a língua (ambos com mais de metade dos entrevistados declarando ter tido dificuldade). Em terceiro e quarto lugar, mas com valores da ordem de menos de metade dos obtidos para problemas de comunicação, encontram-se “discriminação” e “excesso de trabalho”. Considerando-se estas respostas, pode-se colocar em dúvida as declarações de que a maioria não teria tido problemas de adaptação no Japão (vide Tabela 30). De qualquer forma a declaração de “ocorreram dificuldades na adaptação” não implica obrigatoriamente que mais tarde estas dificuldades não possam ter sido superadas.

Tabela 26 – Proporção das “maiores dificuldades encontradas” (múltiplas respostas foram permitidas) segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Comunicação (língua)	55,2%	49,9%
Adaptação no emprego	15,2%	12,6%
Escola para os filhos	3,5%	6,5%
Doença/ depressão	5,6%	12,2%
Saudades do Brasil	63,9%	59,8%
Rebeldia dos filhos	2,5%	3,8%
Não adaptação aos usos, alimentação, costumes e pensamentos japoneses.	7,9%	13,7%
Discriminação	18,8%	19,4%
Desemprego	2,1%	1,9%
Relação com autoridades	1,9%	2,4%
Relação com os empregadores	6,8%	5,0%
Colegas de trabalho japoneses	6,3%	10,4%
Colegas de trabalho brasileiros	10,1%	12,8%
Relação com vizinhos	3,1%	3,2%
Relação com japoneses em geral	9,8%	8,3%
Excesso de trabalho	20,0%	18,6%
Língua para os filhos	2,1%	4,5%
Legislação local	3,6%	2,0%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

A maioria dos entrevistados declarou se comunicar por cartas ou telefone com familiares e amigos no Brasil (ver Tabela 27). Quase 90% não deram uma terceira opção para esta pergunta indicando serem restritas as formas de comunicação com o Brasil. Para o pessoal do questionário B (ver Beltrão e Sugahara, 2006, 2009b), o e-mail foi a forma preferencial, sinalizando uma mudança no paradigma tecnológico na comunicação.

Tabela 27 – Distribuição de “como obtiveram notícias dos familiares e amigos” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Resposta1		Resposta2		Resposta3	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Cartas	57,9%	67,2%	1,9%	3,2%	0,3%	0,3%
Telefonemas	39,6%	31,5%	55,0%	64,9%	0,0%	0,2%
E-mail próprio em casa	0,7%	0,4%	4,7%	4,2%	4,1%	6,7%
E-mail no trabalho			0,1%	0,0%		
E-mail de acesso público	0,8%	0,4%	1,2%	1,7%	0,6%	0,0%
E-mail de telefone celular	0,8%	0,1%	1,0%	1,4%	2,8%	2,9%
Não me comuniquei com eles	0,1%	0,4%	0,0%	0,1%	1,5%	2,1%
Não responderam			36,1%	24,6%	90,8%	87,7%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

A maioria declarou ser através de parentes/amigos que obtinha informações/notícias sobre o Brasil. Como segunda e terceira opções de resposta aparecem programas de rádio/TV e jornais/revistas (ver Tabela 28).

Tabela 28 – Distribuição de “como obtiveram notícias do Brasil” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Resposta1		Resposta2		Resposta3	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Através de parentes/amigos	43,8%	45,4%			0,0%	0,6%
Programas de rádio e TV	29,1%	29,9%	19,8%	20,6%	0,3%	0,1%
Vídeos	9,5%	9,8%	9,5%	9,9%	8,0%	5,2%
Internet	1,8%	1,9%	7,7%	7,3%	3,7%	5,9%
Jornais e revistas	12,0%	9,4%	21,0%	25,9%	17,3%	14,7%
Não acompanhei notícias do Brasil	2,7%	2,7%	0,1%	0,2%	0,2%	0,2%
Não respondeu	1,2%	0,9%	42,0%	36,0%	70,6%	73,2%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Cerca de 2/3 dos entrevistados declararam ter contato diário com brasileiros fora do trabalho, indicando uma comunidade razoavelmente endógena (ver Tabela 34 e Tabela 36). Mais de metade declarou que o contato com outros estrangeiros foi nenhum ou raro. A esmagadora maioria não parece ter contato com os parentes japoneses nativos, seja por ter perdido o contato antes mesmo da ida ao Japão, seja por distâncias internas do país. O contato com japoneses não parentes é maior do que com os japoneses parentes, cerca de 1/3 declarou contatos diários. Uma grande maioria declarou não ter contato com colegas de atividade esportivas, principalmente por não praticá-las. Uma forma de socialização fácil é através do esporte, e esse não parece ser um caminho trilhado pelos *dekasseguis*. Da mesma forma, a religião tampouco não apareceu como um canal de socialização da comunidade *dekassegui*. Mais de metade declarou que não tem nenhum contato com membro de grupos religiosos.

Reforçando a idéia da endogenia, a maioria declarou ter tido contato diário com os colegas de trabalho brasileiros (fora do trabalho). A grande socialização parece ter sido feita através do trabalho e entre os próprios brasileiros e numa menor escala com colegas japoneses. Este fato é consistente com o apontado por Hiroshi (2004) para este tipo de migração que prescinde de redes entre a origem e o destino. É estranho que os contatos com vizinhos tenham sido tão esparso e mais esparso entre as mulheres que seriam as grandes socializadoras nos domicílios – mais de 40% tiveram nenhum ou raramente tiveram contato com os vizinhos. Considerando que nem todos os migrantes o fizeram com a família, a declaração de que quase metade teve contato diário com a família é reconfortante, implicando na existência de uma rede de suporte familiar.

Tabela 29 – Distribuição dos “contatos fora do trabalho” - *dekasseguis* homens retornados

	Sem resposta	Nenhum	Raro	Mensal	Semanal	Diário
Brasileiros	4,9%	2,4%	9,1%	3,6%	13,1%	66,9%
Outros estrangeiros	13,2%	23,7%	35,8%	3,0%	10,1%	14,1%
Parentes japoneses nativos	14,5%	53,5%	19,3%	4,7%	2,8%	5,1%
Não parentes japoneses nativos	11,4%	24,4%	18,6%	4,5%	11,4%	29,5%
Colegas de atividades esportivas	14,6%	43,9%	16,7%	6,9%	14,9%	3,1%
Membros de grupo religioso	16,0%	54,1%	17,7%	5,5%	5,4%	1,3%
Colegas de trabalho brasileiros	6,5%	6,6%	4,6%	4,4%	22,3%	55,6%
Colegas de trabalho japoneses	8,8%	17,2%	19,8%	5,3%	9,9%	39,0%
Vizinhos	14,5%	18,7%	23,6%	2,9%	17,3%	23,0%
Própria família	9,9%	12,6%	12,4%	10,3%	11,0%	43,8%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Tabela 30– Distribuição dos “contatos fora do trabalho” - *dekasseguis* mulheres retornadas

	Sem resposta	Nenhum	Raro	Mensal	Semanal	Diário
Brasileiros	2,5%	1,8%	12,2%	4,5%	17,2%	61,7%
Outros estrangeiros	11,0%	25,1%	33,8%	4,0%	9,3%	16,8%
Parentes japoneses nativos	11,7%	51,3%	22,5%	4,9%	2,0%	7,7%
Não parentes japoneses nativos	9,5%	22,8%	18,3%	5,6%	10,1%	33,7%
Colegas de atividades esportivas	16,7%	60,3%	11,1%	3,5%	6,6%	1,8%
Membros de grupo religioso	15,9%	56,0%	15,9%	4,7%	6,2%	1,3%
Colegas de trabalho brasileiros	5,4%	5,0%	8,9%	4,3%	22,7%	53,7%
Colegas de trabalho japoneses	7,0%	18,0%	19,1%	4,5%	9,8%	41,4%
Vizinhos	12,1%	21,8%	24,9%	3,5%	15,0%	22,6%
Própria família	8,9%	12,5%	11,8%	7,8%	13,5%	45,4%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Reforçando os quesitos de contatos com os diversos grupos, observa-se que a maioria dos entrevistados não freqüentou nem grupos religiosos, nem associações esportivas, nem associações ligadas ao trabalho (vide Tabela 37). Quanto à parte de lazer/cultura, a indicação é que os *dekasseguis* pouco usufruíram as oportunidades culturais oferecidas. É alarmante que mais de 2/3 nunca tenham ido a um museu no Japão ou a um teatro/cinema. É preocupante também que uma proporção ainda maior não tenha tido nenhuma preocupação em aumentar o seu capital de conhecimento – não freqüentaram curso de japonês (ainda que uma grande proporção tenha declarado ser este um problema) e não freqüentaram curso profissionalizante.

Tabela 31 – Distribuição da “frequência a eventos ou feiras/seminários de negócios no Japão” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Grupo religioso	25,8%	27,2%
Associação esportiva	19,2%	12,9%
Associação ligada ao trabalho	7,2%	4,8%
Museus	29,3%	24,0%
Teatro/cinema	24,5%	27,3%
Curso profissionalizante	6,6%	5,1%
Curso de japonês	17,3%	19,3%
Feiras/seminários de negócios	11,9%	6,2%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Lazer foi a opção mais freqüentemente escolhida pelos entrevistados como tema das conversas. Em uma menor escala, famílias problemas e “fofocas” aparecem como segundo colocado e com menos freqüência, porém com mais persistência, chegando a ser mencionado ainda na terceira opção, juntamente com “idéias sobre negócios no Brasil” (ver Tabela 32).

Tabela 32 – Distribuição dos “temas dos assuntos mais tratados com os japoneses e/ou brasileiros” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Resposta1		Resposta2		Resposta3	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Lazer	58,1%	60,5%	0,4%	0,1%	0,0%	0,1%
Novas aprendizagens no trabalho	9,7%	13,0%	13,4%	16,4%	0,4%	0,2%
Transferência de tecnologias ao Brasil	0,4%	0,4%	2,6%	0,7%	2,5%	2,9%
Família, problemas e “fofocas”	14,9%	15,2%	21,7%	27,9%	4,5%	6,6%
Idéias sobre negócios no retorno ao Brasil	13,3%	7,9%	13,2%	11,9%	15,1%	12,2%
Outro	1,9%	2,1%	0,4%	1,3%	1,2%	1,1%
Não respondeu	1,7%	0,9%	48,1%	41,6%	76,3%	77,0%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Como se esperava, a esmagadora maioria declara não ter recebido nenhum treinamento na empresa que desenvolvesse alguma qualificação profissional válida no Brasil: 79,4% dos homens e 78,3% das mulheres (ver Tabela 33).

Tabela 33 – Distribuição do “recebimento ou não de algum treinamento dentro da empresa que permitisse o desenvolvimento de alguma qualificação profissional válida no Brasil” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Sim	19,6%	18,9%
Não	79,4%	78,3%
Sem resposta	0,9%	2,8%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Quase 20% dos entrevistados declararam ter aprendido algo no trabalho, válido para a sua utilização na sua vida profissional no Brasil (ver Tabela 34). A opção apontada com maior frequência tem a ver com conceitos mais gerais do tipo disciplina/organização/responsabilidade, que permeiam a cultura japonesa em geral, não só a ética do trabalho. Mais ligado com o processo produtivo em si, “Controle de qualidade” e cursos profissionalizantes aparecem como itens importantes. Mulheres, em geral, declaram aspectos mais relacionados com conceitos, ao passo que os homens declaram aspectos práticos da produção. Os espaços para a segunda e terceiras respostas foram pouco utilizados (menos de 1% na segunda resposta).

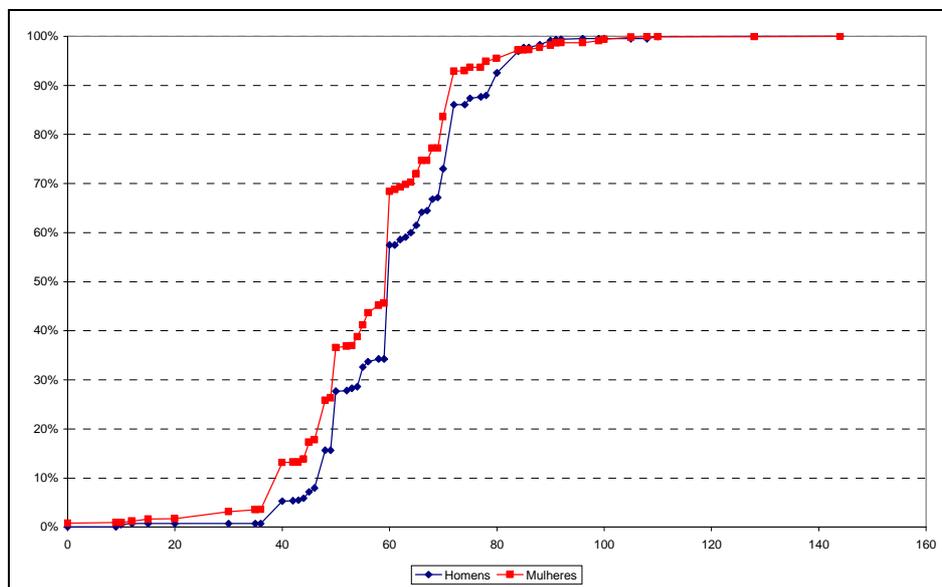
Tabela 34 – Distribuição do “treinamento recebido dentro da empresa que permitisse o desenvolvimento de alguma qualificação profissional válida no Brasil” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Torneiro mecânico	2.2%	0.8%
Montagem em linha de produção	1.1%	0.8%
Disciplina/organização/responsabilidade	21.5%	34.4%
Comércio	0.5%	3.1%
Respeito/ Dignidade	1.1%	1.5%
Dinamismo/Qualidade	0.0%	10.2%
Atendimento c/ as pessoas, tratamento.	7.1%	5.9%
Tudo ligado a elétrica	9.2%	0.0%
Tradução/ aperfeiçoamento da língua	2.2%	5.7%
Conhecimento técnico	8.3%	1.1%
Controle de qualidade	9.8%	12.0%
Cursos profissionalizantes como: carteira de soldador/ Ikebana/Empilhadeira	12.1%	9.1%
Ligado a mecânica	1.6%	4.4%
Para custear algum tipo de estudo	0.5%	0.0%
Outros	6.6%	0.8%
Não especificou	9.7%	6.3%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Em princípio, homens trabalharam tipicamente mais horas do que mulheres (ver no Gráfico 29 que a distribuição cumulativa das mulheres é sempre mais para a esquerda para cada idade). No entanto, existe um pequeno número de mulheres que parecem ter estado trabalhando períodos extensos com maior frequência do que os homens: o crossover ocorre em torno de 85 horas semanais. A informação é que cuidadores fariam plantão permanente em hospitais ou casas de idosos, e estes eram principalmente do sexo feminino. O período modal, coincidente com o mediano é de 60 horas semanais trabalhadas, 50% a mais do que preconiza a legislação brasileira.

Gráfico 29 – Distribuição cumulativa do “número médio de horas trabalhadas por semana” segundo sexo - *dekasseguis* retornados



Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

A grande maioria declara ter conseguido acumular dinheiro, sendo que esta proporção é um pouco menor entre as mulheres (vide Tabela 35)

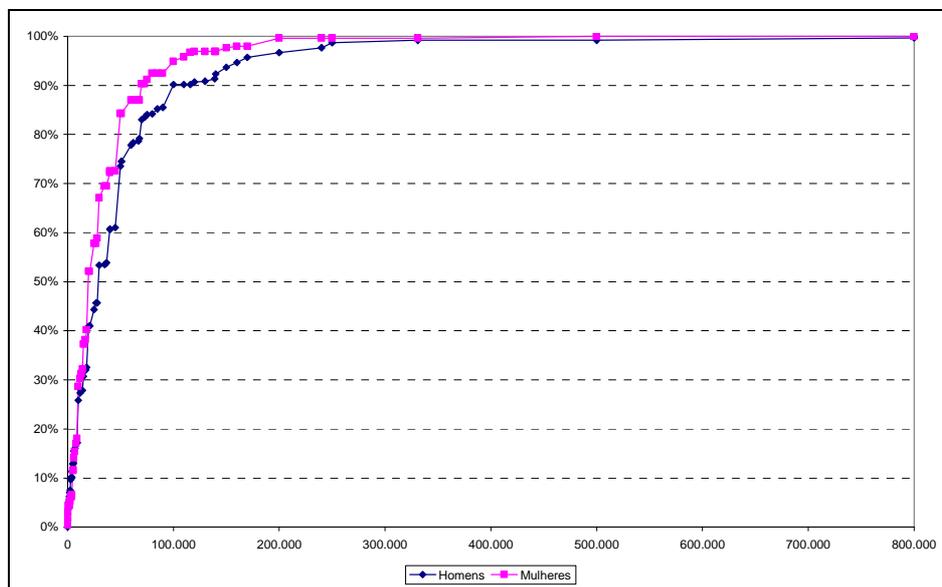
Tabela 35 – Distribuição se conseguiu acumular dinheiro segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Sim	84,2%	72,2%
Não	13,2%	24,1%
Sem resposta	2,7%	3,7%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

A distribuição dos valores acumulados é assimétrica para ambos os sexos com caudas mais pesadas para os valores mais altos, como mostra o Gráfico 30. A média dos valores acumulados é maior do que a mediana. No caso dos homens a mediana é de US\$ 30.000,00 ao passo que a média é US\$ 53.000,00, quase o dobro. Para as mulheres a mediana é de US\$ 20.000,00 e a média US\$ 35.000,00.

Gráfico 30 – Distribuição cumulativa de “quanto conseguiu acumular (em US\$)” segundo sexo - *dekasseguis* retornados



Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Os homens fizeram mais remessas regulares para o Brasil, vis a vis as mulheres, reforçando a idéia já mencionada, de que manter a família (que possivelmente ficou para trás) é uma das metas a ser mantidas (ver Tabela 36). Mesmo os indivíduos que foram para o Japão acompanhados dos cônjuges com ou sem filhos enviavam regularmente dinheiro para o Brasil (54%), possivelmente para os pais. Entre os que foram com os pais, a proporção que fazia remessas regulares era menor (22%).

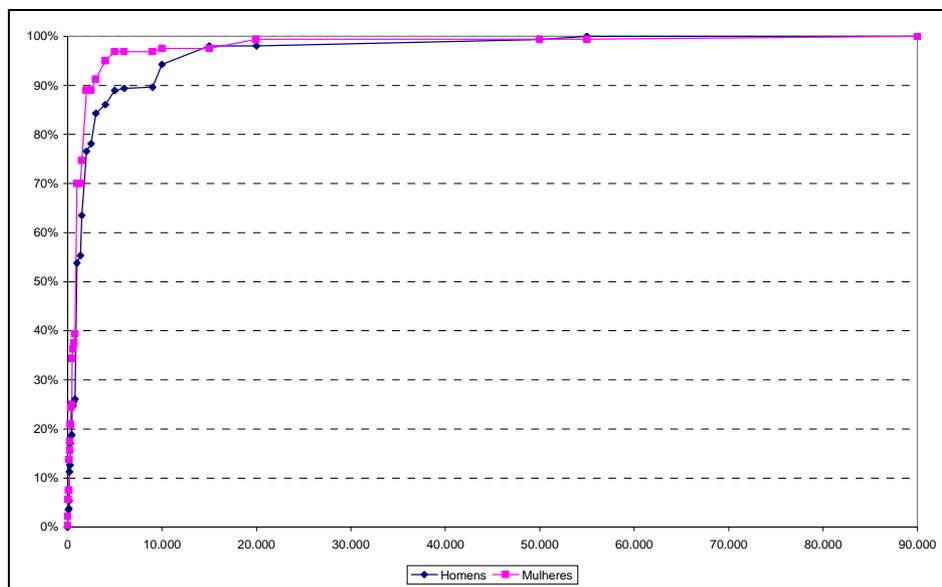
Tabela 36 – Distribuição de “faz remessas regulares de dinheiro para o Brasil” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Sim	52,3%	40,2%
Não	46,1%	56,8%
Não respondeu	1,5%	3,0%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

O valor modal das remessas para ambos os sexos é de US\$1000,00. A moda coincide com este valor e a distribuição é assimétrica com a média de valores enviados sendo US\$3300,00 para homens e US\$2100,00 para as mulheres (ver Gráfico 31). Tipicamente, as maiores remessas eram realizadas pelos indivíduos que haviam viajado sozinhos ou só com o cônjuge (ambos com mais de US\$ 3500,00), seguido dos que haviam viajado com irmãos (em torno de US\$ 2600,00). As remessas de menor valor foram realizadas por aqueles que viajaram acompanhados dos pais possivelmente porque este grupo era mais jovem (82% com até 30 anos de idade).

Gráfico 31 – Distribuição cumulativa do valor das remessas (em US\$) segundo sexo - *dekasseguis* retornados



Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

A frequência modal de envio é mensal, para ambos os sexos (ver Tabela 37). Sendo que existe uma proporção importante de indivíduos que não fazem nenhuma remessa para o Brasil. Ouvem-se histórias de pessoas que enviam dinheiro e que são ludibriados mesmo por familiares.

Tabela 37 – Distribuição da frequência do envio segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Mensal	22,8%	17,3%
A cada 2 meses	6,8%	4,8%
Mais de 2 meses	11,6%	9,8%
Sem regularidade	1,7%	0,9%
Sem resposta	57,1%	67,3%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Menos de 1/3 dos entrevistados procurou informação de negócios e a proporção que buscou informação sobre trabalho/empresas e economia é ainda menor (ver Tabela 45).

Tabela 38 – Distribuição de “buscou informação sobre negócios/trabalho/empresas e economia” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens			Mulheres		
	Sim	Não	Sem resposta	Sim	Não	Sem resposta
Negócios	29,7%	69,1%	1,2%	27,3%	69,8%	2,8%
Trabalho, empresas e economia do Brasil.	20,9%	40,9%	36,7%	22,6%	41,2%	34,5%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

A Tabela 39 tenta mensurar o interesse e disponibilidade de tempo dos *dekasseguis* no Japão para freqüentar cursos não ligados diretamente ao trabalho. A grande maioria, tanto entre os homens como entre as mulheres, declara não ter pensado nisto como uma opção. A falta de tempo foi a alegação mais freqüente entre os que consideraram a possibilidade de fazer os cursos seguida por “falta de tempo e de interesse”, tanto entre os homens como as mulheres.

Tabela 39 – Distribuição de “teve tempo/ interesse para freqüentar cursos” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

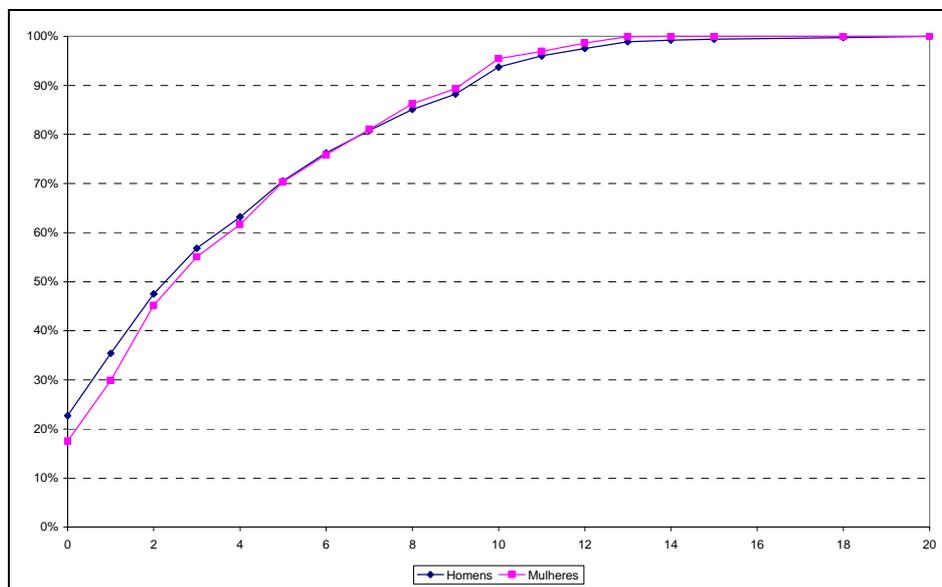
	Homens				Mulheres			
	Língua	Cultura	Profissionalizante	Gerenciamento	Língua	Cultura	Profissionalizante	Gerenciamento
Tempo e interesse	13,1%	6,7%	4,6%	2,6%	16,0%	8,0%	5,0%	1,8%
Não tinha interesse	2,8%	6,6%	4,1%	5,4%	2,0%	3,0%	5,0%	9,6%
Não tinha tempo	20,1%	18,7%	21,5%	19,3%	23,0%	19,0%	20,2%	17,5%
Não tive oportunidade	6,8%	7,4%	9,6%	11,9%	6,0%	13,8%	15,4%	15,8%
Não pensei nisto	57,1%	60,6%	60,3%	60,8%	51,0%	55,0%	53,9%	55,2%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

III. 3 – A readaptação ao Brasil

Em média os entrevistados voltaram ao Brasil há pouco mais de 4 anos (ver Gráfico 32). Os dados apontam para uma pequena moda local aos 10 anos, mas possivelmente por causa do problema do dígito preferencial.

Gráfico 32 – Distribuição cumulativa do tempo em anos após retorno ao Brasil segundo sexo - *dekasseguis* retornados



Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

A grande maioria não teve problema de readaptação na volta com a língua portuguesa, possivelmente devido tanto ao pouco tempo de permanência (média de 4 anos) quanto com o convívio freqüente com brasileiros no Japão. Já com relação à vida social, o problema da readaptação é maior do que com a língua, cerca de 20% declaram uma readaptação regular. A readaptação na vida familiar aparece com valores intermediários entre os da língua e os da vida social. O quesito trabalho apresentou a maior proporção de indivíduos declarando uma readaptação ruim. Já o quesito readaptação política/situação social apresentou a maior proporção de indivíduos com resposta regular para a readaptação. A maioria não apresentou outros problemas além dos listados (ver Tabela 40)

Tabela 40 – Distribuição de “como está a readaptação da língua no Brasil” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens				Mulheres			
	Boa	Regular	Ruim	Não respondeu	Boa	Regular	Ruim	Não respondeu
Língua	90,1%	5,9%	0,4%	3,6%	91,2%	5,6%	0,3%	3,0%
Filhos	42,3%	9,2%	0,4%	48,1%	51,0%	7,5%	0,4%	41,1%
Vida social	70,3%	22,0%	4,1%	3,6%	71,5%	23,0%	2,0%	3,5%
Vida familiar	80,6%	12,2%	2,9%	4,3%	84,0%	10,4%	2,5%	3,0%
Trabalho	49,6%	21,2%	21,2%	8,0%	44,5%	26,7%	18,0%	10,8%
Cidade onde vive	78,3%	14,6%	2,1%	5,0%	74,4%	16,9%	3,6%	5,2%
Readaptação política/situação social	33,3%	42,0%	18,0%	6,7%	33,8%	43,5%	15,9%	6,7%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Mesmo já estando no Brasil, em média por 4 anos, mais de 60% dos entrevistados declara a organização do plano de vida como um processo ainda sendo realizado (ver Tabela 41).

Tabela 41 – Distribuição de “já organizou seu plano de vida no Brasil” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Sim, aqui no Brasil	24,5%	20,4%
Sim, ainda no Japão	10,7%	11,4%
Não	2,1%	1,1%
Estou organizando	62,8%	67,0%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

A grande maioria declarou precisar de algum tipo de apoio. Menos de 3% declara prescindir de ajuda. A maior incidência é para readaptação no país, seguido de situações ligadas a trabalho (arrumar trabalho, capacitação profissional, gestão empresarial). Filhos, documentação, assistência médica e ajuda psicológica aparecem com valores no entorno de 10%. Outros tipos de ajuda tampouco foram largamente enumeradas (ver Tabela 42)

Tabela 42 – Distribuição de “julga necessitar de ajuda de amigos e familiares para readaptação na cidade, no país” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Apoio de amigos e familiares para adaptação no país	35,2%	38,8%
Apoio de amigos e familiares para arrumar trabalho	29,8%	25,1%
Capacitação profissional para arrumar emprego	29,0%	34,9%
Apoio educacional para adaptação dos filhos na escola	8,2%	13,8%
Gestão empresarial através de recursos para abrir negócio próprio	33,4%	25,3%
Apoio para regularizar documentação	11,6%	10,4%
Assistência médica	10,8%	14,4%
Assistência psicológica	11,1%	14,2%
Outros apoios	8,9%	4,8%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

A atividade modal dos entrevistados antes de ir para o Japão era de empresários/comerciantes, seguida de “outra” e estudantes. Entre as mulheres, cerca de 12% declararam ser donas-de-casa. No Japão a esmagadora maioria trabalhou como operário, seja no chão de fábrica seja como de outro tipo (ver Tabela 43). Na volta ao Brasil, nem todos voltam a exercer as atividades que tinham antes da ida ao Japão: apenas 37% o fazem. Por outro lado, apenas 7% exercem no Brasil as atividades que exerceram no Japão. O Gráfico 12, a Tabela 5 e a Tabela 7 apresentam a informação comparativa das atividades dos *dekasseguis* e dos *nikkeys* em geral. Ainda que a partição não seja a mesma já que este quadro inclui estudantes e donas de casa (atividades consideradas não produtivas e não listadas no Censo), pode-se observar a concentração no setor terciário (serviços), a predominância de empregadores/empresários e o movimento do “antes” e “depois” correspondendo o “antes” aos *nikkeys* em geral da população do Censo: aumento da proporção de empresários e diminuição da proporção de atividades agropecuárias.

Tabela 43 - Distribuição da principal atividade no Brasil antes da ida ao Japão, no Japão e no Brasil após retorno segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	No Brasil antes		No Japão		Atualmente	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Agropecuária	6,6%	0,7%			2,8%	0,7%
Balconista/comerciário	4,2%	6,6%	0,2%	1,0%	2,7%	5,1%
Operário de fábrica	0,2%	0,1%	51,3%	50,5%	0,3%	0,0%
Bancário	3,8%	5,1%	0,5%	0,0%	0,2%	0,7%
Operário na construção civil	0,1%	0,0%	2,7%	0,0%	0,5%	0,0%
Operário de outro tipo	1,4%	0,3%	19,1%	18,8%	1,1%	0,1%
Empresário/comerciante	18,8%	6,1%	0,2%	0,0%	22,7%	15,0%
Professor de ensino fundamental ou médio	0,7%	2,6%			0,6%	1,4%
Professor de ensino superior	0,1%	0,7%			0,1%	0,1%
Estudante de nível fundamental ou médio	15,3%	23,7%	0,0%	0,1%	1,6%	6,4%
Estudante de nível superior	5,1%	5,4%			2,9%	4,0%
Funcionário público	1,3%	1,2%			0,3%	1,2%
Profissional liberal advogado, médico, dentista, etc	5,0%	2,4%	0,1%	0,2%	5,1%	2,9%
Serviços de escritório	5,3%	9,8%	0,3%	1,4%	2,4%	5,9%
Serviços de hotelaria, restaurante ou bar.	0,8%	0,1%	3,0%	3,2%	1,3%	1,8%
Serviços de beleza (manicure, cabeleireiro)	0,1%	4,2%	0,3%	0,5%	0,9%	2,8%
Serviços de saúde (hospital, asilos, etc).	0,1%	0,5%	0,1%	2,6%	0,4%	0,9%
Indústria de comida	0,2%	0,3%	1,9%	4,3%	0,0%	0,5%
Desempregado	0,8%	3,6%	0,1%	0,0%	10,6%	9,3%
Aposentado	0,0%	0,4%	0,1%	0,0%	7,9%	1,5%
Dona de casa	0,0%	12,8%	0,1%	0,4%	0,2%	17,6%
Outra	27,9%	10,6%	15,9%	11,4%	27,5%	15,3%
Não respondeu	2,3%	2,8%	4,3%	5,5%	8,1%	6,5%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Com respeito à Seguridade Social, a cobertura de Saúde, de Previdência Oficial e de Previdência Privada não é muito abrangente: no Japão, saúde para o indivíduo, mas não para a família e seguro acidentes foram os mais freqüentes. É impressionante a proporção de trabalhadores no Japão sem cobertura previdenciária local (ver Tabela 53 e Tabela 55). No Brasil (Tabela 6) a situação para os *nikkeys* como um todo é bem diferente, reforçando a idéia da transitoriedade no Japão: a cobertura previdenciária é bem superior aqui no Brasil, tanto para os *dekasseguis* quanto para os *nikkeys* em geral.

Tabela 44 – Distribuição de cobertura de saúde, seguro ou previdência - *dekasseguis* homens retornados

	Sim, no Japão.	Sim, no Brasil.	Não	No Japão e no Brasil	Não respondeu
Saúde para si	42,4%	11,1%	16,7%	24,9%	4,9%
Saúde para a família	21,7%	23,6%	28,2%	12,0%	14,5%
Seguro de vida	28,1%	11,3%	41,0%	5,8%	13,8%
Seguro acidente	40,7%	9,5%	31,8%	6,4%	11,5%
Previdência oficial	8,0%	32,3%	39,8%	3,5%	16,3%
Previdência privada	4,6%	13,2%	64,2%	0,6%	17,5%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Tabela 45 – Distribuição de cobertura de saúde, seguro ou previdência - *dekasseguis* mulheres retornadas

	Sim, no Japão	Sim, no Brasil	Não	No Japão e no Brasil	Não respondeu
Saúde para si	30,4%	15,2%	16,0%	34,4%	4,0%
Saúde para a família	17,0%	24,4%	29,8%	18,6%	10,2%
Seguro de vida	15,6%	8,3%	60,9%	3,7%	11,5%
Seguro acidente	25,6%	4,5%	52,5%	5,0%	12,4%
Previdência oficial	5,5%	22,4%	56,1%	3,4%	12,6%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

III. 4 – Capacitação

A opção de cooperativismo/associativismo como forma de organização parece não ter passado pela cabeça de grande parte dos entrevistados (apenas 33,5% dos homens e 27,9% das mulheres responderam sim como mostra a Tabela 46), ainda que entre os homens, 51% já tenham ou pensem em abrir o próprio negócio e entre as mulheres, 40% (ver Tabela 57).

Tabela 46 – Distribuição de “consideraria trabalhar em um negócio em forma de cooperativismo/ associativismo” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Sim	33,5%	27,9%
Nunca pensei nisto	48,6%	51,2%
Não	16,3%	16,2%
Sem resposta	1,6%	4,7%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Tabela 47 – Distribuição de “pretende abrir ou abriu seu próprio negócio” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Sim	41,0%	25,7%
Estou em dúvida	9,9%	13,6%
Não	47,3%	59,2%
Sem resposta	1,7%	1,6%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Mais da metade dos *dekasseguis* que declaram ter a intenção de abrir o próprio negócio declarou que pesquisou ou está pesquisando a área onde investiu ou deseja investir (Tabela 48), sendo que 67,8% dos homens e 65,4% das mulheres responderam sim à pergunta se estavam considerando ou haviam considerado todo o “processo de pesquisar formas inovadoras para desenvolver negócios, elaborar um plano, obter informações atualizadas, desenvolver habilidades, processar as informações, adaptando-as ao mercado local e nacional” (Tabela 49). Em torno de 54,3% dos homens e 49,7% das mulheres declararam que haviam ou estavam analisando a situação sócio-econômico-financeira do Brasil e da sua cidade (Tabela 61).

Tabela 48 – Distribuição de “ pesquisou área em que deseja investir ou investiu” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres	Ambos os Sexos
Sim	60,2%	60,7%	60,4%
Estou pesquisando	21,0%	20,9%	21,0%
Não	17,9%	17,4%	17,7%
Sem resposta	0,8%	1,0%	0,9%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Tabela 49 – Distribuição de “considerou o processo” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres	Ambos os Sexos
Sim	67,8%	65,4%	66,9%
Ainda não pensei nisto	13,9%	11,8%	13,1%
Não	10,4%	7,9%	9,4%
Não sei como fazer	6,2%	10,4%	7,8%
Sem resposta	1,7%	4,6%	2,8%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

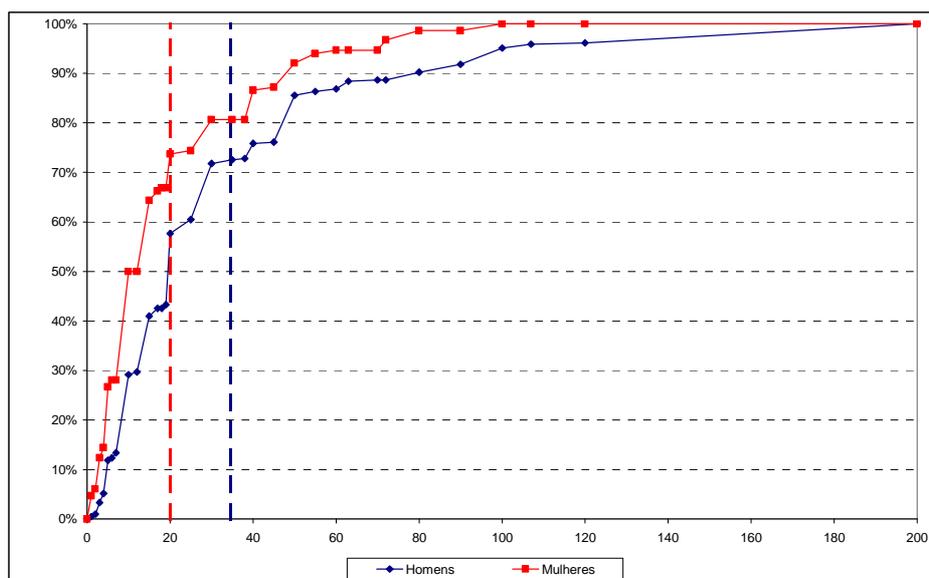
Tabela 50 – Distribuição de “já analisou a situação sócio-econômica financeira do Brasil” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres	Ambos os Sexos
Sim	23,2%	27,7%	24,8%
Estou analisando	31,1%	22,0%	27,7%
Não	9,6%	12,4%	10,6%
Sem resposta	36,1%	38,0%	36,8%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Entre os homens, 55% não investiram e não pretendem investir nada em negócios e entre as mulheres, este percentual é mais alto: 70%. Além disso, com respeito aos valores investidos ou que pretendem investir, os homens declararam em média valores mais altos: em torno de 34,5 mil dólares contra 20,2 mil dólares das mulheres (ver Gráfico 33).

Gráfico 33 – Distribuição cumulativa de quanto pretende investir ou investiu segundo sexo - *dekasseguis* retornados



Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

A proporção dos que já estavam desenvolvendo negócio próprio era maior entre os homens do que entre as mulheres, mas por outro lado, uma proporção maior de mulheres respondeu que gostariam de desenvolver negócio próprio (ver Tabela 51). Na nossa amostra, entre os que já estavam desenvolvendo negócio próprio, a maioria (52,3% dos homens e 51,5% das mulheres) se encontrava há pouco tempo, na faixa de até 2 anos. Cabe observar, dada a característica de bola de neve do processo de seleção, que possivelmente no imaginário coletivo, os retornados mais recentes pudessem estar mais presentes e fossem mais facilmente nomeados (ver Tabela 52).

Tabela 51 – Distribuição se “já está desenvolvendo negócio próprio” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Sim	39,3%	26,0%
Não, mas gostaria de desenvolver.	13,4%	14,9%
Não	8,9%	9,8%
Sem resposta	38,3%	49,3%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Tabela 52 – Distribuição de “há quanto tempo desenvolve negócio próprio (em anos)” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Distribuição		Cumulativa	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Menos de 1 ano	24,8%	25,4%	24,8%	25,4%
1	12,8%	12,4%	37,5%	37,8%
2	14,7%	13,8%	52,3%	51,5%
3	7,2%	10,0%	59,4%	61,5%
4	10,4%	9,3%	69,8%	70,8%
5	6,1%	11,6%	76,0%	82,4%
6	4,6%	0,5%	80,5%	82,9%
7	0,8%	2,1%	81,3%	85,0%
8	8,8%	3,2%	90,1%	88,2%
9	3,2%	1,9%	93,3%	90,2%
10	1,6%	3,0%	94,9%	93,2%
11	2,7%	5,5%	97,6%	98,7%
12	1,6%	0,0%	99,2%	98,7%
14	0,8%	0,7%	100,0%	99,3%
16	0,0%	0,7%	100,0%	100,0%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Um número relativamente pequeno (6,2% dos homens e 9,1% das mulheres) declarou não estar obtendo sucesso com seu negócio próprio (ver Tabela 53). Os que responderam mais ou menos constituem quase metade da amostra.

Tabela 53 – Distribuição de “está obtendo sucesso com seu negócio próprio” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Sim	35,3%	27,8%
Não deu tempo para avaliar	14,2%	12,9%
Não	6,2%	9,1%
Mais ou menos	43,5%	49,4%
Sem resposta	0,8%	0,7%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Poucos indivíduos conseguiram trazer conhecimentos em áreas específicas. As áreas “automotiva” e “eletro/eletrônica” foram as mais citadas. Entre as mulheres, “alimentação” foi também bastante citada. Se forem considerados os que aprenderam e vão investir os números são ainda menores, a maioria abaixo de 1% (ver Tabela 54).

Tabela 54 - Distribuição da área onde conseguiu trazer maior conhecimento do Japão e área onde pretende investir ou está investindo, segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Aprendeu no Japão		Área de investimento		Aprendeu e vai investir		Sem resposta	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Elétrica	4,2%	2,1%	0,6%	0,7%	0,9%	0,0%	94,3%	97,2%
Eletrônica	8,1%	7,7%	0,7%	0,9%	1,1%	0,0%	90,0%	91,3%
Automotiva	9,6%	6,4%	2,0%	1,1%	1,3%	0,7%	87,2%	91,8%
Siderúrgica	2,2%	0,9%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	97,8%	99,1%
Informática	4,7%	3,9%	1,1%	1,5%	1,1%	0,0%	93,2%	94,6%
Avicultura	0,2%	0,4%	0,4%	0,9%	0,2%	0,0%	99,1%	98,7%
Alimentação	4,8%	8,1%	3,5%	4,1%	2,4%	5,0%	89,3%	82,7%
Tecelagem	0,8%	1,8%	0,2%	0,8%	0,0%	0,0%	98,9%	97,3%
Construção Civil	3,6%	1,1%	0,9%	0,2%	0,4%	0,1%	95,0%	98,6%
Mecânica	3,4%	0,5%	0,4%	0,0%	0,7%	0,2%	95,4%	99,3%
Plásticos	2,4%	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	97,6%	99,1%
Saúde	0,6%	1,8%	0,1%	1,3%	0,0%	0,4%	99,3%	96,5%
Agricultura	1,7%	0,2%	1,5%	0,8%	0,0%	0,0%	96,8%	99,0%
Suínocultura	0,0%	0,2%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	99,8%	99,8%
Entretenimento	1,4%	1,7%	1,6%	0,3%	0,3%	0,0%	96,7%	98,0%
Vidraçaria	1,3%	0,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	98,7%	99,2%
Telecomunicações	1,2%	1,1%	0,3%	0,2%	0,4%	0,0%	98,1%	98,8%
Metalúrgica	5,6%	0,8%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	94,3%	99,2%
Hospedagem	2,2%	2,0%	0,5%	0,4%	0,0%	0,0%	97,3%	97,6%
Outras Áreas	9,3%	9,1%	8,8%	6,2%	0,3%	0,4%	81,6%	84,3%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Entre os homens 53% declararam ter visitado empresas similares e/ou conversado com pessoas dessa área de trabalho para conhecer a realidade onde pretende investir e, entre as mulheres, 43% (Tabela 55).

Tabela 55 – Distribuição de “visitou empresas similares” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres
Sim	53,3%	43,0%
Vou começar este processo	14,6%	16,4%
Não	27,7%	34,4%
Sem resposta	4,4%	6,2%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Com respeito às áreas de conhecimento que poderiam ajudar os potenciais e reais empresários, foi listada uma série de possibilidades: análise de riscos e investimentos, pesquisa mercadológica, elaboração de preço de produto, sistema de custos, contabilidade, tributos (municipais, estaduais e federais) e direitos trabalhistas. A resposta negativa, isto é que não conheciam ou não haviam tido contato com as áreas citadas foi sempre mais freqüente do que a resposta positiva. As áreas com maior percentual de “sim” foram análise de riscos e investimentos, elaboração de preço de produto e sistema de custos entre os homens e, entre as mulheres, análise de riscos e investimentos, elaboração de preço de produto e contabilidade (ver Tabela 56).

Tabela 56 – Distribuição dos assuntos que conhece ou já teve contato, segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens			Mulheres		
	Sim	Não	Sem resposta	Sim	Não	Sem resposta
Análise de riscos e investimentos	34,5%	49,1%	16,4%	27,9%	48,3%	23,8%
Pesquisa mercadológica	31,2%	52,4%	16,4%	26,8%	49,4%	23,8%
Elaboração de preço de produto	36,3%	47,1%	16,6%	32,4%	43,7%	23,8%
Sistema de custos	34,7%	48,7%	16,6%	26,6%	49,6%	23,8%
Contabilidade	25,3%	58,1%	16,6%	29,0%	46,9%	24,1%
Tributos municipais, estaduais e federais.	21,7%	62,0%	16,4%	22,0%	53,4%	24,6%
Direitos trabalhistas	25,5%	57,9%	16,6%	26,0%	50,0%	24,0%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Entre os homens que declararam intenção de estabelecer-se como empresário, cerca de 30,7% declarou ter buscado ajuda para a instalação de uma empresa e entre as mulheres, 22,5% (ver Tabela 57). Entre estes, 30,7% dos homens e 22,6% das mulheres o fizeram junto a familiares, sendo que as entidades constituídas para este fim específico ficaram abaixo na procura: 17,8% entre os homens e 18,6% entre as mulheres (ver Tabela 70). Na verdade, a maioria optou pelo círculo de familiares/amizade, que poderia até conter especialistas, mas não garante um tratamento profissional.

Tabela 57 – Distribuição de “buscou ajuda na instalação de uma empresa” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres	Ambos os Sexos
Sim	30,7%	22,6%	27,5%
Não sei como fazer	15,1%	14,6%	14,9%
Não	17,8%	18,6%	18,1%
Sem resposta	36,4%	44,1%	39,5%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Tabela 58 – Distribuição de “com quem se aconselhou” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres	Ambos os Sexos
Familiares	30,7%	22,6%	27,5%
Amigos	15,1%	14,6%	14,9%
Entidade de consultoria	17,8%	18,6%	18,1%
Sem resposta	36,4%	44,1%	39,5%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Uma minoria respondeu que não faria um curso (4,9% dos homens e 1,8% das mulheres). A grande maioria (70,5% dos homens e 80,2% das mulheres) declarou que faria um curso, mostrando um interesse em uma formação mais profissional. O restante não respondeu ou respondeu “talvez” (Tabela 59).

Tabela 59 – Distribuição de se “faria um curso” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres	Ambos os Sexos
Sim	70,5%	80,2%	74,4%
Talvez	22,4%	15,1%	19,5%
Não	4,9%	1,8%	3,6%
Sem resposta	2,2%	3,0%	2,5%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

O quadro positivo da grande maioria estar disposto a fazer um curso (ver Tabela 59) é contrabalançado pela questão dos custos, mesmo considerando o caráter mais imediato e prático de um treinamento: cerca de 60% dos entrevistados declarou interesse em treinamento, mas sem uma contrapartida de pagamento (Tabela 60).

Tabela 60 – Distribuição se “aceitaria treinamento” segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Homens	Mulheres	Ambos os Sexos
Sim, se fosse sem custo	60,2%	59,4%	59,9%
Sim, mesmo com custo	32,6%	34,0%	33,2%
Não	5,5%	2,7%	4,4%
Sem resposta	1,6%	3,9%	2,5%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

Cerca de 40% dos entrevistados passou por situação de chefia, sendo que apenas 27% dos homens e 33% das mulheres declararam ter encontrado dificuldade. Entre as dificuldades, legislações tributárias e trabalhistas seguidos de planejamento foram os quesitos onde os entrevistados homens encontraram mais dificuldades. Entre as

mulheres, as maiores dificuldades foram em planejamento, execução e legislação trabalhista (ver Tabela 61).

Tabela 61 – Caso tenha tido experiência com negócios próprios ou em situações de chefia, encontrou dificuldade com segundo sexo - *dekasseguis* retornados:

	Homens			Mulheres		
	Sim	Não	Sem resposta	Sim	Não	Sem resposta
Planejamento	36,6%	29,7%	34,0%	29,5%	20,6%	49,9%
Execução	24,7%	37,7%	37,6%	28,1%	20,9%	51,0%
Abrir Um Negócio	23,9%	35,8%	40,3%	23,9%	25,2%	50,9%
Acompanhamento	26,0%	33,5%	40,5%	18,7%	23,7%	57,6%
Liderança	15,9%	41,9%	42,2%	18,4%	28,9%	52,7%
Gerenciamento	26,4%	34,7%	38,9%	23,6%	25,2%	51,2%
Legislação Tributária	45,3%	16,9%	37,9%	27,3%	21,4%	51,3%
Legislação Trabalhista	40,1%	21,0%	38,9%	26,9%	20,6%	52,5%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

A Tabela 62 apresenta a distribuição da população por UF de moradia antes e depois da migração dos entrevistados. Como era de se esperar, a população de entrevistados concentra-se nas UFs amostradas: MS, PA, PR e SP.

Nota-se que houve um movimento de saída de São Paulo e de entrada em Curitiba, Maringá e Campo Grande (ver Anexo C, que apresenta a distribuição da por sexo e cidade onde morava no Brasil antes da ida ao Japão e depois do retorno dos *dekasseguis*).

Tabela 62 - Distribuição de estado onde morava no Brasil antes da ida ao Japão e onde mora depois do retorno segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Antes da ida ao Japão			Depois do retorno		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
AM	0,1%	0,0%	0,0%			
BA	0,1%	0,0%	0,0%			
DF	0,1%	0,0%	0,0%			
GO	0,1%	0,0%	0,0%			
MG	0,6%	0,0%	0,3%			
MS	17,0%	14,0%	15,5%	17,3%	13,5%	15,5%
MT	0,3%	0,7%	0,5%			
PA	5,5%	5,1%	5,3%	5,2%	4,9%	5,0%
PR	27,0%	28,7%	27,8%	32,8%	33,3%	33,1%
RJ	0,1%	0,1%	0,1%			
RS	0,0%	0,1%	0,0%			
SP	49,2%	51,2%	50,2%	44,6%	48,3%	46,4%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.

IV - Comentários

A população de *dekasseguis* retornados, segundo o Censo 2000, é pequena (7%) vis-à-vis a população total de *nikkeys* e constitui cerca de metade a um terço da população de *dekasseguis* brasileiros no Japão dependendo da estimativa considerada. A população *nikkey* apresenta uma fecundidade baixa e em queda. Aparentemente, a fecundidade é mais alta entre os *dekasseguis* e entre os *nikkeys* rurais. A população *nikkey* aparentemente tem uma esperança de vida alta, com uma fração importante de idosos: 11,3% acima de 60 anos, 4,9% acima de 70 e 1,5% acima de 80 (esta característica é compartilhada pelos *nikkeys* urbanos e rurais). Os números correspondentes para a população do Brasil como um todo são menores, respectivamente, 8,6%, 3,7% e 1,1%.

A população de *dekasseguis* é altamente concentrada nas idades produtivas entre os indivíduos nascidos no Brasil e muito mais espalhada entre os nascidos no Japão, inclusive com uma proporção grande de idosos. A notar, a população de crianças que declarou ter nascido no Japão. Destas, cerca de metade se declarou como estrangeira, mas segundo a lei japonesa se são filhos de *dekasseguis* não são considerados japoneses a não ser que pelo menos um dos progenitores o seja. Esse fato pode sugerir um problema de informação e reforçar a idéia da não compreensão da cultura (aí incluída a legislação) por parte dos *dekasseguis* brasileiros. Os grupos migrantes são preferencialmente masculinos nas idades produtivas (30 e 70 anos), tanto entre *dekasseguis* brasileiros ou japoneses como entre os migrantes originais (japoneses *dekasseguis* e não *dekasseguis*). Esta situação se reverte após o período laboral também pela mortalidade diferenciada: mais mulheres do que homens acima de 70 anos. Complementarmente, no grupo de não migrantes, *nikkeys* brasileiros não *dekasseguis*, existe uma maior proporção de mulheres em todas as idades acima de 20 anos.

O ramo de atividade modal aqui no Brasil é o de serviços para todos os grupos considerados: em torno de 40% para os brasileiros *dekasseguis* e não, bem como para os japoneses *dekasseguis*; e 33% para os japoneses não *dekasseguis*. Agricultura, Indústria e Comércio aparecem como os três grupos principais depois de Serviços, ainda que com uma ordenação interna diferente para cada um dos grupos. O comércio aparece como a segunda opção para os brasileiros *dekasseguis* e não, ainda que mais importante entre os primeiros. Entre os nascidos no Japão, o segundo lugar é a Agricultura para os não *dekasseguis* e a Indústria para os *dekasseguis*. Nota-se que entre os *dekasseguis* a proporção de empregadores e trabalhadores por conta própria é bem superior à encontrada entre os não *dekasseguis* tanto no meio urbano quanto no meio rural. Em contraposição, os empregados com carteira assinada e os funcionários públicos são mais freqüentes entre os não migrantes. O interessante é que mesmo com esta distribuição a proporção de contribuintes para instituto de previdência oficial é bem semelhante entre os dois grupos. Na população da amostra, pode-se observar também a concentração no setor terciário (serviços), a predominância de empregadores/empresários e o movimento do “antes” e “depois” correspondendo o “antes” aos *nikkeys* em geral da população do Censo: aumento da proporção de empresários e diminuição da proporção de atividades agropecuárias.

A distribuição de renda domiciliar, possivelmente a motivação primeira para a migração dos *nikkeys*, parece ser diferenciada entre os urbanos e rurais: na população urbana os *dekasseguis* têm uma distribuição de renda um pouco pior do que os não migrantes, por outro lado, os *dekasseguis* rurais tem uma distribuição de renda bem superior aos não *dekasseguis* na mesma situação de domicílio (ainda que melhor do que

a distribuição da população rural no país). Cabe observar que esta é uma visão parcial, dado que foram considerados apenas os *dekasseguis* retornados. Entre os *dekasseguis* brasileiros que se encontram no Japão, deve existir também uma diferenciação econômica, dado que 21% dos registros de brasileiros residentes no Japão têm status de permanente.

Quando são consideradas as fontes de renda da população *nikkey*, observa-se que entre as famílias *dekasseguis* urbanas e rurais é maior a importância da renda de aluguel, de doações de não moradores e de outras fontes, indicando possivelmente formas alternativas de investimento e da continuidade de remessas do Japão. A proporção de aposentadorias e pensões é menor nestes grupos, reflexo da distribuição etária mais jovem.

Quando se consideram os arranjos familiares das famílias *nikkeys*, nota-se que para todos os grupos, os casais com filhos constituem os arranjos dominantes com quase metade dos domicílios, sendo mais prevalente, porém, entre os não *dekasseguis*. Os indivíduos sozinhos (homens e mulheres) são menos de 10% em todos os grupos. As famílias de *dekasseguis* são usualmente mais complexas do que as demais. Entre as famílias extensas, o arranjo prevalente é de casal com filhos, com pais, netos, outros parentes e demais arranjos. Os *dekasseguis* rurais parecem pertencer a famílias mais complexas do que os demais, ainda que as famílias rurais de não *dekasseguis* sejam bem mais numerosas do que as demais.

A maioria dos entrevistados foi acompanhada ao Japão: com cônjuge/companheiro(a), com cônjuge e filhos, com os pais, irmãos, amigos e outros. Entre os homens, a moda é dos que vão sozinhos, enquanto que entre as mulheres, a moda é das que foram com esposo/companheiro. Em linhas gerais pode-se dizer que mulheres viajam em maior número com um suporte/estrutura familiar, ao passo que os homens têm uma maior tendência à migração individual. Isto se reflete na razão de sexo dos diferentes grupos, sempre maior do que a unidade entre os grupos migrantes.

Quanto ao visto de entrada no Japão, a grande maioria entrou com visto de turista, tanto entre os homens como entre as mulheres. Por oposição, quando da saída do Japão, a grande maioria já tinha visto de permanência temporária, tanto entre os homens como entre as mulheres. Esta mudança parece indicar um grupo de transição que se beneficiou da mudança da legislação japonesa de migração enquanto estava no Japão, caracterizando os respondentes do questionário C da pesquisa como participantes da segunda fase da temporalização proposta por Naoto (2004), com um possível vazamento para a terceira fase.

Quanto à motivação para a migração, consistente com as teorias de migração, a grande maioria alegou razões econômicas para a ida: fugir do desemprego, insatisfação com renda/salário e busca de melhoria de vida foram as mais frequentes. Semelhante ao ocorrido entre os Japoneses quando da sua migração para o Brasil quase cem anos atrás, muito poucos declaram a intenção de fixar-se na terra estrangeira. Poucos declaram pensar em acumular experiência em alguma área de trabalho, o que é uma situação realista já que a maioria dos *dekasseguis* trabalha em áreas não relacionadas com o trabalho anterior no Brasil e tampouco relacionadas com o trabalho posterior quando da volta. Além disso, o trabalho de *dekasseguis* no Japão é caracterizado pelos 3 *kis* (*kitanai*, *kitsui* e *kiken*). Como se esperava, a esmagadora maioria declara não ter recebido nenhum treinamento na empresa que desenvolvesse alguma qualificação profissional válida no Brasil. Apesar disso, cerca de 15% dos entrevistados declararam ter aprendido algo no trabalho, válido para a sua utilização na sua vida profissional no Brasil. A opção apontada com maior frequência tem a ver com conceitos mais gerais do tipo

disciplina/organização/responsabilidade, que permeiam a cultura japonesa em geral, não só a ética do trabalho.

Em princípio, homens trabalharam tipicamente mais horas do que mulheres. No entanto existe um pequeno número de mulheres que parecem ter estado trabalhando períodos extensos com maior frequência do que os homens. O período modal, coincidente com o mediano é de 60 horas semanais trabalhadas, 50% a mais do que preconiza a legislação brasileira.

A grande maioria declarou que não teve problema de readaptação na volta com a língua portuguesa, possivelmente tanto devido ao pouco tempo de permanência (média de 4 anos) como com o convívio freqüente com brasileiros. Já com relação à vida social, o problema da readaptação é maior do que com a língua. A readaptação na vida familiar aparece com valor e intermediários entre os da língua e os da vida social. O quesito trabalho apresentou a maior proporção de indivíduos declarando uma readaptação ruim. Já o quesito readaptação política/situação social apresentou a maior proporção de indivíduos com resposta regular para a readaptação.

A grande maioria dos entrevistados declarou precisar de algum tipo de apoio após a volta (ainda que tenha declarado em quesito anterior que não teve problemas de readaptação na volta). Pouquíssimos declararam prescindir de ajuda. A maior incidência foi para readaptação no país, seguido de situações ligadas a trabalho (arrumar trabalho, capacitação profissional, gestão empresarial). Filhos, documentação, assistência médica e ajuda psicológica apareceram com valores no entorno de 10%. Estas declarações reforçam a idéia de não pertinência em nenhum dos dois países, já que os respondentes declararam também problemas de adaptação no Japão e colocam em dúvida a possibilidade de uma reintegração plena no Brasil.

Bibliografia

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE *DEKASSEGUI*S. *Dekassegui: empreendedor e cidadão*. Sebrae Nacional; [Curitiba];, 2004. 73p. Kaizô Iwakami Beltrão; Sonoe Sugahara. Coordenadores da pesquisa de campo.

BELTRÃO, K. I. Raça e fronteiras sociais: lendo nas entrelinhas do centenário hiato de raças no Brasil. In: Os mecanismos de discriminação nas escolas brasileiras (Soares, Beltrão, Ferrão e Barbosa, org.). Rio de Janeiro : IPEA e Fundação Ford, 2005, 230 p.

BELTRÃO, K. I. & SUGAHARA, Sonoe. Permanentemente temporário: *dekasseguis* brasileiros no Japão, Revista Brasileira de Estudos de População, São Paulo vol. 23, n. 1, p. 61-85, jan./jun. 2006.

BELTRÃO, K. I. & SUGHARA, S. *O ciclo e a tangente: dekasseguis brasileiros no Japão (questionário B)*, 2009a, Texto para discussão, ENCE, nº27.

BELTRÃO, K. I. & SUGAHARA, Sonoe. *Levantar Subsídios no Japão para uma vida melhor no Brasil - nikkeis que afirmam ter a intenção de ir para o Japão trabalhar (questionário A)*, 2009b, Texto para discussão, ENCE, nº28.

FUSCO, W.; HIRANO, F. Y.; Peres, R. G. Brasileiros nos Estados Unidos e Japão. In: XIII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP. Caxambu, 2002.

HOSHI, M. Novíssimo dicionário japonês-português. Cultural Japão-Brasil. Japão, 1969.

IBGE. Censo Demográfico – 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. (microdados, CD-ROM).

KODAMA, Kaori. O Sol nascente do Brasil: um balanço da imigração japonesa. In: BRASIL : 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro : IBGE, 2000. 231p. ; p. 197-213.

MOLHO, Ian. Theories of Migration: A review. *Scottish Journal of Political Economy*, 33, 4, 1986, pp.396-419.

NAOTO, Higuchi. Migration process of nikkei Brazilian. In: Yamada, Mutsuo (ed.) *Emmigración latinoamericana: comparación interregional entre América del Norte, Europa y Japón*. Osaka: Japan Center for Area Studies, 2004.

ROSSINI, R. E. O Brasil no Japão: a conquista do espaço dos nikkeis do Brasil no Japão. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP. Caxambu, 2004.

SAITO (Org.). *A Presença japonesa no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz; Edusp, 1980.

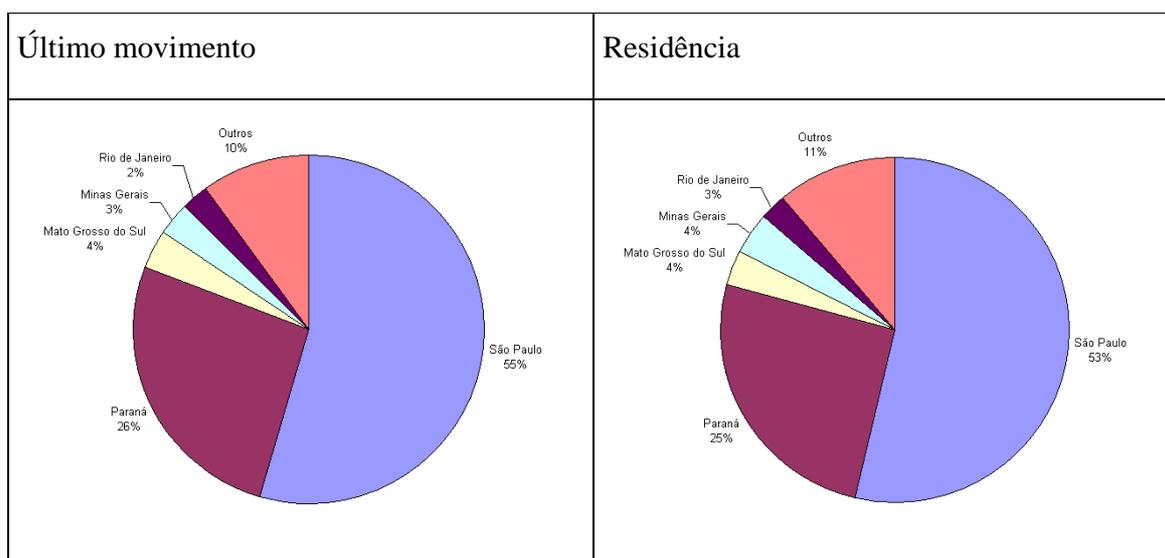
ANEXO A - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no Brasil, UFs e municípios selecionados e cotas amostrais

No Censo de 2000, cerca de 20 mil brasileiros, residentes na data do Censo no Brasil, declararam estar no Japão cinco anos, antes, isto é, 1995 (ver Tabela A 1). É claro que não se pode supor que, na sua totalidade, fossem todos *dekasseguis* retornados, mas na ausência de informações mais específicas, este número e sua distribuição etária e de escolaridade foram utilizados como guia para o desenho das quotas amostrais para a pesquisa sobre os trabalhadores que retornaram ao Brasil após trabalharem no Japão.

A população com o último movimento migratório com origem no Japão é maior, mas inclui uma proporção muito maior de crianças e, por isso, optou-se pela utilização da informação de data fixa para os pesos (ver Gráfico A 1 e Tabela A 1).

A idéia primeira era de concentrar a amostra nas UFs com um maior número de *dekasseguis* (ver Gráfico A 1). Minas Gerais apesar do grande número declarado, não foi incluída na amostra por não se identificar colônias expressivas de população de origem nipônica: acreditou-se que estariam dispersos e seriam, portanto, de mais difícil acesso. Pará, por outro lado, com número menor do que Minas Gerais ou Rio de Janeiro tinha uma colônia reconhecida e foi incluída na amostra. Para facilitar a coleta e dadas as restrições dos entrevistadores, trabalhou-se também com cidades pólo nas Ufs escolhidas, tentando distribuir espacialmente a amostra. No estado de São Paulo foram escolhidas: Região Metropolitana de São Paulo, Sorocaba, São José dos Campos, Araçatuba e Campinas. No Paraná, foram escolhidas a Região Metropolitana de Curitiba, Maringá e Londrina; no Pará, a Região Metropolitana de Belém e no Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

Gráfico A 1 – Distribuição da População Residente em 2000 por UF de residência, que declararam residência no Japão em 31 de julho de 1995



Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 1 – População Residente em 2000 por UF de residência que declararam a origem do último movimento migratório com origem no Japão ou a residência no Japão em 31 de julho de 1995

UF	Último movimento			Residência		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Amazonas	67	158	225	84	74	158
Bahia	95	92	187	54	40	94
Ceará	63	42	105	35	17	52
Distrito Federal	183	138	321	142	88	230
Espírito Santo	26	37	63	18	35	53
Goiás	279	275	554	103	163	266
Mato Grosso	159	194	353	120	120	240
Mato Grosso do Sul	735	659	1394	355	355	710
Minas Gerais	627	518	1145	404	327	731
Pará	402	388	790	199	177	376
Paraíba	24	14	38	8	11	19
Paraná	4845	4948	9793	2596	2414	5010
Pernambuco	100	72	172	18	18	36
Piauí	11	0	11	11	0	11
Rio de Janeiro	440	451	891	259	256	515
Rio Grande do Sul	213	195	408	132	97	229
Rondônia	41	51	92	59	50	109
Roraima	5	0	5	39	13	52
Santa Catarina	185	176	361	126	109	235
São Paulo	10391	9792	20183	5534	5005	10539
Tocantins	9	16	25	5	5	10
Brasil	18900	18216	37116	10301	9374	19675

Fonte: IBGE Censo 2000.

Uma outra variável levantada e que se pensou, de antemão, teria um impacto no comportamento dos migrantes seria a escolaridade. No texto sobre os *dekasseguis* que se encontravam no Japão em janeiro de 2004 (Questionário B), são apresentados gráficos das distribuições por sexo, idade e anos de estudo da população migrante¹⁰. Observa-se que os migrantes apresentam uma escolaridade tipicamente menor para as idades mais jovens e, por outro lado, apresentam proporcionalmente menos indivíduos nos escalões educacionais mais baixos nos grupos etários em idade ativa e mesmo de idosos.

¹⁰ Neste texto refere-se aos residentes no Brasil em 2000 que declararam estar residindo no Japão 5 anos antes com este termo, “migrantes”.

A seguir são apresentadas as distribuições por sexo, grupo etário e escolaridade da população migrante que norteou a definição das quotas para a amostragem (ver Tabela A 2 a Tabela A 16), bem como essas últimas (Tabela A 17). A distribuição para o Brasil serviu como base para uma pós-estratificação, onde se definiram os pesos de cada indivíduo na amostra. A amostra foi expandida para reproduzir a distribuição de sexo/idade/escolaridade com uma defasagem de 10 anos. Os dados dos questionários foram digitados utilizando-se o pacote CSPRO11. Para as tabulações utilizou-se o mesmo pacote.

Tabela A 2 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no Brasil

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	1108	846	309	217	0	0	0	0	1417	1063
De 15 a 24 anos	43	48	504	665	311	488	9	28	867	1229
De 25 a 34 anos	104	80	1012	799	1604	2102	347	545	3067	3526
De 35 a 44 anos	45	36	608	419	942	877	614	542	2209	1874
De 45 a 54 anos	62	75	593	410	465	262	327	163	1447	910
De 55 e +	236	147	608	463	265	68	125	19	1234	697

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 3 Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no estado do Paraná

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	217	169	54	29	0	0	0	0	271	198
De 15 a 24 anos	10	14	174	226	92	144	0	19	276	403
De 25 a 34 anos	18	9	236	233	546	573	93	130	893	945
De 35 a 44 anos	15	6	108	84	258	159	157	143	538	392
De 45 a 54 anos	10	5	193	141	105	89	57	33	365	268
De 55 e +	61	44	112	109	44	9	9	9	226	171

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

¹¹ O programa é de domínio público e pode ser baixado no site <http://www.census.gov/ipc/www/cspro/index.html>

Tabela A 4 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no município de Londrina

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	22	42	6	0	0	0	0	0	28	42
De 15 a 24 anos	0	0	29	63	22	24	0	0	51	87
De 25 a 34 anos	0	0	10	51	140	91	11	47	161	189
De 35 a 44 anos	0	0	16	13	62	40	38	31	116	84
De 45 a 54 anos	0	0	33	66	22	41	0	0	55	107
De 55 e +	12	0	50	67	10	9	0	0	72	76

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 5 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 na região metropolitana de Curitiba

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	35	36	16	0	0	0	0	0	51	36
De 15 a 24 anos	7	0	37	53	16	32	0	7	60	92
De 25 a 34 anos	0	0	30	9	110	90	10	16	150	115
De 35 a 44 anos	7	0	0	17	33	14	53	31	93	62
De 45 a 54 anos	0	0	49	11	24	35	29	11	102	57
De 55 e +	0	20	17	0	10	0	9	9	36	29

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 6 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no município de Maringá

Idade em anos, classe	menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	43	0	10	0	0	0	0	0	53	0
De 15 a 24 anos	0	0	9	38	0	9	0	0	9	47
De 25 a 34 anos	7	0	39	45	70	131	28	9	144	185
De 35 a 44 anos	0	0	18	0	44	11	17	17	79	28
De 45 a 54 anos	0	0	7	17	6	0	10	0	23	17
De 55 e +	0	0	17	0	0	0	0	0	17	0

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 7 Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no estado de São Paulo

Idade em anos, classe	menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	663	508	150	116	0	0	0	0	813	624
De 15 a 24 anos	24	48	252	334	187	223	9	9	472	614
De 25 a 34 anos	78	61	530	338	713	1138	175	303	1496	1840
De 35 a 44 anos	36	15	348	211	453	478	296	311	1133	1015
De 45 a 54 anos	36	60	268	192	275	108	218	78	797	438
De 55 e +	162	93	395	288	150	42	67	10	774	433

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 8 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 na região metropolitana de São Paulo

Idade em anos, classe	menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	323	197	29	28	0	0	0	0	352	225
De 15 a 24 anos	8	28	120	204	21	103	0	9	149	344
De 25 a 34 anos	29	17	153	91	305	475	120	102	607	685
De 35 a 44 anos	33	10	106	82	179	198	188	197	506	487
De 45 a 54 anos	14	16	117	60	81	55	131	45	343	176
De 55 e +	80	25	123	97	87	30	41	10	331	162

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 9 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no município de Araçatuba

Idade em anos, classe	menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	0	10	0	0	0	0	0	0	0	10
De 15 a 24 anos	0	0	0	0	8	0	0	0	8	0
De 25 a 34 anos	0	0	16	0	8	25	0	18	24	43
De 35 a 44 anos	0	0	0	8	7	0	10	0	17	8
De 45 a 54 anos	0	0	8	8	10	0	41	0	59	8
De 55 e +	0	7	0	9	11	0	0	0	11	16

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 10 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no município de Campinas

Idade em anos, classe	menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	20	0	12	0	0	0	0	0	32	0
De 15 a 24 anos	0	0	0	8	9	0	0	0	9	8
De 25 a 34 anos	0	0	12	18	12	16	0	0	24	34
De 35 a 44 anos	0	0	0	0	0	22	27	9	27	31
De 45 a 54 anos	0	0	0	0	12	0	0	0	12	0
De 55 e +	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 11 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no município de São José dos Campos

Idade em anos, classe	menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
De 15 a 24 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
De 25 a 34 anos	0	0	10	0	32	19	0	0	42	19
De 35 a 44 anos	0	0	21	10	16	7	7	0	44	17
De 45 a 54 anos	0	0	0	7	26	0	0	0	26	7
De 55 e +	0	0	19	19	7	0	0	0	26	19

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 12 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no município de Sorocaba

Idade em anos, classe	menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	46	13	0	0	0	0	0	0	46	13
De 15 a 24 anos	0	0	12	0	35	10	0	0	47	10
De 25 a 34 anos	0	0	0	9	20	20	0	20	20	49
De 35 a 44 anos	0	0	22	14	20	0	0	5	42	19
De 45 a 54 anos	0	0	12	10	10	0	0	0	22	10
De 55 e +	13	21	8	12	0	0	0	0	21	33

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 13 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no estado do Pará

Idade em anos, classe	menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	37	36	22	5	0	0	0	0	59	41
De 15 a 24 anos	0	0	0	26	0	7	0	0	0	33
De 25 a 34 anos	0	8	20	8	28	51	0	0	48	67
De 35 a 44 anos	0	0	32	0	21	16	20	0	73	16
De 45 a 54 anos	0	0	8	5	0	0	0	0	8	5
De 55 e +	0	0	5	6	0	0	0	0	5	6

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 14 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 na região metropolitana de Belém

Idade em anos, classe	menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	31	20	11	0	0	0	0	0	42	20
De 15 a 24 anos	0	0	0	26	0	0	0	0	0	26
De 25 a 34 anos	0	0	9	8	11	24	0	0	20	32
De 35 a 44 anos	0	0	11	0	5	16	11	0	27	16
De 45 a 54 anos	0	0	8	5	0	0	0	0	8	5
De 55 e +	0	0	5	0	0	0	0	0	5	0

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 15 Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no estado do Mato Grosso do Sul

Idade em anos, classe	menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	3	21	0	11	0	0	0	0	3	32
De 15 a 24 anos	0	9	29	34	0	27	0	0	29	70
De 25 a 34 anos	7	0	52	60	49	54	9	26	117	140
De 35 a 44 anos	3	3	37	11	43	13	18	4	101	31
De 45 a 54 anos	0	0	29	30	0	18	8	9	37	57
De 55 e +	3	3	40	8	10	0	0	0	53	11

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 16 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no município de Campo Grande

Idade em anos, classe	menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	0	18	0	11	0	0	0	0	0	29
De 15 a 24 anos	0	0	20	7	0	14	0	0	20	21
De 25 a 34 anos	0	0	10	18	12	21	0	10	22	49
De 35 a 44 anos	0	0	24	11	29	13	9	0	62	24
De 45 a 54 anos	0	0	17	10	0	0	0	9	17	19
De 55 e +	0	0	10	0	10	0	0	0	20	0

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 17 – Tamanho da amostra por locais selecionados, escolaridade e sexo

	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Total
Metropolitana de Curitiba							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	1	0	1	0	0	4	6
Sem 2ºGrau Completo	13	12	9	5	3	0	42
Com 2º Grau Sem Faculdade	24	23	11	9	2	0	69
Com Faculdade	2	4	15	8	2	2	33
	40	39	36	22	7	6	150
Maringá							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	1	0	0	0	7	0	8
Sem 2ºGrau Completo	8	14	4	3	3	0	32
Com 2º Grau Sem Faculdade	12	24	8	2	0	0	46
Com Faculdade	5	2	5	3	0	0	15
	26	40	17	8	10	0	100
Londrina							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	0	0	0	0	5	5	10
Sem 2ºGrau Completo	6	16	7	11	7	10	57
Com 2º Grau Sem Faculdade	23	16	12	12	1	1	65
Com Faculdade	2	7	5	4	0	0	18
	31	39	24	27	13	16	150
Metropolitana de São Paulo							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	4	5	5	3	8	3	28
Sem 2ºGrau Completo	29	31	24	15	13	10	122
Com 2º Grau Sem Faculdade	34	61	27	27	9	3	161
Com Faculdade	13	12	34	26	4	1	90
	80	109	90	71	34	17	400
Sorocaba							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	0	0	0	0	4	6	10
Sem 2ºGrau Completo	4	3	10	7	2	4	30
Com 2º Grau Sem Faculdade	16	9	9	0	0	0	34
Com Faculdade	0	6	0	1	0	0	7
	20	18	19	8	6	10	80
Campinas							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	0	0	0	0	0	0	0
Sem 2ºGrau Completo	7	14	0	0	0	0	21
Com 2º Grau Sem Faculdade	12	9	7	12	0	0	40
Com Faculdade	0	0	15	5	0	0	20
	19	23	22	17	0	0	80
São José dos Campos							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	0	0	0	0	0	0	0
Sem 2ºGrau Completo	4	0	8	7	8	8	35
Com 2º Grau Sem Faculdade	13	8	17	3	3	0	44
Com Faculdade	0	0	3	0	0	0	3
	17	8	28	10	11	8	80
Araçatuba							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	0	0	0	0	0	3	3
Sem 2ºGrau Completo	7	0	3	7	0	4	21
Com 2º Grau Sem Faculdade	7	10	7	0	5	0	29

Com Faculdade	0	7	21	0	0	0	28
	14	17	31	7	5	7	80
Metropolitana de Belém							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	0	0	0	0	0	0	0
Sem 2ºGrau Completo	6	24	14	4	4	0	52
Com 2º Grau Sem Faculdade	8	17	4	12	0	0	41
Com Faculdade	0	0	8	0	0	0	8
	14	41	26	16	4	0	100
Campo Grande							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	0	0	0	0	0	7	7
Sem 2ºGrau Completo	11	9	15	8	4	0	47
Com 2º Grau Sem Faculdade	4	13	11	5	4	0	37
Com Faculdade	0	4	3	3	0	0	10
	15	26	29	16	8	7	100

ANEXO B – Questionário C

QUESTIONÁRIO C (Trabalhadores brasileiros no Japão de volta ao Brasil)

Assinale com um **X** a sua resposta ou preencha com o dado pertinente. Note que para algumas perguntas é possível ter respostas múltiplas. Nestas perguntas haverá sempre um lembrete. No caso de perguntas dispostas em tabelas, espera-se do respondente que um item por linha seja marcado.

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

(iv) Sexo:

masculino feminino

(v) Idade:

anos

(vi) Estado civil/conjugal:

solteiro

divorciado/separado

casado

vive junto

viúvo

outro _____

(vii) Último curso completo concluído:

Sem Instrução Formal

Ensino Fundamental - 1º grau (antigo primário ou elementar equivale às 4 primeiras séries ou o 1º ciclo do 1º grau; antigo ginásio, ensino médio equivale às 4 séries seguintes ou o 2º ciclo do 1º grau)

Ensino Médio - 2º grau (antigo científico, clássico ou escola normal) - aí incluído os cursos técnicos profissionalizantes

Ensino Superior - 3º grau – Faculdade

Especialização/Extensão

Mestrado ou doutorado

(viii) Você é descendente de japonês?

sim, por parte de pai e mãe

sim, por parte de somente um dos dois

não sou descendente de japonês

(ix) Se for descendente qual a geração mais perto da sua que veio do Japão?

a minha (sou japonês)

a de meus pais

a de meus avós

anterior a de meus avós

não sou descendente de japonês

(x) Se for casado(a) ou vive junto, o(a) esposa./companheiro(a) é nikkei?

sim

não

(xi) Que conhecimento você tem da língua japonesa?

	NADA	POUCO	REGULAR	BEM
Falo				
Entendo				
Leio				
Escrevo				

VIDA NO JAPÃO

(xii) Você foi ao Japão:

sozinho

com esposo(a)/companheiro(a)

com esposo(a) e filhos

com os pais

com irmãos

amigos

outros – quais? _____

(xiii) Quantas vezes você já foi trabalhar no Japão?

vez(es).

(xiv) Qual o período de permanência no Japão no total de vezes que foi trabalhar (escreva zero se ficou menos de 1 ano)?

ano(s)

(xv) Se foi mais de uma vez, por que voltou ao Japão nesta última vez?

i. Quantas vezes, na sua última ida, mudou de emprego no Japão (escreva zero caso tenha trabalhado em um só lugar)?

vez (es)

ii. Quando foi ao Japão, desta última vez, de que modo encontrou trabalho? (assinale apenas uma opção)

nas agências de turismo do Brasil/agenciadoras/empreiteiras no Japão

através de amigos e parentes

convite de empresa que foi ao Brasil recrutar

Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no exterior (CIATE)

jornais

organizações religiosas

internet

outro _____

iii. Você esteve desempregado no Japão?

não

sim

Quanto tempo? _____

iv. O imóvel onde residia no Japão era:

- próprio
- alugado
- da empreiteira (mesmo alugado)
- da firma para qual trabalhava (mesmo alugado)
- outros (especifique) _____

v. Quem custeou sua passagem de ida ao Japão:

- a firma para a qual trabalha(ou)
- empreiteira/agenciadora
- eu próprio/família
- outros. Quem? _____

vi. Com que tipo de visto entrou no Japão e que visto possuía ao sair?

	Na entrada	Na saída
Turista		
Permanência temporária		
Permanência permanente		

vii. Qual foi o objetivo de sua ida ao Japão? (pode assinalar mais de uma opção)

- fixar-se no Japão
- fugir do desemprego no Brasil
- insatisfação com a renda/salário que tinha no Brasil
- busca de oportunidade de melhoria de vida
- poupar dinheiro para investir em negócios no Japão
- acompanhar familiares
- poupar, para no Brasil abrir um negócio próprio
- poupar, para no Brasil ajudar nos negócios da família
- acumular experiência numa área de trabalho
- sustentar a família
- conhecer o Japão
- conseguir recursos para pagar os estudos
- conseguir recursos para pagar dívidas
- outros
- quais? _____

viii. Você acha que seus objetivos no Japão foram alcançados:

- sim
- não
- parcialmente

ix. Caso você tenha levado seus filhos ao Japão, eles freqüentaram:

- escola japonesa
 - escola brasileira
 - ensino supletivo à distância
 - não freqüentaram escola porque
-

x. Na escola, os seus filhos tiveram dificuldades?

- não
- maus tratos

comunicação (idioma)
não adaptação ao sistema
discriminação
não freqüentaram escola
outros
quais? _____

xi. Você e sua família se adaptaram à vida no Japão?

sim não
mais ou menos
alguns dos membros da família tiveram problemas

xii. Qual a maior dificuldade que você enfrentou no Japão? (assinale somente as alternativas que julgar importantes)

comunicação (língua)
adaptação no emprego
escola para os filhos
doenças/depressão
saudades do Brasil
rebeldia dos filhos
não adaptação aos usos, alimentação, costumes e pensamento japoneses
discriminação
desemprego
relação com autoridades
relação com os empregadores
relação com colegas de trabalho japoneses
relação com colegas de trabalho brasileiros
relação com os vizinhos
relação com os japoneses em geral
excesso de trabalho
legislação local

xiii. No Japão, como você obteve notícias dos familiares e amigos?

cartas
telefonemas
e-mail próprio em casa
e-mail no trabalho
e-mail de acesso público
e-mail de telefone celular
não me comuniquei com eles

xiv. Como você obteve notícias do Brasil?

através de parentes/amigos
programas de rádio e TV
vídeos
internet
jornais e revistas
não acompanhei notícias do Brasil

xv. Seu contato no Japão, fora do trabalho/escola, com os seguintes grupos foi:

	Nenhum	Raro	Mensal	Semanal	Diário
Brasileiros					
Outros estrangeiros					
Japoneses nativos parentes					
Japoneses nativos não parentes					
Colegas de atividades esportivas					
Membros de grupo religioso					
Colegas de trabalho/ estudo japoneses					
Colegas de trabalho/ estudo brasileiros					
Própria família					
Vizinhos					

xvi. Lá no Japão você freqüentou algum tipo de:

	Sim	Não
Grupo religioso / igreja		
Associação esportiva		
Associação ligada ao trabalho		
Museus		
Teatro, cinema		
Curso profissionalizante		
Curso de japonês		
Feiras/seminários de negócios		

xvii. Dos assuntos tratados com os japoneses e/ou brasileiros, qual tema foi mais freqüente?

- lazer
- novas aprendizagens no trabalho
- transferência de tecnologias ao Brasil
- família, problemas e “fofocas”
- idéias sobre negócios no retorno ao Brasil
- outro _____

xviii. Com respeito ao trabalho em si, algum treinamento recebido dentro da empresa desenvolveu alguma habilidade especial ou proporcionou a você alguma qualificação profissional, válidas no Brasil?

não sim
 quais? _____

xix. O número médio de horas trabalhadas no Japão por semana foi horas

xx. Conseguiu acumular dinheiro:

não sim
 quanto? _____ (dólares americanos).

xxi. Você fez remessas regulares de dinheiro para o Brasil:

não sim
 quanto? _____ (dólares americanos)
 a cada _____ (período)

xxii. Você buscou informações no Japão ou no Brasil com pessoas que trabalham em negócios que desejava desenvolver no Brasil?

sim não

xxiii. No Japão você buscou informações sobre trabalho, empresas e economia do Brasil?

sim não

algumas vezes

xxiv. Você teve tempo /interesse /oportunidade para freqüentar no Japão cursos de língua japonesa, cultura/costumes, profissionalizante (massagem oriental, computação, mecânica, eletrônica etc) ou gerenciamento/empreendedorismo?

não pensei nisso

	Língua	Cultura	Profissionalizante	Gerenciamento
Fiz, pois tinha tempo/interesse				
Não tinha interesse				
Não tinha tempo				
Não tive oportunidade				

READAPTAÇÃO AO BRASIL

xxv. Há quanto tempo você voltou ao Brasil?

xxvi. No Brasil, como está sendo a readaptação com respeito a:

	Boa	Regular	Ruim
Língua			
Filhos			
Vida Social			
Vida familiar			
Trabalho			
Cidade onde vive			
Política/Situação Social			
Outros			

quais? _____

xxvii. Você já organizou seu plano de vida aqui no Brasil?

não sim, ainda no Japão

sim, aqui estou organizando

xxviii. Que tipo de apoio você julga necessitar?

de amigos e familiares para readaptação na cidade, no País

de amigos e familiares para arranjar trabalho

de capacitação profissional para facilitar arrumar emprego

educacional, para adaptação dos filhos na escola

gestão empresarial através de cursos e treinamentos para abrir um negócio próprio

para regularizar documentação

assistência médica

assistência psicológica
outro – qual? _____

xxix. Qual era a sua principal atividade de trabalho no Brasil antes da sua viagem ao Japão? E no Japão? E agora na volta ao Brasil?

Br antes	
Japão	
Br agora	

xxx. Você teve algum tipo de cobertura de saúde/previdência durante a sua estadia no Japão, e agora no Brasil depois da sua volta (assinale pelo menos uma resposta em cada linha):

	Sim, no Jp	Sim, no Br	Não
Assistência à Saúde para si			
Assistência à Saúde para a família			
Seguro de Vida			
Seguro Acidente			
Previdência Oficial			
Previdência Privada			

EMPREENDEDORISMO E CAPACITAÇÃO

xxxi. Você consideraria trabalhar em um negócio em forma de cooperativismo/associativismo?

sim nunca pensei nisso não

xxxii. Você pretende abrir (ou já abriu) o seu próprio negócio com o fruto de seu trabalho no Japão?

sim estou em dúvida
não (se respondeu não, encerre a entrevista neste ponto)

xxxiii. Você pesquisou a área em que deseja investir (investiu)?

não sim
estou pesquisando

xxxiv. Para o bom êxito de seu empreendimento é preciso pesquisar formas inovadoras para desenvolver negócios, elaborar um plano, obter informações atualizadas, desenvolver habilidades, processar as informações adaptando-as ao mercado local e nacional. Você considerou ou está considerando todo esse processo?

não ainda não pensei nisso
sim não sei como fazer

xxxv. Se não iniciou empreendimento algum, já analisou a situação sócio-econômico financeira do Brasil e de sua cidade?

não sim
estou analisando

xxxvi. Em termos de negócios, quanto pretende investir (ou investiu)?

mil dólares

xxxvii. Já está desenvolvendo negócio próprio?

não sim

não, mas gostaria de desenvolver

xxxviii. Há quanto tempo?

_____ (anos/meses)

xxxix. Está obtendo sucesso?

sim não deu tempo para avaliar

mais ou menos não

xl. Em que área você conseguiu trazer do Japão maior conhecimento e em que área pretende investir (está investindo)?

	Aprendeu no Japão	Área do investimento
Elétrica		
Eletrônica		
Automotiva		
Siderúrgica		
Informática		
Avicultura		
Alimentação		
Tecelagem		
Construção Civil		
Mecânica		
Plásticos		
Saúde		
Agricultura		
Suínocultura		
Entretenimento		
Vidraçaria		
Telecomunicações		
Metalúrgica		
Hospedagem		

outros – quais? _____

xli. Visitou empresas similares e/ou conversou com pessoas dessa área de trabalho para conhecer a realidade que irá enfrentar?

não sim

vou começar este processo

xlii. Quais dos assuntos seguintes você conhece ou já teve contato:

análise de riscos e investimentos

pesquisa mercadológica

elaboração do preço de produto

sistema de custos

contabilidade
tributos municipais, estaduais e federais
direitos trabalhistas

xliii. Você buscou ajuda em suas dúvidas e dificuldades na instalação de uma empresa, ou mesmo para discutir suas idéias?

não sim
não sei como fazer

xliv. Se a resposta for SIM, onde ou com quem se aconselhou?

familiares
amigos
em entidade de consultoria e capacitação
Qual? _____

xlv. Você se proporia a fazer um curso para fortalecer seu empreendimento, para abrir seu próprio negócio ou para minimizar suas deficiências (se houverem)?

não sim
talvez

xlvi. Qual(is) a(s) área(s) de seu maior interesse para cursos? Cite-as

xlvii. Você aceitaria ter um treinamento em gerenciamento/empreendedorismo?

sim, se fosse sem custo
sim, mesmo que fosse com custo
não, por que?

xlviii. Caso você tenha tido experiência com negócios próprios ou em situações de chefia, encontrou dificuldade com:

Não tive experiência

	Sim	Não
Planejamento		
Execução		
Abrir Negócio		
Acompanhamento		
Liderança		
Gerenciamento		
Legislação Tributária		
Legislação Trabalhista		

xlix. Onde morava no Brasil antes de ir ao Japão (cidade/estado)

CIDADE ONDE MORA _____
ESTADO _____

Muito obrigado!

ANEXO C - Distribuição da cidade de residência no Brasil antes da ida ao Japão e após o retorno segundo sexo - *dekasseguis* retornados

	Antes da ida			Depois do retorno		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Acará	1,2%	0,1%	0,7%	1,0%	0,1%	0,6%
Adamantina	0,3%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Alfinópolis	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,1%	0,1%
Altamira	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Altinópolis				0,0%	0,1%	0,1%
Amambai	0,5%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%
Ananindeva	0,4%	0,4%	0,4%	0,4%	0,6%	0,5%
Andradina	0,1%	0,2%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Apucarana	0,1%	0,4%	0,2%	0,1%	0,1%	0,1%
Arapongas	0,0%	0,4%	0,2%	0,0%	0,4%	0,2%
Araraquara	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Araucaria	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Araçatuba	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%
Araçoiaba Da Serra	0,0%	0,3%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Arujá				0,3%	0,0%	0,1%
Assaí	0,4%	0,4%	0,4%	0,5%	0,4%	0,4%
Astorga	0,0%	0,4%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Bandeirante	0,0%	0,4%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Bastos	2,5%	3,0%	2,8%	2,8%	3,9%	3,3%
Bataguauçu	0,0%	0,4%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Bauru	0,0%	0,3%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Bela Vista	0,0%	0,4%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Belém	3,6%	4,1%	3,8%	3,9%	4,2%	4,1%
Birigui	0,0%	0,3%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Borrazópolis	0,0%	0,4%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Brasília	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Camapuá	0,3%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Campinas	0,3%	0,1%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Campo Grande	8,2%	8,3%	8,2%	16,3%	13,1%	14,8%
Campo Limpo	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Campo Mourão	0,8%	0,4%	0,6%	1,3%	0,8%	1,0%
Capão Bonito	0,3%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Casa Verde				0,2%	0,0%	0,1%
Cascavel	0,3%	0,4%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%
Castanhal Do Pará	0,1%	0,3%	0,2%	0,1%	0,3%	0,2%
Caxim	0,3%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Corguinho	0,0%	0,4%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Corumbó	0,3%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Cotia	0,9%	0,0%	0,4%	0,8%	0,0%	0,4%
Cruzeiro Do Oeste	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Cuiabá	0,0%	0,7%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%
Curitiba	5,2%	4,9%	5,0%	6,7%	6,8%	6,8%
Diamante Do Norte	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Dourados	0,7%	0,9%	0,8%	0,0%	0,0%	0,0%

Dracena	0,3%	0,4%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%
Eldorado	0,0%	0,4%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Fazenda Rio Grande	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%
Foz Do Iguacu	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Fátima Do Sul	0,5%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%
Guarulhos	0,7%	1,3%	1,0%	0,5%	1,2%	0,8%
Iacri	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Indaiatuba	0,1%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Inhanduí	0,0%	0,4%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Itaguai	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Itapetininga	0,3%	0,4%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%
Itú	0,0%	0,4%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Jaraguari	0,2%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Jardem	0,5%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%
Júlio Mesquita	0,0%	0,4%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Londrina	6,0%	6,6%	6,3%	6,6%	6,8%	6,7%
Manaus	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Maracajú	0,3%	0,4%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%
Marialva	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Maringá	11,3%	10,3%	10,8%	15,1%	14,9%	15,0%
Marília	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Mairiporã				0,2%	0,0%	0,1%
Mauá				0,0%	0,7%	0,4%
Mea	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Miranda	0,5%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%
Mogi Das Cruzes	0,0%	0,4%	0,2%	0,0%	0,1%	0,1%
Mundo Novo	0,0%	0,4%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Nova Aurora	0,5%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%
Nova Esperança	0,3%	0,4%	0,3%	0,0%	0,7%	0,4%
Osasco	0,2%	0,0%	0,1%	0,5%	0,8%	0,6%
Oswaldo Cruz	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,1%
Paranavaí	1,0%	1,8%	1,4%	1,0%	1,8%	1,4%
Piedade	0,3%	0,0%	0,1%	0,3%	0,0%	0,1%
Pilar Do Sul	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Pinda	0,1%	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%
Pindaba				0,1%	0,0%	0,0%
Pindamonhangaba	0,2%	0,0%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%
Poa	0,0%	0,3%	0,1%	0,0%	0,3%	0,1%
Ponta Grossa	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Ponta Porã	0,8%	0,1%	0,5%	0,5%	0,0%	0,3%
Porto Alegre	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Praia Grande				0,0%	0,1%	0,1%
Presidente Venceslau	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,1%	0,1%
Registro	0,2%	0,3%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Ribeirão Pires	0,1%	0,3%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Ribeirão Preto	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Rio De Janeiro	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Rio Negro	1,0%	0,8%	0,9%	0,5%	0,0%	0,3%
Rio Verde	0,2%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%

Rolândia				0,1%	0,0%	0,0%
S.P.Amoreira				0,1%	0,0%	0,0%
Rubens Do Rio Pardo	0,5%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%
S Bernardo Do Campo	1,4%	0,9%	1,2%	1,3%	0,9%	1,1%
Salvador	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Santa Catarina	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Santana	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Santo André	2,0%	2,4%	2,2%	2,0%	2,1%	2,0%
Santos	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,1%	0,0%
São Caetano Sul	0,1%	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%
Sidrolândia	1,3%	0,4%	0,8%	0,0%	0,0%	0,0%
Santa Cecília Do Pavão	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Sarandi				0,2%	0,0%	0,1%
São José Dos Campos	1,3%	0,6%	0,9%	1,5%	0,9%	1,2%
São Paulo	28,7%	30,9%	29,8%	23,0%	27,8%	25,4%
São Sebastião da Amoreira				0,1%	0,1%	0,1%
Sorocaba	6,4%	5,5%	5,9%	8,0%	6,9%	7,5%
Suzano	0,6%	0,4%	0,5%	0,4%	0,2%	0,3%
Tabaquara				0,0%	0,1%	0,1%
Taboão Da Serra	2,0%	1,1%	1,6%	2,0%	1,1%	1,6%
Tamarama	0,8%	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%
Tangará Da Serra	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Terenas	1,0%	0,4%	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%
Tomé Açú	0,2%	0,0%	0,1%	0,2%	0,0%	0,1%
Torre Do Oiçu	0,0%	0,4%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Tupã	0,3%	0,2%	0,3%	0,4%	0,2%	0,3%
Uberaba	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Umuarama	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Uniflor	0,5%	0,0%	0,3%	0,5%	0,0%	0,3%
Vargem Grande	0,0%	0,4%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%
Vila Alpina				0,0%	0,4%	0,2%

Fonte: dados da pesquisa - questionário C.